

MANUEL A. VIEIRA

RECORDAÇÕES



DA

ARGENTINA E PARAGUAI

BARCELOS 1947



Para a Biblioteca Municipal
de Barcelon

oferta

do

Autor

Manuel de la Huerta

Fevereiro de 1947

2 exemplares

RECORDAÇÕES DA ARGENTINA E PARAGUAI

(1902 - 1916)

NA CAPA:

Sob céu azul e nuvens brancas como espuma, figuram duas bandeiras, a da Argentina e a do Paraguai, e sobre dois férteis campos, um de trigo dourado, outro de plantas verdes de tabaco, salienta-se um moderno e elegante gaúcho, com a sua característica indumentária: poncho, rebenque, pañuelo al cuello, bombacha, botas de montar y espuelas, montado em soberbo cavalo, a saúdar o símbolo das duas Nações livres, independentes, vizinhas e amigas.

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

C.M.B.
Biblioteca



Manuel Augusta Vieira

MANUEL AUGUSTO VIEIRA

C.M.B.,
Biblioteca

RECORDAÇÕES
DA
ARGENTINA e PARAGUAI
(1902 - 1916)



30.VII.1947

Barcelone
Pernu

1947
BARCELOS
(Portugal)

DO AUTOR:

EM BUSCA DO ELDORADO — Barcelos, 1936.

A SEUS IRMÃOS,

ARTUR E JOAQUIM VIEIRA
E A SUAS RESPECTIVAS FAMÍLIAS,
RESIDENTES NA AMÉRICA DO SUL,
COMO PROVA DE MUITO CARINHO,
DEDICA ESTE MODESTO TRABALHO

o *AUTOR.*

PREFÁCIO

FALAR ANTES . . . É o significado etimológico da palavra prefácio. Falar antes para quê? Para elucidar, para justificar. Para indicar ao leitor os elementos que determinaram uma obra e precavê-lo, assim, dum erróneo julgo de absolutismo crítico.

O personagem histórico deve apreciar-se na sua época; e a produção literária, na época e no autor. « O estilo é o homem ». Isto é, cada homem cada forma de pensar, de sentir, de agir e reagir, de amar e sofrer a decepção, de encarar passivamente a vida maldizendo-a, ou de a viver modificando-a. Modelos literários imutáveis não existem.

Este livro não é pròpriamente de viagens nem romance nem crónica nem crítica, mas apresenta certamente um pouco de tudo isto. Como obra dum autodidacta, está fora das peias convencionais da composição literária. Por isso, não tem para os canonistas rígidos das letras aquela inflexível unidade de factura, o que, a nosso ver, mais original a torna.

Se alguém buscasse, porventura, nestas páginas artificios literários, iludir-se-ia. O autor procurou sòmente, por aquele inato dom da comunica-

bilidade, reproduzir, melhor, viver pela saudade factos, episódios que presenciou em terras longínquas. Confessa-o ele com toda a sinceridade. Deste modo não há o preparo cuidado de essências combinadas, mas sim, o aroma das florinhas simples que erguem o caule e ostentam a sua corola, mercê da terra, do ar e do sol. Não raro, certos capítulos dão, pela naturalidade, a impressão de crónicas jornalísticas, meramente expositivas.

Sobre gostos, campo vasto... No entanto, afigura-se-nos a parte formosa do livro o diário final de Mário Viana e a dulcíssima figura de Lucie que empoalha de beleza a narrativa.

A linguagem ressen-te-se duma ou outra construção exótica desculpável em quem conviveu, duas décadas, com povos da América do Sul. Não só a linguagem, como o próprio estilo.

O ilustre escritor recebeu já o baptismo das letras em 1936 com a publicação do volume « Em busca do Eldorado » obra que recebeu aplausos da crítica. Desde então, furta alguns momentos à sua vida comercial absorvente para os dedicar à redacção de nótulas, artigos, comentários que, diga-se de passagem, tendem sempre a suscitar ambiente para larga beneficência ou a enaltecer algum filantropo emérito ou ainda a defender interesses da sua terra natal a cujo progresso está continuamente vigilante. E isto com uma actividade sempre moça.

A vida de Manuel Vieira foi muito agitada, talvez mesmo aventureira: dedução fácil para quem ler os seus dois volumes. Não será de estranhar,

portanto, qualquer liberdade de expressão ou de narrativa na presente obra.

Por outro lado há algumas características simpáticas que nos apraz registar: vivacidade, emoção, minúcia, descrição amorosa da natureza, patriotismo. E, se dermos relevo ao saudosismo que impregna as suas páginas, ao culto respeitoso da mulher e ao espírito de aventura, esta obra é verdadeiramente humana e, acima de tudo, portuguesa.

Ribeiro da Silva

PREÂMBULO

A PÓS uma vida de titânica labuta, à mistura com aventuras, prazeres e alegrias, é consolador recordar, rever com o pensamento, a agitação dessa mesma vida que, por natureza própria, estanca e jamais volta.

Ao trasladar 'para o papel a narrativa dos momentos felizes e infelizes na trajectória imposta pelo destino à minha passagem por este mundo, senti no íntimo o mais grato e consolador instante da minha existência. Diz bem o poeta: *«recordar é viver»*.

Evocando o que a mente retinha do passado, vivi de novo aqueles minutos, horas, dias, meses e anos de trabalhos e canseiras, mas também de gozo, paz e alegria nesses hospitaleiros países, distantes do meu torrão natal, da minha querida Pátria.

Barcelos, Maio de 1947.

M. A. V.

A bordo

No cais de Alcântara, amarrado por sete cabos, como criminoso que quisesse fugir, estava o transatlântico C. P., imponente, majestoso, indifferente ao borborinho que se fazia em redor de si. Da chaminé de ré, minuto a minuto, o fumo engrossava, saía mais espesso. Para o seu bojo, por um lado, entrava a última carga; pelo outro, malas e mais malas e, ao mesmo tempo, certas especialidades comestíveis, frescas, dos férteis mercados da nossa linda Lisboa, para consumo de tripulantes e passageiros, durante os quinze dias de viagem a Rio de Janeiro-La Plata e Buenos Aires.

A hora da partida aproximava-se e acabavam de encher os depósitos de água potável. Da amurada, os passageiros de primeira e terceira, pondo as mãos em derredor da boca, formando um cone, para que a voz se ouvisse mais alto, mais nítida e mais longe, transmitiam para terra aos parentes ou amigos as suas últimas recomendações.

— Não te esqueças; olha bem pela casa e pelo eirado (é que este deixava ainda alguma coisa).

— Recomendo-te a minha velhota, não a desampares; se eu for feliz, quando voltar, te agradecerei.

Um gaiato dizia para o amigo :

— Tu vai à rua tal, dá um abraço àquela que sabes, mas tem cuidado porque, quando eu regressar, ela há-de ser novamente a minha companheira.

Resposta picaresca do amigo :

— Vai descansado que, na tua ausência, farei as tuas vezes e nada lhe faltará.

Assim, enquanto a música de bordo executava uma marcha, o colossal vapor, depois de se ver livre das amarras, afastava-se mansamente, suavemente, do cais, em rumo à barra.

Surgem então na maloria lágrimas dos olhos; e dos dois lados, bordo e terra, agitam-se lenços. Cruzam-se no ar, com o acenar dos lenços, as saudades e as esperanças; a tristeza do momento, debelada pelas ilusões de um feliz futuro.

O panorama da cidade parecia fugir-nos da vista.

Eu também tive recomendações a fazer a uma irmã, que, com duas amiguinhas, vieram ao bota-fora. Enquanto as distingui de bordo, acenei-lhes com o meu lenço.

Os portugueses, que iam para o Rio de Janeiro, explicavam aos que não conheciam a nossa linda capital os pontos mais importantes que de bordo se divisavam. Todos os passageiros de primeira classe permaneceram de pé no convés, como se estivessem rendendo uma cortês homenagem ao nosso país. Só quando as últimas casas se esvaíam da nossa retina e o mar não nos deixava conservar equilibrados é que todos se retiraram, uns para os salões, outros para os camarotes.

*

*

*

A bordo, de entre tantos companheiros que seguiam o mesmo destino, só dois me mereceram registo especial, pela maneira como nos entendíamos, pelas provas de verdadeira dedicação e amizade que me dispensaram.

Um era o Doutor Achával, distinctíssimo clínico uruguaio, dos seus quarenta e tal anos de idade que, desde a sua formatura, estabeleceu como programa realizar, de dois em dois anos, uma viagem de seis meses pelas nações europeias. Uma vez por conta própria, outras por conta do seu governo, colher ou espalhar sabedoria. Falava correctíssimamente o castelhano. Com a sua convivência, ouvindo atento a sua fluente palavra, muito aprendi. Dizia conhecer profundamente os heróicos feitos dos portugueses. Admirava sobremaneira o espírito aventureiro do povo audaz e corajoso de Portugal.

« Não me esqueço, dizia ele, que a Banda Oriental, minha Pátria, já pertenceu aos portugueses e que mais tarde foi incorporada no Império do Brasil. Se não fosse a expedição dos trinta e três patriotas orientais, comandada pelo grande general João António Lavallejas, com as retumbantes vitórias de Rincón e Sarandí e depois com a ajuda dos generais argentinos Las Heras, Carlos Alvear, Rodriguez Peña e do almirante Brown, que lutaram para conseguir a independência absoluta do Rei de Portugal, e, mais tarde, do Imperador do Brasil, talvez o Uruguai ainda hoje fosse uma província brasi-

leira. Felizmente, somos independentes e, com orgulho digo, o meu país, ainda que pequeno, em leis modernas de interesse colectivo e social, avança na vanguarda de nações europeias muito grandes e poderosas ».

A outra companhia, dedicada e inesquecível, foi Madame Lucie Bertrand, belga de nascimento, que com o Doutor Achával se tornaram meus inseparáveis companheiros, no passeio, ao jogo do dominó e damas. Estas relações travaram-se pela circunstância de ter o mestre-hotel designado, na sala de jantar, uma mesa para os três.

Madame Lucie era da minha idade, mas já viuva duas vezes.

Mostrou desde logo um certo interesse em não se afastar de nós. Interpretamos isso como necessidade de companhia durante a viagem, na ânsia de lhe render alguma coisa . . .

Tinham-me dito que a bordo dos transatlânticos costumam viajar sedutoras meretrizes, à caça de partido ou de dinheiro; por isso, o nosso primeiro pensamento foi, que esta companheira era uma dessas aves pouco raras que correm mundo. Porém, rapidamente demos conta de que estávamos enganados nas nossas suposições.

Era uma honestíssima senhora, que, simpatizando connosco, pela nossa conduta de absoluto respeito, procurou insinuar-se e conquistar a nossa simpatia. Dizia ela que era para se livrar de certos passageiros que, atrevidos, por irem em convívio mútuo durante os 15 ou 20 dias de viagem, se julgavam no direito de abusar de uma senhora que viaja sôzi-

nha, dirigindo-lhe infames insinuações e propostas. «Assim estudei-vos e convenci-me de que, andando na vossa companhia, dizia ela, serei respeitada».

Lucie era alta, de plástica equilibrada e perfeita, cabelos louros. Pintava as faces, os olhos e os lábios, mas sem exagero. Vestia com elegância e mudava com frequência de toilette. Ao almoço, trajo de praia claro, descuidado, num à vontade; ao jantar, rico vestido de setim-marouquin, preto; discreto decote, que fazia sobressair a alvura de um lindo colo, adornado com uma cruz de brilhantes e platina, presa a um fio do mesmo metal. Nas orelhas, dois pequenos solitários diamantinos pura-água; nos dedos, apenas uma marquise de pérolas e brilhantes.

Na passagem da linha, como é costume em todos os vapores e em primeira classe, houve festa para distribuição dos prémios aos vencedores dos jogos até ali realizados, seguida de um baile de gala. Lucie apresentou-se atraente, simpática e sem exageração, ricamente vestida. Só dançava connosco, e com isso sentíamo-nos vaidosos. Dizia-me o Doutor, no fim de dançar com ela uma valsa:

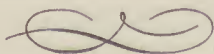
— É divinal! Que dirão os outros passageiros?

— Que ela vai por nossa conta, disse eu...

Quando algum de nós com intenção preconcebida dirigia à Lucie alguma palavra mais livre, mais forte, ela chamava a nossa atenção para a confiança que tomávamos e demonstrava logo o seu mais profundo desgosto. Por esse motivo, sempre a tratamos com o máximo respeito.

Demos-lhe o nosso mais franco apoio e tornamo-nos verdadeiros camaradas, depois de ela nos ter contado, com uma sinceridade que não deixou dúvidas, a sua vida passada e presente.

Se fosse realmente uma «veleta», procuraríamos afastá-la de nós para não cairmos no ridículo aos olhos dos outros passageiros. Depois de convencidos da sua honestidade, as três cadeiras alugadas a bordo, jamais se separaram.



II

A vida de Madame Lucie

«N^{ASCI} em Antuérpia, disse ela, e é meu pai um grande industrial. Quando entrei na idade de estudar, mandaram-me para Paris, para um colégio religioso das Irmãs Doroteias. Ali aprendi labores, piano, inglês. Deram-me uma educação perfeita e completa. Não tive vocação para irmã de caridade, mas fiquei sempre católica, apostólica, romana, como é toda a minha família.

Um dia, já mulher, fui, contente e feliz, passar o mês de Dezembro, as férias do Natal, a casa de meus pais. Radiante momento este para uma colegial que viveu meses, anos, sob férrea disciplina. Revivi a infância nas praças, avenidas e ruas da cidade onde nasci e, julgando-me de maior idade, principiei a olhar para os homens com um desconhecido interesse.

Havia na fábrica um empregado de nacionalidade alemã, com quem simpatizei. Amámo-nos e, quando parti para o colégio, a fim de completar os estudos, juramos um ao outro amor eterno. As cartas, em flamengo, de Paris para Antuérpia e vice-

versa, contínuas e extensas; eram lidas e relidas. Ansiosa, esperava o momento do regresso, contava os dias, as horas. O amor chamava-me.

Entrou o mês de Dezembro e o almejado dia chegou. Então, com uma alegria misturada de saudade, despedi-me, com lágrimas nos olhos, das irmãs minhas professoras e muito amigas.

Hans—assim se chamava o meu mais que tudo—e eu, com a assiduidade da correspondência, tínhamos arreigado profundamente os sentimentos de um inquebrantável amor.

Um dia, meu pai surpreendeu-nos numa conversa muito íntima e, desconfiado do que podia haver, penetrou bruscamente no meu quarto, deu uma busca minuciosa por todos os cantos e móveis e encontrou cartas do Hans. Colérico, pois pensava casar-me com pessoa de mais elevada posição, chamou-o e, diante de mim, despediu-o. Eu fiz-me forte, não me atraíçoei, não derramei uma só lágrima naquele acto, mas devia estar pálida, da cor da cera, porque, aparecendo minha mãe, surpreendida, mas providente, veio pôr-se por trás de mim, com as mãos nos meus ombros, receando que eu desmaiasse.

Hans retirou-se; o meu coração sangrava.

Recolhi ao meu quarto e caí de joelhos diante de Nossa Senhora de Fourvière, da minha devoção, que trouxe de Lyon, quando de uma peregrinação até ali realizada com as irmãs Doroteias. Não pude então sustar as lágrimas. Chorei, chorei muito, pedindo-lhe que me gulasse, que incutisse no meu cérebro o rumo a seguir, os passos a dar.

Quando fui à refeição da noite, tentei dissimular a comoção que me ia na alma; mas o golpe foi rude de mais para poder fingir. Os meus olhos de tanto chorar atraíam-me, pois devia ter estampada no rosto a dor que sentia. Pelos olhares que surpreendi a meu pai, compreendi que fingia não perceber, não dar conta das minhas máguas e mostrou-se alegre para ver se essa alegria me contagiava. Insistiu para que naquela noite fosse ao teatro, ouvir o « Lohengrin ». Aceitei o convite, e toda a família foi, inclusive os meus dois irmãos que também trabalhavam na fábrica.

Minha mãe chorava, sofria, rezava comigo. Era a única que compreendia bem o meu sofrimento. Com sua autorização saí algumas vezes a compras, com o fim de me encontrar com Hans. Este, como era inteligente e bom técnico, não lhe foi difícil conseguir emprego. Viamo-nos duas vezes por semana. Além disso, escrevíamos com frequência.

O tempo foi passando e o Hans, persistente no trabalho e sempre de boa vontade para com os seus superiores, respeitador e obediente a uma férrea disciplina, ascendeu logo na nova fábrica a chefe dos técnicos. Com essa promoção veio o aumento de ordenado, que serviu de estímulo ao desejo de constituir família. Pediu ao patrão, que já era seu verdadeiro amigo, o favor de falar ao colega a pedir-lhe a minha mão. Meu pai opôs-se terminantemente, dizendo :

— Ela tem vinte e um anos; que faça o que quiser, mas, se casar, que não conte comigo para coisa alguma.

« Hans era de religião protestante, mas, pelo seu bom coração, por meu amor e com a ajuda do patrão, que também era católico, converteu-se ao catolicismo.

« Casámos e fomos doze meses felicíssimos. Quando íamos festejar o primeiro ano venturoso, uma pneumonia dupla, traiçoeira, arrebatou-mo dos braços para a sepultura.

« Viuva muito nova, confiei a minha sorte a Deus e à Virgem da minha devoção. Quando casei, para vivermos desafogados, ofereci-me para dactilógrafa da fábrica onde o Hans trabalhava, e foi bom, porque nesse posto continuei depois de viuva.

« A casa onde vivia passou a ser grande demais para mim e resolvi alugar parte, o que também era uma ajuda.

« Um dia, um casal vindo da América, foi apresentado na fábrica e mostrou desejos de visitar todas as dependências e oficinas. O patrão, por eu falar bem o francês, mandou-me acompanhar a senhora, enquanto outro empregado de escritório acompanhava o cavalheiro, que se dizia grande comerciante em Buenos Aires. Depois de terem percorrido todas as secções, a senhora, ao agradecer-me a atenção que tive para com ela, entregou-me um cartão seu; e, dizendo que simpatizou muito comigo, convidou-me a ir com ela para a América; — que me pagava a passagem e me arranjava um emprego mais lucrativo do que o de dactilógrafa.

« Declinei, no momento, a oferta, afirmando, com certo entusiasmo de uma boa belga, que jamais deixaria a Pátria.

«Naquela noite, depois de ter rezado como de costume, deltei-me; e o sono, que geralmente vinha fácil, custou a vir.

Esse oferecimento tinha-me perturbado o cérebro. Ouvia dizer maravilhas da América.

Principiei então a sonhar, desperta, com esses países novos. Numa luta constante, titânica, comigo mesmo, passei quinze dias. Findo esse prazo, tendo-me encomendado à protecção da minha Virgem de Fourvière, procurei a gentil e generosa senhora no hotel onde estava hospedada para lhe dizer que me sentia na disposição de partir, se ela ainda mantivesse a proposta feita.

— Como *no?* — disse ela.

«Preparei roupa suficiente e fui participar a meus pais o que tinha resolvido. Minha mãe, que todos os dias me visitava, sobressaltou-se ao receber a notícia. Não se conformava com a minha resolução. Meu pai, também não concordou com essa determinação. Queria que fosse para a sua companhia, para a sua fábrica, fazendo eu o ordenado que quisesse.

Recusei. Tinha dado a minha palavra. Fui eu que, depois de muito reflectir, me ofereci e não estava disposta a desistir. A aventura de uma viagem por mar também me seduzia.

«Um mês depois, com muitas malas cheias de roupas e peças de linho com o meu nome na embalagem — sem serem minhas — embarcámos com destino a Buenos Aires.

«Só a bordo soube que as peças de linho e roupas eram contrabando; por isso, os meus bons

protectores e amigos puseram as malas com o meu nome.

« A senhora tratava-me como se trata uma filha. Eu mesmo me surpreendia do cuidado extraordinário que ela tinha comigo. Não queria que o sol, o ar do mar me queimasse a cútis. Se algum passageiro se demorava a conversar comigo, ela interrompia e não consentia. Contava-me histórias de raparigas que vão da Europa para a América e, em pouco tempo, voltam ricas. Outras encontraram argentinos ricos, que lhes deram palácios em Paris e em Buenos Aires. Muitas, de coristas de teatro, passaram, com protecção, a ser primas-donas, artistas de fama universal.

« Quando chegámos ao fim da viagem, capital da Argentina, é que compreendi que qualidade de família era aquela e o valor do emprego que me queriam proporcionar. Levaram-me para uma casa, estabelecimento de carne humana onde já viviam mais quatro vítimas: lindas raparigas, uma francesa, uma alemã e duas italianas. Protestei, gritei, bateiram-me, ameaçaram-me com a polícia e até com a morte. Não me sujeitei ao que queriam. Para me salvar, aparentei submissão e pedi oito dias para pensar. Foi um estratagema que deu resultado. Ao terceiro dia, com a minha melhor roupa no corpo, fugi.

« Andei ruas e ruas e, quando me julguei à distância bastante da casa perigosa, cheguei-me a um polícia e disse em francês, por não saber o castelhano, que queria falar com a autoridade superior. O homem viu-se atrapalhado porque não me com-



A BORDO — Os três inseparáveis companheiros,
trocam os cumprimentos da manhã.

preendia. Apitou, chamou um colega que estava a duzentos metros em outra esquina.

« Como se tratava de uma senhora de vestido de seda à última moda, mas sem chapéu, alguns transeuntes curiosos se juntaram. Entre estes um falava o francês e então expliquei que era belga e que desejava saber onde ficava o consulado do meu país ».

— Eu sou também belga, diz o cavalheiro e, se quiser, eu a acompanharei.

Aceitei reconhecida e já famos a marchar quando o polícia disse :

— *Esso nó vá asi; aguarden Vds. un poco. Diga Vd* — dirigindo-se ao meu intérprete — *quien és esta señora?* E, puxando por uma livreta, foi tomando nota.

« Esta senhora, disse o cavalheiro, é belga e quer saber onde é o consulado do seu país e eu ofereci-me a acompanhá-la porque sou belga também; e mostrou, na ocasião, enquanto explicava, o seu bilhete de identidade, no qual se via que era empregado do Banco « Italo-Belga ».

« O polícia tomou nota do número do carnet, dos nomes de ambos e só então nos deixou partir.

« No consulado, onde o cavalheiro era conhecido, contei a história da minha vida e como fui enganada, manifestando-me disposta a morrer antes que sujeitar-me à vida a que a tal família me queria destinar. Preferia trabalhar como professora, dama de companhia ou qualquer coisa, em casa de gente católica, para pagar a passagem.

O Cônsul, como todos em igual circunstância, disse que não tinha verba para poder, por sua conta, recolher-me, mas que me recomendava à casa das irmãs Doroteias daquela cidade e que talvez lá pudesse obter agasalho. Quanto à passagem, diz o Cônsul, nada pagará, porque a polícia vai tomar conta do caso.

Não — disse o cavalheiro que me acompanhava — se o Snr. Cônsul não vai contra isso, eu apresento esta senhora a minha mãe e, até tomar qualquer deliberação, fica na nossa companhia.

« Chorei, nessa ocasião, de comoção, por ver que se no mundo se encontram facínoras, malvados, também existem corações nobres, caritativos, bondosos e amigos.

Aceitei a oferta. Fiquei radiante ao conhecer a velhinha patrícia, mãe do que me acompanhou. No dia seguinte, a polícia se encarregou de tirar a minha roupa da casa imunda, onde eu tinha ido parar.

« Mostrando desejo de trabalhar, o Cônsul e a família, já amiga, arranjam-me emprego, para correspondência estrangeira, numa das primeiras casas daquela cidade, *Gath & Chaves*.

Apreendi rapidamente o idioma castelhano. Era felicíssima e para cúmulo dessa felicidade, passado um ano, casei com o meu salvador. No fim de seis meses de casada, não podendo, pelo meu estado de próxima maternidade, continuar a trabalhar, deixei o emprego. Pus um anúncio « *Dactilógrafa em casa para cópias em francês e inglês* ». Como naquela época havia poucos dactilógrafos, apareceram muitas

cópias a tirar. Quase não me chegava o tempo para cuidar da minha roupa e da do meu marido.

Aos 10 meses de casada, tive um filho rosado e loiro, lindo como os amores; era o nosso maior encanto, mas, de ano e meio, quando mais interessante se ia tornando, uma traiçoeira coqueluche roubou-mo. O golpe foi rude, mas tivemos de nos conformar; éramos novos e ainda podíamos ter muitos. Tal não sucedeu. Ao fazer três anos de uma constante lua de mel, o assassino e traiçoeiro tifo matou e roubou-me o carinho do meu segundo marido.

« Entregaram-me o valor do seguro de vida, que fazia parte do contrato com o Banco onde trabalhava e, com isso e por meio da dactilografia, embora mergulhada em profunda tristeza, vivi regularmente, na companhia de minha boa sogra. Esta senhora, sempre com o pensamento no seu único filho, não podia conformar-se com os desígnios de Deus; de repente, uma embolia cardíaca fez voar ao céu a sua bondosa alma.

« Fiquei naquele mundo sòzinha. Meu pai escrevia-me, pedindo que fosse para a sua companhia, porque minha mãe estava velhinha e precisava de mim. Invadiu-me então a nostalgia da Pátria e da Família até que voltei para Antuérpia, onde fui nomeada chefe do escritório da fábrica de meu pai.

« Jamais pensei voltar à América, mas deu-se o caso de um cliente de Buenos Aires, que nos é devedor de uma grande quantia, nos propor — por meio de carta — uma concordata, e, como resposta, vou à capital da Argentina, porque a conheço bem, para

de visu aceitar ou recusar, segundo o que melhor convier. Logo que liquide ou receba a maior parte da dívida, voltarei ao lar paterno.

« Eis em poucas palavras, companheiros, e creio que já meus amigos, a minha vida.

« Se ainda no vosso espírito fica a meu respeito alguma dúvida, que essa se desvaneça porque é a verdade pura; juro pela minha bendita Virgem de Fourvière: e, de repente, levantou-se e disse:— Vou buscá-la ao camarote para que a vejam ».

Dali a uns minutos, trouxe a imagem da Virgem, do tamanho, mais ou menos, de dois palmos de altura.

Assim se passava o tempo a bordo do C. P. Depois de jogarmos uma partida de dominó ou damas, conversávamos, passeávamos à volta do deck, ou íamos para o salão, quando a atmosfera se mostrava pesada, agreste. Aí íamos ou contávamos as nossas aventuras pelas terras que percorremos.

O mar, embora sempre intranquilo, mantinha-se, por momentos, relativamente calmo, conservando o vapor a estabilidade necessária para permitir as nossas quotidianas palestras e passeios, que faziam desaparecer as horas.



III

Milagre?...

DEPOIS de Madame Lucie ter contado a sua vida, o doutor amigo narrou, com espírito, vários episódios de que foi protagonista em Paris, Berlim, Bruxelas e Londres.

Embora se dissesse católico, não era muito crente em milagres, mas como visse o fervor de Madame Lucie por Nossa Senhora de Fourvière, contou um inexplicável caso, que o deixou perplexo, da seguinte maneira:

«Em Montevideu tenho o meu consultório na Avenida Dezoito de Julho, onde um dia se apresentou um senhor brasileiro alto, elegante, de cabelos grisalhos e pêra, Snr. Coronel Guimarães, a pedir-me para ir ao «Hotel Flórida» ver a sua filha muito doente. Fui e logo notei que se tratava de um caso grave de mal de Pott. Examinando-a bem, vi que, no estado em que jazia, seria difícil, se não impossível, a cura. Com o maior cuidado e a máxima delicadeza, evitei dar esperanças aos pais, pois que a mãe, — Madame Guimarães, — também a acompanhava. A doente tinha os seus vinte anos, era de uma invulgar formosura e devia ter sido muito elegante; no entanto vivia há um ano, como

farrapo humano, amarrada a um carrinho-cadeira, que se transformava em cama.

« Parece que o meu diagnóstico e a minha opinião foram idênticos aos dos médicos do Rio de Janeiro. Nenhum lhe deu esperanças. Aflito e disposto a tudo para salvar a sua filhinha, o Coronel Guimarães apelou para Nossa Senhora da Aparecida, padroeira do Brasil, que fica na estrada do Rio a São Paulo e que, segundo a opinião dos católicos brasileiros, é muito milagrosa. Por várias vezes ali foram, rezaram com muito fervor, pediram à Virgem Mãe que ouvisse os seus rogos, mas infelizmente, dizia, foi tempo perdido. Desanimado, descrente, vendo que por esse lado nada conseguiu, veio consultar os clínicos uruguaio e argentinos e, se não obtivesse resultado, iria à Europa. Estava o Coronel na disposição de gastar a sua fortuna para conseguir saúde da sua única filha.

Eu simpatizei com essa família, senti esse profundo sofrer e por isso tornei-me rapidamente seu verdadeiro amigo. Não fiz preço às consultas nem às visitas. Muitos colegas meus tinham feito da profissão um comércio escandaloso, levando-lhe honorários fabulosos. Este meu desprendimento do interesse monetário consolidou a nossa amizade.

« Um dia, o Coronel, ao atravessar a Praça da Independência, encontrou um patricio que, havia muito tempo, não via. Abraçaram-se, explicaram um ao outro os motivos que os tinham levado a Montevideu, etc.

O inesperado amigo disse ao Coronel: — Você que é tão católico porque não leva a sua filha à

Argentina e implora com devoção e ardor a protecção de Nossa Senhora de Lujan? Eu conheço uma pessoa amiga que, também desesperada com uma doença que deram como incurável, foi lá, e a Santa fez o milagre, curou-a.

— Qual, diz o Coronel, já não acredito em milagres; quando Nossa Senhora da Aparecida, Padroeira dos brasileiros, que você conhece, não atendeu aos nossos rogos, como quer que acredite mais em Santas?

Estava o pobre pai inconsolável, desanimadíssimo, dizendo com os olhos orvalhados de lágrimas: — A minha pobre Dòrinha continua sofrendo e vejo que a vou perder.

Não desanimes, amigo, vai lá; pode ser que vos ouça. Eu tenho muita fé nessa Santa; é Padroeira da Argentina e levada ali por um português.

Dali em diante, o amigo velho era constante nas suas visitas à senhorita doente. Sempre que ia ao hotel, falava na Santa de Lujan e tantas e tantas vezes falou ao Coronel e à esposa que estes resolveram ir pedir, tentar. Um dia veio manifestar-me a sua resolução. Eu que não posso nem devo acreditar nessas coisas não dei conselhos, não disse se me parecia bem ou mal.

No dia seguinte, volta o Coronel a procurar-me para perguntar se eu podia acompanhar a doente à Argentina, até à Basílica de Lujan; que, além de serem os gastos por sua conta, ainda me ficava muito reconhecido.

Eu tinha, como ainda tenho, um colega que me ajuda e substitui quando vou à Europa; portanto, por esse lado, não havia inconveniente de maior. Res-

pondi-lhe que pensaria a forma de poder ausentar-me e faria todo o possível para lhe ser agradável.

Mas eu, descrente de milagres, pensava comigo mesmo — não irei prejudicar a doente? E se realmente por qualquer impressão ou sugestão ela se cura, como fico eu perante esta família que, por conversas, sabe que não acredito nestas coisas? Porém a curiosidade humana é exigente e venceu o temor, resolvendo-me a ir dar um passeio e ver essa Santa Milagrosa de que tanto ouvia falar.

Uma noite, cómodamente instalados num dos luxuosos vapores da companhia Mihanovich, atravessamos o rio da Prata, os cinco; o amigo do Coronel também foi para Buenos Aires. Hospedámo-nos no «Hotel de Londres», na praça de Maio e, no dia seguinte, em dois compartimentos reservados da linha «Ferro-Carril-Oeste», na Estação da Praça Onze, marchamos a Lujan, que fica na província de Buenos Aires, a 66 quilómetros da Capital. Ali nos instalamos no melhor hotel. Foram todos como bons católicos, nesse mesmo dia da chegada, confessar-se, para, no dia seguinte, comungarem por ocasião da missa que o Coronel encomendou.

A Basílica é imponente, em construção estilo gótico e linda; muito cedo se abriu. Os devotos a essa hora não eram muitos. O carrinho da doente entrou na Basílica e ficou no centro da nave. Em volta, os pais, o amigo e eu. Ela e todos, depois da comunhão, imploraram a Nossa Senhora saúde para a doentinha. O sacerdote abençoou-nos e, de repente, após a bênção, no momento de recolher no sacrário o Santíssimo, um ataque forte de choro se

apoderou da doente. Isto contagiou a todos os que com os braços e as mãos no ar pediam à Mãe de Jesus cura para o mal da Dòrinha.

Esta, de súbito, senta-se no carrinho, olhos abstractos, espantados e firmes nos de Nossa Senhora; parou de chorar, dizendo terem-lhe desaparecido as dores. Corremos todos para ela, arrastamos o carrinho para a sacristia e fechamos a porta. Pouca gente entrou da muita que já tinha chegado. Além da família, só o padre e eu. Examinei-a com espanto, sem poder explicar: a doente, que tinha a espinha bastante curva, encontrava-se com ela direita. Interroguei-a, e ela entre lágrimas disse que lhe pareceu ver a Senhora a sorrir, sentindo ao mesmo tempo uma dor aguda e como que um soco nas costas, dando a espinha um estalo. Após isso, um grande quebranto a prostrou. Deixei-a repousar um pouco, antes de a levar para o hotel.

Para a retirar da sacristia e conduzi-la ao carro, não havia autos, foi tarefa difícil. Uma multidão enorme esperava a doente.

Para conter essa gente, foi necessário chamar a polícia. No hotel, o mesmo povo quis forçar a entrada para a ver.

Para descanso da miraculada e de todos nós, tivemos que tomar nesse mesmo dia o nocturno para Buenos Aires. Ali levei-a para o «Hospital Clínicas»; na calle Córdova convidei um meu colega e amigo, Doutor Lancelot, que com outros, depois de lhes contar o sucedido, lhe fizeram um rigoroso exame, verificando que a espinha estava perfeita, que nada tinha. Só a encontramos débil, mas com umas

injecções de cálcio, além de boa alimentação, em breve estaria restabelecida e forte.

Calculem como eu fiquei intrigado com o caso. Retirei-me para Montevideu, a fim de esperar ali a passagem para o Brasil da já muito amiga família Guimarães. Mais tarde soube da seguinte coincidência.

A Dòrinha ficou doente, justamente na ocasião em que, no Rio de Janeiro, estava prestes a casar.

A sua preocupação, desde que saiu daquela cidade, era telegrafar continuamente ao noivo, a dizer-lhe que ia melhorando para não o desanimar.

Em Buenos Aires, ela melhorava a olhos vistos e, um dia, recebeu uma carta do noivo, que se cruzou com a sua e nela dizia, entre outras coisas, o seguinte:

— « Querida Dora: — Tal dia e a tal hora, mandei rezar na Basílica de Nossa Senhora de La Sallete uma missa para pedir a Deus pela tua saúde. Meus pais acompanharam-me, e eu, quando o sacerdote levantou a Deus, pus o meu pensamento em ti. Nessa ocasião invadiu-me tamanha tristeza, um tal desalento que caí num pranto e alvorecei a assistência. Meus pais temeram pelo meu juízo, porque logo, impellido por uma força misteriosa, ri a bom rir. Uma esperança de te ver, de te abraçar surgiu repentinamente no meu cérebro e, nessa ocasião, confesso, julguei-me enlouquecido. Ignoro profundamente em que se fundam as minhas esperanças, porque continuo a sofrer por ti e a não estar confor-mado com a tua doença, com a tua ausência.

Este ataque de choro e riso coincidiu com o momento preciso em que a Dòrinha Guimarães se sentiu curada.

Telepatia ?

Ao terminar o Doutor a narração do hipotético milagre, Madame Lucie chorava também copiosamente; isto alvoroçou os passageiros a ponto de, espantados, olharem para ela e para nós, julgando talvez que lhe tivéssemos feito qualquer desconsideração ou ameaça. Felizmente, ela reparou que estava chamando a atenção de todos, limpou as lágrimas, riu-se e nós rimo-nos também, mas o nosso riso era forçado, para desfazer a má impressão que pudesse ocorrer à mente dos outros companheiros de viagem. Não esperávamos esta catadupa de lágrimas de Madame Lucie. Finda esta narrativa, o Doutor e Madame, exigiram de mim que também contasse qualquer coisa de sensacional que tivesse acontecido ou observado, durante as minhas viagens arriscadas, nas entranhas da selva amazônica.

A bordo tínhamos dividido os dias, fora do tempo das refeições: hora certa para jogar, no salão ou no deck, hora para ler, hora para conversar e para passear.

A cadeira de Madame Lucie, ficava entre a do Doutor Achával e a minha. Prometi então no dia seguinte contar alguns episódios passados comigo nas matas do rio Tapajós, nessa imponente e exuberante selva, que, por ser imensa, chega a causar pavor aos que pela primeira vez ali aportam.

O mar sempre calmo; uma brisa suave do sul tornava a atmosfera agradável. Miríades de peixes voadores se levantam assustados e se afastam do costado do vapor, voando, para irem mergulhar de novo à distância.

IV

Jacaré caçado a laço

No dia seguinte, o Dr. Achával e Madame Lucie insistiram comigo para que contasse qualquer coisa. Não foi possível escapar à exigência de tão bons companheiros e tive que descrever «como cacei a laço um jacaré vivo».

«Antes de principiar, disse eu, é meu dever elucidar que os habitantes daquele rio, como devem ser os de todo o interior do Amazonas, por falta de convívio ou relações com o exterior do país ou com os Estados do sul (porque naquela época não havia rádio nem T. S. F.) só sabem, nas horas de folga, contar lutas de homens com animais na água ou na terra; ou, como supersticiosos, qué são, falar de espíritos invisíveis, almas do outro mundo, que, em noites de luar, aparecem de vestes brancas. De pescarias; de cobras mãe-d'água que viram as canoas; sucurujús, que enlaçam e matam bois; onças que comem tranquilamente sem luta a cauda dos jacarés, depois de os terem hipnotizado; do gavião que, atrevidamente, vem ao terreiro da casa comer os pintos, etc. E contam estes casos porque são os únicos que podem observar no grande, no imenso livro dessa pujante e selvática natureza.

« Logo que cheguei àquelas paragens, ouvi dizer que se podia caçar ou brincar com o jacaré. Para isso, diziam, é preciso que o homem tenha a sorte de o ver primeiro. Se, descuidado, está a tomar o seu banho e de longe um jacaré o avista, este mergulha e, em linha recta, pelo fundo do rio, vem direito ao indivíduo que destinou atacar, larga-lhe uma pancada com a cauda, faz-lhe perder o equilíbrio e arrasta-o para o mais fundo, sem lhe dar tempo a lutar. Mas, se primeiro é avistado pelo homem, este brinca com ele até o cansar.

« Esse animal, quando é grande, parece um submarino a sair à superfície das águas, tendo por periscópio os olhos.

« Andava ansioso pela oportunidade de uma caçada desse género. Quando numa manhã de sol doirado eu me banhava na praia da margem do Tapajós, tendo a certa distância o meu criado Pedro, um preto fiel que tinha levado comigo de São Luís do Maranhão, avistei ao longe, olhando para nós, um enorme jacaré. Fizemos de conta que o não vimos.

O criado foi preparar em terra uma corda de cânhamo comprida, muitos cipós, que são como cordas finas, e um pau de pouca grossura, com o comprimento de 70 centímetros, mais ou menos. O jacaré, julgando-nos distraídos, mergulhou e desapareceu da superfície e nós imediatamente mudamos de sítio. O Pedro fez um laço na corda e o jacaré veio, como prevíamos, sair justamente no lugar onde eu tinha estado: era para mim que dirigia o golpe. O Pedro, atirou-lhe a laçada com tanta sorte que o prendeu pela cabeça por trás da nuca. Apesar-de ser um



...SACUDINDO A LONGA CAUDA O JACARÉ FAZIA UMA PORÇA EXTRAORDINÁRIA.

latagão, forte, dominava-o com dificuldade. O animal, sacudindo a longa cauda, fazia uma força extraordinária. Já estava na praia com o corpo metade fora e metade dentro do rio, mas, vendo-se perdido, correu para nós; como a corda, com a corrida afrouxou, dei-lhe volta ao derredor de um dos vários coqueiros que havia perto e assim o preendi. Defendemo-nos das suas arremetidas, puxando a corda sempre em volta da árvore, prendendo-o cada vez mais curto.

Quando vi que podíamos saltar em cima, preendi a ponta da corda num segundo coqueiro, escarrapachei-me no lombo do bicho e logo atrás de mim o Pedro. Consegui, lutando terrivelmente, abrir-lhe a boca e meter-lhe um pau atravessado; amarrei o pau à cabeça pela parte de baixo e de cima, de forma que não pudesse abrir nem fechar as suas enormes mandíbulas.

Sempre em cima do animal, com a maior precaução, demos volta para o lado da cauda e atámos-lhe as patas para as costas, de forma que também não pudesse andar.

Com uma machadinha, abrimos, pelo peito, o corpo todo, desde a cabeça até à ponta da cauda. Tiramos todo o interior, que demos às «tapuias», criadas índias, para fazer manteiga que usam como remédio, ou, juntando-lhe perfume de jasmim ou baunilha, como cosmético. O couro saíu inteirinho.

Deu muito trabalho esta operação, porque ele, todo aberto, ainda se sacudia.

Secou-se a pele e assim a conservei por muito tempo. Um dia, aparecendo por aquelas paragens uma pessoa que se tornou minha amiga e que se

dedicava a zoologia, mostrando desejo de a possuir para o museu de La Plata, um dos mais importantes do mundo, fiz-lhe presente dela.

— Que horror, diz Madame Lucie, eu não vivia aí por cousa alguma. « Cielos, que pavor que yó tengo à los crocodilos! *Voy soñar esta noche con los animales del Amazonas* ».

O Doutor ficou pensativo.

— Que se passa, doutor, perguntei. E, como tivesse despertado de um sono, respondeu.

— Ao ouvir a descrição da caçada, a minha imaginação transportou-se ao local, ao rio Tapajós, e ainda me sinto sob a impressão da luta que o amigo e o seu criado Pedro tiveram de sustentar para dominar o repugnante animal. Senti-me nestes minutos como que a vosso lado, lutando também.

Após isto, houve uns minutos de silêncio, o que é muito comum depois da descrição oral de qualquer facto sensacional.

O Doutor e Madame Lucie, passados uns momentos de concentração, insistiram comigo para que narrasse alguma aventura mais, algum episódio, pois tinham a certeza, diziam, de que muitos se teriam dado, os quais para mim, por ter vivido na selva, não deviam ter importância, mas para os que ignoram tudo da fauna e da vida do sertão brasileiro, sobremaneira interessa.

Para ser agradável, disse eu, vou contar-lhes amanhã mais um dos casos verídicos passados comigo. Hoje temos baile e não pode ser tudo num dia.

Tínhamos passado a ilha Fernando de Noronha. A brisa era mais quente e a música durou até à

uma hora da madrugada. Noite inesquecível, deliciosa! Madame Lucie dançou, lindíssima, divinal!

À hora morna da sesta, no dia seguinte, os companheiros não se dispensaram de me ouvir. Por mais esforços que empregasse, tive de contar mais um episódio passado na selva brasileira.



Um grito na selva

«**U**MA senhora, D. Joana, solteirona, mestiça de europeu e índia, proprietária da casa onde vivi, no porto das Barreiras, quando andei em busca do «Eldorado» pelo rio Tapajós, e possuidora de três estradas de seringueiras, árvores que dão um leite branco, como o de vaca, o qual se transforma, por efeito de fumo produzido ao queimar o caroço de certa palmeira, em borracha, convidou-me um dia a ir com ela e três caboclas índias, ao «Igarapé-mirim» (1), ver como preparavam e limpavam essas árvores, que na safra dão o tal leite. Que levasse espingarda, dizia ela, porque podia aproveitar e matar alguma caça. Para aqueles lados, dizia, há muitas aráras, tucanos, mutuns, jácus e papagaios. Aceitei o convite.

As «tapuias» (2) remavam. D. Joana ia ao leme, e eu, sentado no centro da canoa, com a espingarda atravessada sobre os joelhos. No cinto levava pólvora, chumbo, e bucha, porque a espingarda era de carregar pela boca.

(1) Rio pequeno.

(2) Raparigas índias.

Ainda não tínhamos entrado no « Igarapé » (1), quando avistamos, vindo muito baixo e voando para o nosso lado, um bando de patos bravos. Meti a espingarda à cara, desfechei um tiro ao bando e um pato caiu à água. Recolhemo-lo e vimos que era gordo, grande. Seguimos viagem, enlevando-se os meus olhos no que viam.

Por todos os lados, era exuberante, bela e imponente a natureza! No rio, peixes a saltar! Nas margens infinidades de trepadeiras e orquídeas de vários e brilhantes matizes. Cantos melodiosos de desconhecidos pássaros lá de bem longe chegavam aos nossos ouvidos. Um verdadeiro Paraíso!

A uns quinhentos metros dentro do « Igarapé », encostámos o barco e saltámos. Era aí que trifurcavam três estradas com « seringueiras » (2) propriedade de D. Joana. Esta distribuiu as caboclas, cada uma com o seu terçado para as estradas, indo D. Joana, uma cabocla e eu para a do centro.

Preocupado com o mais pequeno ruído e, confesso, com bastante receio de alguma cobra ou outro qualquer animal rasteiro, ia investigando minuciosamente e por todos os lados a floresta imensa. Por picada, caminho estreito e húmido, avancei, avancei tanto que cheguei a não sentir, tal era a distância a que eu estava das mulheres, cortar o mato rasteiro, que fora da safra tinha crescido em volta das árvores, que foram preparar.

(1) Ribeiro largo.

(2) Árvore que dá o leite de borracha.

« Quando, depois de uma fechada curva, entrei numa recta do caminho que, como digo, era estreitíssimo, recuei espavorido. Sobre um braço grosso de uma árvore, estava estendido um animal, para mim ainda desconhecido, espécie de gato colossal, de cor castanho escuro, recebendo os raios do sol, filtrados por entre os ramos da floresta virgem!

« Os cabelos puseram-se-me de pé. Tive medo de despertar a fera, pois parecia dormir. O pavor prendeu-me no sítio e não sabia como sair do perigo. Casualmente, D. Joana, de andar muito leve, sem eu dar por ela, sem a sentir, apareceu ao meu lado. Fiz-lhe sinal para não fazer ruído e, por entre as árvores, mostrei-lhe o animal que estava a uns vinte metros de distância.

« Com a minha espingarda carregada com chumbo para caça ligeira, não podia atirar a um animal tamanho, pois que não o matava e seria um perigo, porque, a fera uma vez ferida, havia de querer vender caro a vida e dar-nos-ia muito que fazer.

« D. Joana resolveu o problema, dando um grande grito que ecoou na selva; e o animal, assim despertado, atirou-se ao solo e em segundos desapareceu.

— Vamos embora, diz D. Joana. Suspendamos o trabalho, deixemos para outro dia a limpeza das árvores, porque o animal sorratamente há-de vir aqui ver o que foi que o fez correr. Deu novo berro, chamou as « tapuias » e voltamos para o ponto de partida. Só quando chegamos ao barco é que o meu sangue voltou a tomar o seu curso normal nas veias.

« A noite, o nosso consolo foi comer o pato bravo, guisado com arroz que por sinal estava delicioso.

« Por muitos dias me ficou a impressão bem sentida de ver a fera solta, livre, tão perto de mim.

— Eu, disse Madame Lucie, morria de susto se me visse numa situação dessas. É necessário muita coragem para viver ali. Não devem existir lá muitas europeias, não acha, doutor?

Pois eu, disse o Doutor, lamento não poder pela minha profissão e pelos inúmeros doentes que só em mim confiam fazer uma viagem a essas primitivas regiões, viver em contacto com a mãe natureza. No Uruguai, não temos a beleza excelsa das selvas, mas temos a grandeza incomparável dos pampas, férteis e soberanos, que dão o necessário à vida humana ».

Seguiu-se a este dia uma noite maravilhosa de luar e sonhos. Avistava-se no céu o Cruzeiro do Sul, entre as suas companheiras, as estrelas. A visão trazia-nos um perfume estranho, agradável, delicioso! Será a selva brasileira a expedir um dos seus múltiplos aromas? Serão os aromas das terras quase virgens e acolhedoras a atrair e a convidar os bandeirantes que queiram arrojarem-se a violá-las?

Sob o bendito luar, contemplando o céu e o mar, nós, os três companheiros, apertámo-nos as mãos, despedindo-nos com a esperança de acordarmos no Brasil.

VI

Oito horas no Rio de Janeiro

Ao raiar o décimo segundo dia de uma esplêndida viagem, principiámos a divisar ao longe as silhuetas das montanhas brasileiras. Fomos-nos aproximando delas e viemos a saber que estávamos pela altura de Cabo-Frio, região de salinas, que abastece de sal uma grande parte do país. Passadas horas, começou a aparecer também, a grande distância, a silhueta do colosso «Pão de Açúcar», firme e fiel guarda avançada da maravilhosa capital do Brasil, da grandiosa e linda cidade metropolitana brasileira, Rio de Janeiro.

Poucas horas mais, e o C. P., garboso, por ser uma das maiores naves que sulca os mares do sul, entrou na barra de Guanabara, a meia marcha, para podermos nós, os passageiros, extasiar-nos na beleza das praias, montes, montanhas e na excelsa e exuberante vegetação, que adorna, esmalta e circunda essa cidade-luz, panorâmica e dinâmica por excelência, com quase dois milhões de habitantes, entre os quais se encontra uma percentagem grande de cidadãos de todos os países do mundo, que, confiados na leal e sincera hospitalidade brasileira, ali

estabeleceram o seu espaço vital para darem finalidade às suas aspirações de um melhor bem estar.

O transatlântico C. P., sempre em pequena velocidade, contornou a Ilha Fiscal e a Ilha das Cobras para atracar à nobre e elegante sala de espera da capital brasileira, a Praça Mauá, de onde se divisa, em toda a sua extensão, a Avenida Rio Branco, movimentada e alegre, que, como um corredor de luxo, liga esta praça com o Passeio Público, ou o edifício do importante jornal «A Noite», com os seus 24 andares, com o palácio Monroe, onde os pais da Pátria discutem as leis que regulam a marcha política do grande país.

Hoje, na cidade do Rio de Janeiro, tudo é moderno, grandioso. Desfez-se de uma grande parte dos edificios antigos de cunho colonial, para os substituir por palácios elegantes, arranha-céus, etc. Uma cidade meio Paris, meio New York, com a vantagem sobre as outras capitais do mundo de possuir morros cobertos de prédios e chácaras, de beleza inigualável, donde se disfrutam quadros panorâmicos de sonho. Cada janela aberta para quem olha de dentro e um pouco afastado, pode apreciar um encantador quadro emoldurado.

Um pintor que more ali, se quiser formar galleria, pode, de casa, tirar efeitos magníficos para os seus quadros.

Os três passageiros do C. P., Madame Lucie, Doutor Achával e eu, dentro das 8 horas que tínhamos para passear e percorrer essa linda cidade, subimos, ao «Pão de Açúcar» e ao «Corcovado», para melhor ver e admirar lá de cima a cidade, a



PÃO DE AÇÚCAR

extensão das suas avenidas, praças, parques e ruas e o beijo imorredouro das águas do Guanabara ao seu revolucionário camarada, o oceano.

Os meus companheiros, que já conheciam o Rio, principalmente o Doutor Achával, que há pouco tempo por ali passara, não se cansavam de manifestar a sua admiração por aquela maravilhosa natureza, cheia de luz e de cor.

Eu, como português que me prezo de ser, orgulhava-me de ouvir essas elogiosas impressões, como se o fizessem à minha amada Pátria, Portugal. Era o sangue da Raça que se alvoroçava de gozo e gratidão pelos elogios a tudo o que era brasileiro, desde a soberana e exuberante vegetação, à hospitalidade e ao tino político dos brasileiros, que procuram, sobre todas as coisas, fazer do Brasil o mais poderoso país da América do Sul.

Almoçámos na Urca, estação e paragem obrigatória do Carril-Aéreo que nos levou da Praia Vermelha ao cume do «Pão de Açúcar». Aqui a nossa retina se alongou, disfrutou e gravou, para nunca se apagar, o mais amplo, o mais belo panorama do mundo!

Percorremos as ruas planas da cidade no perímetro da Praça Tira Dentes à Praça 15, e do Passeio Público até à Praça Mauá, aproveitando assim os poucos minutos que nos restavam até ao embarque.

Para Montevideu e Buenos Aires, poucos, muito poucos passageiros embarcaram e, como a maioria dos nossos companheiros mais alegres ali ficaram, previmos que nos três dias de viagem até Montevi-

deu não haveria a vida, o movimento que sentimos até o Rio de Janeiro.

Quanto mais nos aproximávamos do sul do Brasil, mais fresca sentíamos a atmosfera. Nada de sensacional sucedeu a bordo até chegarmos à Ilha das Flores, guarda avançada do porto de Montevideu.

Nessa ilha, quando há em terra qualquer coisa de anormal, os vapores de passageiros são obrigados a fazer alto e recebem ordem para avançar, tomando piloto prático da barra até atracar, ou para parar e esperar. Com surpresa para todos, especialmente para o Doutor Achával, veio ordem para não desembarcar nenhum passageiro dos que se dirigiam para aquele porto. Os agentes da companhia de navegação — lá de longe do costado do vapor — disseram que havia na cidade uma calamitosa epidemia de varíola. A ordem foi que o vapor seguisse com rumo ao porto de «La Plata». Ali encontraríamos um combóio que nos conduziria a Buenos Aires. Aos passageiros que se dirigiam à capital do Uruguai, a companhia de navegação do C. P. lhes pagaria, de acordo com a sua passagem e categoria, um dia de hotel e a viagem para Montevideu, nos pequenos vapores da companhia Milhanovich, que todos os dias cruzam o rio «La Plata».

Assim se cumpriu.

Para mim foi uma agradável notícia, porque tive, durante 24 horas ainda a boa companhia do inesquecível Doutor Achával.



EMIGRANTES: PASSAGEIROS DO C. P., AO CHEGAREM A LA PLATA EM 1902.

VII

Chegada a Buenos Aires (1)

ERAM 15 horas de um lindo dia de Outubro, mês da Primavera Argentina, quando na doca do porto de «La Plata» o colosso C. P. atracou. Em primeira classe ia um número muito regular de passageiros de várias nações; mas, de portugueses, só eu. A terceira classe ia repleta de emigrantes de todos os cantos do globo terráqueo destacando-se entre eles pela quantidade os da nossa vizinha Espanha. Por serem tantas as malas a revistar, passamos a tarde na alfândega.

Escurecia quando partiu o luxuoso combóio, que, no cais, ao lado do vapor, esperava por nós. Não tive eu o prazer de ver a moderna cidade de «La Plata», capital da província de Buenos Aires, nem a dita de admirar o bucolismo argentino, as suas extensas e férteis campinas. Em poucas horas estávamos no final de viagem, na imponente e colos-

(1) O que se vai ler são episódios passados na longínqua época de 1902-1916, quando a cidade de Buenos Aires e com ela toda a República Argentina evolufa a olhos vistos.

sal Estação do «Ferro-Carril del Sud» vermelha, por ser de tijolo, a qual se ergue na Praça da Constituição, na capital da Argentina, na ansiada — para nós, passageiros — cidade de Buenos Aires.

Coincidiu a nossa chegada com a hora de fechar os estabelecimentos, de forma que o movimento de peões, de carruagens e carros eléctricos era tal que sobremaneira me surpreendeu. Sabia que aquela cidade, já naquele tempo, tinha uma população superior a um milhão de habitantes, mas acostumado a achar movimentadíssima a nossa querida Lisboa, com os seus 500 mil habitantes, fiquei deveras maravilhado com toda aquela actividade humana.

Imagine-se para aquele que nunca saiu de Portugal, ou que não conhece cidade de mais vida que a capital portuguesa, o que será uma cidade com o triplo do movimento de Lisboa.

Noutros países da Europa e da América do Norte, existem cidades de maior população, mas, na América do Sul, é Buenos Aires a de mais vida, a mais cosmopolita. Isto explica-se: na Argentina, cidades de movimento intenso só duas existem, Buenos Aires e Rosário; do interior, as mais importantes são de vida relativamente inferior.

Hospedámo-nos no «Grande Hotel Apolo», na época um dos melhores, situado na «calle» Alsina, hoje na «calle» San Martin, ou já desaparecido. Madame Lucie foi para o mesmo hotel, mas comia em mesa separada; só nos ligavam os seus olhares, os seus sorrisos.

VIII

Despedida do Doutor Achával

A noite, partia o «Viena» para Montevideu. Tinha, para que se visse ao longe, numa tabuleta, o seu nome, rodeado de lâmpadas eléctricas. Às nove horas, — pois ele partia às dez, — chamei uma carruagem e fui acompanhar o Doutor a bordo, à «Darsena Sud», onde estava o vapor atracado. Apareceu ali, ao bota-fora, em outra carruagem, a companheira, Madame Lucie.

Este gesto de Lucie sensibilizou de tal forma o Doutor, que este, para agradecer, chamou o criado de bordo e mandou abrir uma garrafa de Champañhe. Como faltasse mais ou menos meia hora para partir e eu mostrasse desejos de ver o interior do vaporzinho, depois de bebermos e fazermos votos pela boa viagem do ex-companheiro e amigo, fomos correr todas as dependências do «Viena» e fiquei maravilhado. Além da excelente comodidade por toda a parte, havia um luxo asiático, deslumbrante luz, tapetes de Smirna, passadeiras da mesma procedência, etc. Sobre um desses macios e felpudos tapetes, que dava pena calcar, dançava-se. Um grupo de senhoritas e cavalheiros de boa sociedade reque-

brava-se na dança ao som de um «Pleyer», que uma senhora de meia idade, mãe ou parente próxima, tocava.

Nesta época ia aparecendo com intensidade a dança de origem argentina que se tornou popular, o tango.

— Quem será esta alegre família, que tomou o salão para si só? — perguntei ao Doutor amigo.

O recinto foi-se enchendo, mas só a família dançava.

— «São industriais, comerciantes ou pequenos *estancieros* ⁽¹⁾ argentinos, diz o Doutor, que têm em Montevideu casa própria e já vão para as praias. Se não tivessem casa própria, não iam tão cedo, porque os meses de maior movimento de veraneantes, são os de Dezembro a Abril. Como Buenos Aires não tem praia próxima, vão ao Uruguai, onde a população, nesta época, aumenta extraordinariamente. Existe uma luxuosa praia em «Mar del Plata», mas, por ser de excessivo luxo, é cara, além de muito distante, e por isso vão às lindas praias de Montevideu, por serem mais acessíveis e económicas. Estas famílias, se são alegres, continua o Doutor Achával, é por conviverem na nossa sociedade e talvez com famílias brasileiras, que em Montevideu vivem. As argentinas da alta sociedade, moradoras nas Avenidas Quintana e Alvear, em público não são alegres e expansivas como as uruguaias ou brasileiras, embora filhas de uma repú-

(1) Fazendeiros.



MAR DEL PLATA — A LUXUOSA PRAIA NO SEU AUGES E ESPLendor.

blica democrática. As festas que realizam nos seus palacetes são à porta fechada ».

— Isso é verdade, confirmou Madame Lucie.

— O amigo, continua o Doutor, se aqui viver algum tempo, terá ocasião de observar que nesses palácios nunca as janelas se abrem, ainda na maior força do calor. Conhece-se quando há festa ou dia de recepção pelas inúmeras carruagens que estacionam à porta, pelo porteiro que está de grande uniforme e luvas brancas, pela luz deslumbrante da escadaria.

« De dia, as avenidas onde esses palacetes existem são tristes, monótonas, por os edificios se conservarem fechados.

« A mulher argentina rica — continua o Doutor — morre por um título nobiliárquico de marquesa, condessa ou baronesa.

Nesta altura da conversa avisaram-nos de que o vapor ia desatracar. Demos um abraço ao distinto amigo e companheiro de bordo e saímos.

Quando o vapor apontou a proa para a boca da « Darsena Sud », para o canal do rio da Prata, Madame Lucie e eu retirámo-nos do cais.

Despedi a carruagem da companheira e ofereci-lhe a minha que, sem saber porquê, me esperava depois de lhe ter pago a viagem até ali.

Embora não fosse cedo, Madame Lucie mostrou-me uma grande parte da cidade; o edificio do jornal — de maior tiragem diária da América do Sul — « La Prensa », que naquele dia festejava o aniversário da sua fundação e estava embandeirado e faiscante de iluminação.

Fomos tomar chá a uma das mais luxuosas casas da especialidade e seguimos para o hotel; apertámos as mãos de mútuo agradecimento e cada qual recolheu ao seu quarto a descansar daquele — para mim — inovidável segundo dia argentino.





BUENOS AIRES — PRAÇA DE MAIO, ONDE OS PATRIOTAS ARGENTINOS LANÇARAM EM 1810
O VIBRANTE GRITO DE INDEPENDÊNCIA.



IX

Impressões da Capital «Porteña» (1)

Nos primeiros dias, ainda hóspede do Hotel Apolo, ao percorrer as primeiras artérias centrais, dei conta de que estava em uma cidade, se não a primeira, pelo menos uma das primeiras em importância e luxo daquele Mundo Novo.

Cultíssima em toda a extensão da palavra. De um cosmopolitismo intenso e um invulgar movimento em todos os ramos da actividade humana.

Possuía estabelecimentos de primeiríssima ordem, grandiosos e luxuosos edificios. Inúmeros cafés e bares. Alguns tão colossais que tinham duas orquestras, uma de dia e outra de noite.

Milhares de carruagens giravam ocupadas ou vazias por não lhes ser permitido estacionar nas Avenidas centrais a não ser para tomar ou deixar passageiros. Podia ali apreciar quem fosse apaixonado pelo hipismo belas estampas de cavalos que

(1) Designação que dão à capital da Argentina, segundo julgo, por ser Buenos Aires o *porto* único em contacto directo com o resto do Mundo.

puxavam as carruagens. Eram de raça, tirada do cruzamento árabe com a inglesa. A tanto por hora, convidam, seduzem o turista a passear, a fazer um circuito para ver parte daquela imensa cidade, naquela época, — repito — com mais de um milhão de habitantes; hoje, com três milhões.

Eu estava sem companhia. Lucie, como disse, tinha ido à sua vida, para casa da família de um compatriota, de forma que, sòzinho, tomei uma das carruagens que passavam e fui ver parte daquela formosa terra que me via forçado a habitar sem saber ainda por quanto tempo.

— Que circuito aconselha a um estrangeiro que quer ver alguma coisa? — perguntei a um cocheiro. Mas fique sabendo — disse eu num mau espanhol — que conheço a forma de vocês abusarem dos estrangeiros, fazendo um trajecto longo quando a distância é curta.

— *«No lo crea, Vd. señor; venga que se quedará satisfecho»*. Vamos, diz o cocheiro, a Palermo, ao nosso bosque de Bolonha, passamos pela parte norte da cidade que é a de mais luxo, onde vivem as famílias mais ricas, com os mais sumptuosos edificios; é o que mais lhe convém visitar.

Cruzei então a Praça de Maio, desci pelo lado direito da casa Rosada — palácio do Presidente da República e dos Ministérios — segui pelo Passelo de Julho, então parte do «bas-fond» da cidade frequentado por marítimos; hoje é a moderna Avenida Leandro N. Alem.

Passei pela estação Retiro, ainda em miniatura da Companhia do Caminho de Ferro Central Ar-

gentino e ao lado da elevatória de água para a cidade.

Em Palermo, atravessei as amplas avenidas do bosque; tomei um aperitivo no Pavilhão do Lago e voltei pela Avenida «Vértiz», subindo ao lado do «cemitério da Recoleta», onde já não se enterram mortos, mas que é digno de ser visitado pelos vivos, por ser um verdadeiro museu de sepulturas, de arte estatutária. Segui pela Avenida «Alvear», que tem à sua entrada, sobre um pedestal de mármore, o busto do grande estadista que lhe deu o nome. Virei à «calle» Callao ladeada de grandes palácios, cinemas e hotéis que percorri em toda a sua extensão até à Praça então denominada Larrea, onde existia o «Mercado Central» que foi demolido para dar lugar à imponente Praça do Congresso. Entrei na Avenida de Maio, seguindo até ao ponto de partida. O cocheiro era francês; mas, havia vinte anos, que estava naturalizado argentino.

— Se quer ver algo da parte do sul, disse o ciclerone cocheiro, vamos pelo Paseo Colon, até ao parque Lezama, onde pode visitar o Museu Histórico Argentino. Subimos, *si Vd. quiere*, la calle Brasil, seguimos a la Praça Constitución, continuá-mos por la calle Entre-Rios, que és la continuación de Callao y volvemos aqui à lá Plaza de Mayo. Esta cidade, disse o inteligente cocheiro — em seu castelhano arrevesado — tem a extensão talvez de vinte vezes o espaço que percorremos. A Calle Rivadavia, que vai do nascente ao poente, é que divide a cidade, metade para o sul e metade para o norte. Tem actualmente o comprimento de doze mil metros

e está preparada para continuar até Lujan, que fica a 66 quilómetros. A cidade divide-se em *manzanas* ⁽¹⁾. É muito fácil, portanto, saber a sua total extensão. Creio que errarei por muito pouco, se disser que ocupa uma área de terreno, ao derredor de duzentos quilómetros quadrados, incluindo, é certo, povoações que hoje estão dentro do município, como sejam «Urquiza, Devoto, Pueyrredon, Saavedra, Vila Versailles, Liniers», até «Avenida General Paz», que é a de Circunvalação e outras que não me ocorrem à memória. Como cada quadra tem cem números e todas as ruas são paralelas, não se necessita de muita sabedoria para se dar com um prédio. O peão, embora analfabeto, contando as quadras que percorre, dentro da rua que procura, sabe onde fica o número buscado.

Eram sete da tarde e, como fosse cedo para ir jantar, depois de pagar a viagem e agradecer ao cocheiro cicerone, sentei-me a uma mesinha, no amplo passeio lateral à Avenida de Maio, esquina da rua Peru, em frente ao bar «Europa». Pedi o aperitivo espanhol muito conhecido, Xerez Quina Ruiz com soda. Veio o que pedi, e três pratinhos de batatas fritas às rodela com sal, azeitonas e *mani* ⁽²⁾, torrado.

O ponto era esplêndido para observação dos costumes e hábitos daquela vida citadina. Dali admirei o movimento extraordinário de peões que cruzam

(1) Quadras de cem metros por frente.

(2) Amendoim.

da Calle Flórida para a Calle Peru, ruas dos rendez-vous social por existir ali os mais luxuosos estabelecimentos. Ficava em frente o grande prédio que pertenceu a Ortiz Basualdo, e mais tarde havia de se ver transformado num moderno palácio anexo, dos Armazéns « Gath y Chaves », depois de estar destinado a outra casa congénere que morreu ao nascer.

« Gath y Chaves » comprou em leilão as instalações luxuosas e estabeleceu ali a sua secção de alta e última moda em artigos para senhora. Este edificio é contíguo ao jornal de maior tiragem da América do Sul, « La Prensa ». Edificio sumptuoso, imponente, com comodidades para hospedar gratuitamente os homens mais célebres do Mundo que ali vão em missão cultural ou científica, muitas vezes a convite do próprio Jornal. A intendência Municipal fica ao lado em outro moderníssimo edificio que a todo o turista atrai pela sua elegância.

Do meu ponto de observação via a entrada e saída dos últimos clientes do dia, no grande armazém « Cidade de Londes », que diziam ser propriedade de uma instituição religiosa, estabelecimento este que foi devorado mais tarde por um incêndio ao qual assisti.

Aproximou-se a hora de saída dos empregados de todos aqueles importantes estabelecimentos e, embora o caixeiro do bar mostrasse impaciência e desejo de que se desocupasse o lugar, para outro cliente, ou á espera de uma nova gorgeta, pois que continuamente vinha limpar a mesa, fiquei firme a admirar esse grande movimento, que já então dava

que fazer à polícia quando dirigia o trânsito das carruagens e peões. Não me arrependi, porque dali fiquei conhecendo uma coisa a que muitos não prestam a devida atenção.

Os empregados e empregadas, creio que seleccionadas como as «girls» para o cinema, cada qual a mais linda, mais simpática, saíam do trabalho sorridentes e alegres.

A certa distância do estabelecimento, esperavam-nas cavalheiros, novos e velhos, que não eram irmãos nem pais, por certo, visto que a manifestação de carinho de família é diferente da de namorados ou de amantes. De braço dado e bem chegadoinhos, lá iam. Para onde?...

Soube mais tarde por uma dessas «girls» empregadas o seguinte: Ao chegar a casa, a família estabelecia o diálogo que segue:

— Hoje vens tarde, filha.

— Foi o chefe de secção que, tendo necessidade de marcar uma mercadoria para liquidação, exigiu que trabalhássemos mais uma hora.

Como não havia horário de trabalho obrigatório, os pais aceitavam de boa fé esta tremenda mentira. Pelo menos, duas vezes por semana isso se repetia.

Havia empregados de outros estabelecimentos que vinham esperar as suas «Divas», e empregadas que esperavam os seus Adónis em lugares combinados e lá iam como pombinhos a arrulhar.

Para onde?

Tive cuidado de seguir um par e então dei com tudo. Na «Calle» Moreno, esquina da «Calle» Pedras, havia uma casa com um globo branco à porta



BUENOS AIRES — AVENIDA LEANDRO N. ALÉM
(Antigo Passeio de Julho)

que dizia «Albergue». Para ali vi entrar um par de pombos e sair outro. Estava explicada a demora da chegada a casa e o trabalho de *marcar a mercadoria*.

Quando voltei ao ponto de observação notei que o movimento diminuía, compreendi que era a hora da refeição última e dirigi-me para o hotel.

Depois de cumprir esta necessidade fisiológica, ajeitei o fato, apertei o nó da gravata e saí de novo a visitar as montras dos grandes estabelecimentos da Calle Flórida, verdadeiros museus de novidades. Não só para ajudar a digestão como também ganhar tempo para ir assistir a uma sessão do Teatro de Maio e ver a «Corte de Faraó».

Quando se aproximou a hora, fui comprar a entrada e só encontrei *butáca* (1) da última fila. Estava repleto, mas, como a sala não era grande, vi o desempenho e ouvi esplêndidamente a música lindíssima dessa zarzuela, que, ouvida uma vez, já-mais se olvida.

Magnífico desempenho do engraçadíssimo cómico espanhol José Almada, no papel do casto José e da simpática — ainda solteira, na época — Lola Membribes, na mulher de Putifar; assim como o corpo esbelto e lindo da Martinez, na Mulher da Babilónia!

Quantos ávidos desejos despertou esta artista com as suas danças lascivas!

(1) Cadeira.

Mais tarde, um amigo meu, distintíssimo funcionário do Consulado do Brasil, dizia-me com entusiasmo :

— Estou apaixonado pela Martinez ; vou procurar falar-lhe.

Sei que lhe falou, mas nada conseguiu. Não era ambiciosa, não a seduziam os brilhantes das minas brasileiras.

Nessa época Lola Membribes principiava a ter nome. Casou com um barítono e parece que chegou a ser feliz e a ter prole.

Dessa Martinez, que alvoroçou tantos corações, não sei o que é feito. Dedicar-se-á hoje, velha e pobre, a vestir artistas ? Ou feliz, de cabelos brancos, cuidará dos netos lindos, lindos como ela foi ?

Ah ! bons tempos aqueles ! . . .





BUENOS AIRES: AVENIDA DE MAIO, TODA A SUA EXTENSÃO,
EM 1916.

Gratidão e amor incompreensível

A vida no hotel era cómoda, esplêndida, mas como o resultado final da minha missão ia levar tempo a decidir, não podia continuar ali, como um lord. Os haveres não eram de molde a poder sustentar luxos.

O nervo primacial de uma guerra dizem ser o dinheiro. Eu, para vencer a que com inaudito esforço mantinha, necessitava desse indispensável nervo. Era dever meu, portanto, tomar resolução urgente sobre o estado financeiro. Fazer um estudo profundo sobre a economia particular. Essa resolução e esse estudo fi-los em uma noite, tendo por confidente o travesseiro.

De acordo com o conselho, decretei no dia seguinte a redução dos gastos supérfluos. Capítulo primeiro: mudança imediata do hotel para uma pensão decente, a mês; segundo: procurar receita suficiente para fazer face às despesas, senão para as cobrir, ao menos resvês, para não resultar déficit. A economia dirigida evita as perturbações na vida particular do indivíduo e facilita a livre e desafogada actividade.

Estava a meditar nesses complexos problemas, quando a criada do quarto bateu três simbólicas pancadinhas na porta.

Mandei entrar e numa bandeja entregou-me um cartão de visita. Li o nome que já conhecia bem por termos trocado correspondência de Portugal. Ainda não o tinha ido visitar, por me dizerem que morava longe, num dos extremos da cidade.

Disse à criada que fizesse entrar na sala adequada a visitas e, como manda a etiqueta diplomática, fi-lo esperar uns segundos.

É o Snr. Don José Fernandez, a quem tenho a honra de receber? — perguntei — é aquele desinteressado amigo, que se ofereceu para me ajudar a obter êxito na minha espinhosa missão?

— Sim senhor, continuo nessa disposição e desde já (disse Don José, numa franqueza sem igual) para lhe mostrar a minha simpatia pela sua causa e facilitar-lhe a entrada no convívio da sociedade «portueña», venho oferecer-lhe um quarto independente na minha modesta casa, onde pode ser meu hóspede o tempo que quiser, sem a mais pequena despesa.

— Agradeço, mas é-me impossível aceitar, disse-lhe confuso num tom de pura cortesia. Não é só pela despesa que ocasiona como também pelo incómodo que vou dar a sua Ex.^{ma} família.

— Se é só por isso, não aceito desculpas, vou chamar uma carruagem para nos conduzir. Vá preparando as suas malas que eu volto já.

Don José Fernandez, era um cavalheiro simpático e respeitável, dos seus 60 anos. Chamei o criado e, radiante, pedi a conta e fechei as malas,

mandando-as conduzir para a porta, onde Don José pacientemente me esperava.

Enquanto a carruagem rodava pelas ruas Alsina, Entre-Rios, San Juan, em toda a sua extensão, ia eu admirando o alinhamento dessas ruas e a imponência dos edifícios, calculando o perímetro enorme daquela moderníssima cidade.

O Senhor Don José conversava sobre o assunto que ali me levou, e eu, num mau espanhol, respondia-lhe, mas a minha mente e os meus olhos curiosos extasiavam-se maravilhados no movimento, na actividade que existia em todas aquelas artérias por onde passávamos.

Grandiosos armazéns de mercearias por atacado; de móveis e de fazendas para homens e senhoras; de vinhos, etc.; fábricas de calçado e de bebidas, de tudo que é necessário à vida duma grande metrópole, como é Buenos Aires.

Em uma rua transversal à Calle Boedo, em frente de um lindo edifício, parámos. Uma distinta senhora de cabelos brancos, acompanhada de uma senhorita, veio receber-nos à porta dum luxuoso e bem mobilado vestibulo.

Notei logo na M.^{me} Fernandez e filha, a representação cavalheiresca da família espanhola.

Saudaram-me, sorrindo e gentilmente as duas me disseram: — « Sea Vd. bien venido ».

Reconheci que era uma familia generosa, culta, de teres e haveres. Tinha duas filhas, uma casada com um cavalheiro italiano, director do Conselho Nacional de Educação e a outra, solteira, prendada, exímia pianista, com o nome de Sara. O chefe da

família, o amigo Don José, era espanhol, filho da pitoresca e ridente província galega, e a esposa, filha da católica província vasca, de Irun.

Era esta senhora ferrenha devota do espiritismo, crente fervorosa das teorias de Allan Kardec, de médiuns, etc.

A essa família devo parte do brilhante êxito obtido no seio da sociedade *porteña* (1). Foi bálsamo divino para as dores da saudade, da nostalgia do torrão natal. Deu-me o sossego, a tranquilidade e o alento necessário ao meu espírito, para a demorada luta que ia iniciar em prol da missão que me levou àquelas longínquas terras.

Não me trataram como um estrangeiro desconhecido, mas sim como uma pessoa de família, como a um ente querido. Em pouco tempo, Sara era para mim uma irmã carinhosa, dedicada, e eu, sem favor, correspondia-lhe da mesma maneira.

Como o domicílio ficasse longe do centro, só saía de casa após o almoço, por economia, de eléctrico e a tarde dava tempo suficiente para tratar dos meus assuntos e ainda para procurar encontrar-me com Lucie que jamais pude olvidar. Por um desses imperdoáveis esquecimentos não me deixou a sua direcção e também ela não sabia a minha porque na hora da despedida ainda eu não sabia o meu destino.

(1) *Porteño*: chamam ao nascido na cidade de Buenos Aires por ser o principal porto marítimo da Argentina.

Portanto, a maior parte do tempo, em regra, passava-o no seio daquele bondoso e inesquecível lar.

Dia a dia se iam tornando, neste convívio, mais estreitos os laços da minha gratidão e carinho. Se não fosse a minha cobardia, o medo atroz ao sagrado nó do matrimónio, teria deixado correr e confirmar até os boatos inexplicáveis, entre amigos da família e alguns vizinhos, de que eu e Sara estávamos casados secretamente.

Isto chegou aos meus ouvidos e foi o bastante para virar a folha da minha existência, do meu viver. O destino assim o quis. Com profunda má-gua, tive que me afastar da vida em comum com essa magnânima família hispano-argentina. Desde que não tinha inclinação para o casamento e, antes que Sara sofresse qualquer desgosto no juízo ou conceito público, pela minha convivência com ela, retirei-me.

É assim que deve proceder todo aquele que preza o seu nome, a dignidade de cavalheiro. O futuro de Sara era para mim o de uma irmã querida, e eu, por dever de gratidão, tinha que evitar o mais leve desgosto ou prejudicar o seu futuro.

Não posso dizer que não a amasse; queria-lhe muito, mas de uma forma que eu mesmo não sei explicar. Quando me encontrava longe dela, desejava estar ao seu lado, vê-la e falar-lhe. Quando estava perto, desejava afastar-me o mais rápido possível.

Seria a imagem de Lucie existente no meu pensamento que se interpunha entre mim e Sara?

Vá lá uma pessoa decifrar o incompreensível coração humano !

Mas tinha explicação a dualidade destes opostos desejos. A minha preocupação era a crença firme de que não a ia fazer feliz e, antes que lhe sucedesse qualquer coisa de mau, devia retirar-me. O meu raciocínio aconselhou-me esse passo e, sob o pretexto de viver muito longe dos assuntos da minha missão, despedi-me.

Fi-lo com profunda dor de alma, reconhecidíssimo pelo franco e leal agasalho, pelo familiar convívio que desinteressadamente me dispensaram.

Sara chorou, e eu, confesso, chorei também na hora da separação. Senti bater-lhe, pulsar-lhe nesse momento o seu bondoso e apaixonado coração. Conheci nessa ocasião mais uma faceta da sua alma sublime.

Combinámos então, para suavizar a nostalgia da ausência, ir eu todas as quintas-feiras e domingos jantar na sua companhia.

Nos primeiros tempos havia em mim uma ansiedade, e grande, pela chegada desses dias. Nessas tardes que para ali me dirigia, parecia-me que era quando algo havia de acontecer nas ruas, que impedisse o trânsito ou demorasse a marcha rápida do *tranvia* ⁽¹⁾ que me conduzia.

Sara, também, nas proximidades da hora, não se contentava com esperar na janela. Queria ver-me saltar do carro e que eu visse toda a sua alta

(1) Carro eléctrico.

figura e elegância, a sua plástica, o seu lindo perfil. Sorrindo, recebia-me e não me deitava os seus lindos e longos braços, ao derredor do pescoço, por natural e virginal pudor.

Eu levava sempre, como se fosse um pai de família, um embrulhinho de bombons comprados na Confeitaria Colon, Águia ou Jockey Club, que eram as da moda. Saltava do *tranvia* sorridente também, os meus olhos fitos nos de Sara e distraído, embebido nesses olhares, não reparava que a essa mesma hora quase todo o bairro me esperava também.

As vizinhas curiosas, nesses dias, à hora sabida, vinham postar-se por detrás das cortinas das janelas, a ver-me apear.

Os nossos corações, ao aproximarem-se, sentiam-se alvoroçados e alegres e essa alegria contagiava e punha alegres os corações dos velhos pais de Sara. Era então recebido com tal exaltação e regozijo como muitas vezes as mães não fazem a um filho idolatrado.

Mas Belzebu não dorme, não descansa e, passados meses, fez com que aquele alvoroço se fosse esfriando, diminuindo a ponto de serem suprimidas de vez as visitas das quintas-feiras.

Aos domingos, ia já obrigado pelo dever de gratidão a quem tão bem me recebeu e de mim cuidou. Tinham-se apagado em mim todos os outros sentimentos compreensíveis e incompreensíveis.

Porquê tal mudança?

Outra creatura veio ocupar o lugar que até ali pertencia à boazinha Sara. As visitas acabaram, mas estou certo de que Sara tudo me perdoou.

XI

Sou ditoso! Encontrei Lucie

BEM-DIGO a hora em que, dias antes de cortar com a boa Sara, eu fui ao teatro Avenida ver o Pepe Ruiz. Ali encontrei Lucie em um camarote, acompanhada da família patrícia.

Quando dei com os olhos nela, já me tinha visto e notei a sua ansiedade para que eu a visse também. É indescritível a alegria que eu li no seu sorrir, no seu olhar.

Inteligente, compreendeu rapidamente que não sairia do teatro sem lhe falar. Ela também o desejava porque aos que a rodeavam indicou — apontando para mim — o seu ex-companheiro de viagem como para obrigar-me a saudá-los mesmo de longe.

Um sorriso demorado, uma barretada, um abaixar de cabeça, foi o início.

No primeiro intervalo, subi da plateia ao camarote a cuja porta bati, com o coração alvoroçado. Solícita, veio ao meu encontro, apresentou-me à família que a acompanhava, fazendo um rasgado elogio da minha pessoa, e de tal ordem que me obrigaram a fazer-lhes companhia até ao fim do espectáculo. Momento sublime! O que não podíamos dizer com os lábios, diziam os olhos.

No segundo intervalo, pedi licença, fui ao corredor e ali escrevi, rapidamente, num papel, a minha direcção, o número do telefone, pedindo que me falasse no dia seguinte, às 10 horas da manhã. No momento em que o público ria, às gargalhadas, do cómico trabalho do Pepe Ruiz, entreguei-lhe o bilhete sem ninguém ver.

Ao outro dia, às 10 horas precisas, retiniu o telefone.

— Lucie?

— Sou.

— Venha, preciso de lhe falar.

— Onde e quando?

— Parque Lezama, hoje, às 4 da tarde. Vem?

— Farei o possível, mas tenho medo do resultado deste encontro porque eu também o desejo.

*

*

*

No parque, àquela hora, muitas senhoras cuidavam as crianças que brincavam, rolando pela relva e algumas empurravam os mais miúdos nos seus minúsculos carrinhos.

Chegou Lucie, elegantíssima no seu tailleur de primoroso corte. Mais bela, mais encantadora, mais sedutora. Se estivéssemos sós, cairíamos num forte e demorado amplexo. Embora não viesse como a ingénua que fala a sós com um homem pela primeira vez, uma luta se travava no recôndito do seu coração porque notei nela um misto de alegria e tristeza.

Procurámos o ponto mais solitário do parque, do lado do Passeio Colon, que recebia do Rio da Prata — que passa em frente — uma viração calma, suave. Cheguei-me bem para ela e, depois de verificar por todos os lados se alguém se aproximava, um beijo demorado, louco, selou o nosso encontro. Ela tentou livrar-se do inesperado assalto, mas o seu coração pulsava, unísono, com o meu. Até às 6 horas, ali estivemos num idílio que desejávamos não acabasse mais. Duas horas felicíssimas pelo à vontade com que podíamos exteriorizar todos os sentimentos que há tanto tempo retínhamos.

— Julgo estar sonhando! dizia eu por tê-la julgado perdida para sempre.

— É verdade. Meses seguidos sem o ver, sem saber de si! Estou perdida. O receio que tinha deste encontro vai transformar-se em realidade. Assim o quererá o destino?

— Lucie, gosta de mim?

— Nem se pergunta. Ontem, no teatro, julguei enlouquecer de contentamento quando o avistei.

Reconhecendo nós que nos procurávamos ardentemente um ao outro, vieram-nos as lágrimas aos olhos. Nesse momento só a ela via, só nela pensava num desejo irreprimível de a possuir. Não reflectia, sequer, na precária situação monetária em que me encontrava. A minha vida, os meus gastos tinham de ser muito equilibrados para viver naquele país o maior tempo possível até ao fim da minha missão que não sabia quando terminaria. Era este o ponto nevrálgico da minha existência. Preocupa-

va-me, imenso, não ter o numerário suficiente para dar vôo livre à minha fantasia.

Um perfume suave dimanava de todo o seu ser.

Só queria poder estreitá-la num frenesi de louco. Ela, conhecendo o perigo, afastou-se delicadamente. Lia-lhe nos olhos sentimento igual ao meu, mas o pudor a obrigava a afastar-se de quem a podia perder. Tudo isto excitava o meu desejo másculo.

Foram segundos essas horas passadas sob um copado Ombú, testemunha muda da nossa confissão de amor. Gastámos alguns minutos a gravar os nossos nomes no banco de madeira em que estivemos sentados.

Formámos projectos. Ela pensava que dentro de seis meses teria o seu assunto liquidado, receberia do devedor setenta e cinco por cento da dívida e caminharía, após isso, para a sua pátria. Eu também julgava ter tudo terminado dentro de seis meses, findos os quais seguiria para o meu Portugal. Sairia certo este meu cálculo? Quem dera!

Ela viúva, eu solteiro, parece que nada se podia opor ao nosso amor. Lucie queria um amor honesto, legalizado perante Deus e a sociedade. Justo, humano e cristão. Mas que futuro lhe poderia eu oferecer na apertada situação financeira em que me encontrava naquele momento? Terminada em bem a minha missão, ficaria rico, mas, até lá, o equilíbrio devia ser rigoroso.

Estava convencidíssimo de que Lucie me queria e ansiava possuir-me, mas interpunha-se uma força poderosa: a profunda crença religiosa. Poderia teimar possuí-la sem olhar a escrúpulos, na certeza de

que Lucie não resistiria, mas ela não era merecedora de que a tratasse assim.

Sáímos do Parque pelo Passeio Colon. Viemos a conversar até à Calle Belgrano, subimos, e em Defesa, defronte da Igreja de S. Domingos, nos despedimos, marcando para daí a quatro dias, nesse mesmo parque, outro encontro que jamais esqueceremos.



XII

Relações com portugueses

Não havia razões para que na culta e cosmopolita cidade de Buenos Aires não existissem, como em todos os cantos do Mundo, portugueses. Há-os, e, para honra da Pátria, considerados ali os mais fieis, os mais honestos em todos os ramos da actividade humana. Não há caso algum em que um português se veja envolvido em assuntos que exijam a intervenção da polícia. Muitos patrícios humildes encontrei empregados como guardas nocturnos, em joalharias das mais importantes; outros, cobradores das principais casas comerciais. E falando com argentinos estabelecidos, ao saberem que eu era português, diziam-me com toda a sinceridade: os seus patrícios aqui são, de todas as colónias estrangeiras, os preferidos para empregos de confiança; gozam de crédito ilimitado.

— Há de tudo, como em toda a parte, respondi.

— Não, senhor; ao português podemos confiar-lhe valores, ouro em pó, porque temos a plena certeza de que não retira um miligrama; e então em contas é de uma exactidão incomparável.

A minha primeira preocupação foi relacionar-me com os mais destacados membros da colónia.

Conheci muitos como sócios de empresas, donos de fábricas, de importantes alfaiatarias, comerciantes em todos os ramos, e até alquiladores. Alguns do norte e do sul da metrópole, mas o maior número era do Algarve e Ilhas, especialmente da Madeira.

Dois filhos desta linda Pérola do Oceano em pouco tempo se tornaram os meus mais dedicados, os mais íntimos amigos. Um, foi o Esmeraldo, Cônsul de Portugal, o outro, o Rufino, interessado numa empresa exploradora de erva-mate. Aquele, cultíssimo, inteligente, amigo do seu amigo; este, a franqueza personificada, com a bolsa e a alma aberta sempre às afeições mais puras e sinceras. O primeiro já está na eternidade, deixando toda a colônia portuguesa em Buenos Aires imersa em profunda e indelével saudade. O segundo, meu irmão em espírito e na inquebrantável camaradagem, sei que ainda vive e é feliz. O Atlântico separa-nos da vista, é certo, mas o nosso espírito, as nossas almas continuam unidas e solidificadas com os anos que quase em comum vivemos.

Estes dois incomparáveis e inesquecíveis companheiros eram naturais, como disse, dessa jóia portuguesa, cercada pelo mar e coberta por azulado e diáfano céu de maravilha, da formosíssima Ilha da Madeira.

Não havia aventura simples ou complicada para o Rufino, que não estivesse eu ao seu lado ou vice-versa. Éramos mutuamente confidentes dos nossos amores ou das nossas máguas. Era raríssimo, por sermos solteiros, que andasse um sem o outro após as horas do trabalho. Em qualquer arriscada orgia

ou festa, onde a integridade física de um estivesse em perigo o outro tomava a defesa, e a violência não se levava ao cabo. O que um idealizava, o outro aprovava sem discussão; logo a ideia se punha em prática e se cumpria.

Para amostra, descreverei como dois portugueses, em terra estranha e sendo estranhos um ao outro, logo se tornaram amigos. Prova-o o seguinte episódio.

« CÓMICO FINAL DE FESTA »

Rufino, como tinha aportado àquelas praias alguns anos antes de mim, já tinha algumas relações adquiridas. Logo que nos conhecemos, apresentou-me a todas as suas amizades e, entre elas, havia a família Gomes Alves, portuguesa e conterrânea do Rufino.

Esta família era composta de um bondoso e culto casal, com seis filhas e um filho, tendo a mais velha, nessa altura, 26 anos; os restantes faziam diferença de um ano, uns dos outros. O chefe, Snr. Gomes, apesar de ser estrangeiro — português, — era funcionário do Ministério da Guerra. Viviam muito bem e naquela distinta casa reinava sempre uma franca e sincera alegria. Quando falavam em português, notava-se o sotaque inconfundível dos madeirenses. O amor do torrão revivia em todos os semblantes, quando se falava da Pátria distante.

Uma noite de sábado, em casa desta família, depois de algumas horas de comum contentamento,

de uma expansiva e portuguesíssima alegria, sucedeu um episódio cómico-dramático.

A calle Florida é de todas as de Buenos Aires a de mais luxo, porque é ali que a mais alta aristocracia exhibe as toilettes da última moda, visitando os mais sumptuosos armazéns do mais lindo e do mais caro que da Europa é importado. Ali existem as mais elegantes casas de chá, frequentadas pelo que há de mais « chic », de mais rico, na sociedade « porteña ».

É estreita, mas já naquele tempo, quando o asfalto na Europa era uma novidade e poucas cidades o tinham, ela já era asfaltada.

Existiam ali, repito, os mais imponentes e grandiosos estabelecimentos comerciais, à mistura com verdadeiros palácios particulares e associações ou clubs desportivos, como o Jockey Club, cujo edificio, pelo esplendor dos seus salões, pela riqueza dos seus adornos, era muito visitado por intellectuais e figuras de destaque na política, comércio e indústria, dos países estrangeiros que iam a Buenos Aires. Nesses salões celebraram-se muitas conferências com os políticos das Repúblicas vizinhas, sobre interesses mútuos as quais devem estar gravadas na história da política Argentina.

Entre as calles Cordova e Viamonte existia um monumental Palácio que foi construído para um elegante Magasin, todo coberto de cristal e aço, a que chamavam o « Bon Marché », mas que, por motivos que ignoro, foi transformado em dezenas de cómodos e luxuosos departamentos. Vivia em um destes a família portuguesa, Gomes Alves.



BUENOS AIRES — O EDIFÍCIO MAIS LUXUOSO, EM 1903,
ERA O DO JOCKEY CLUB.

Apareceram naquele tempo, já muito melhorados, os gramofones, que, em vez de trazer os tubos de cera de carnaúba, traziam os discos gravados com as mais novas músicas de dança e, entre elas, o tango que principiava a ter uma vulgaridade espantosa.

O Rufino, era como uma criança grande; tudo o que de novidade aparecesse no mercado, numa infantil ansiedade desejava e comprava; foi um dos primeiros que adquiriu esse instrumento maravilhoso, com um enorme porta-voz em forma de buzina.

Possuidor dessa maravilha, inventada e melhorada por Edison, resolveu pô-la a funcionar em casa da família Gomes Alves. Avisou o Esmeraldo e a mim da compra feita e marcou a noite de um sábado para, como experiência, dar-nos um bailarico em família. No dia marcado, depois de ter para lá mandado o aparelho, juntamo-nos os três e para ali nos encaminhámos. Fomos, como sempre, recebidos com demonstrações da mais franca, da maior alegria.

O Snr. Alves, ilustre chefe da casa, amavelmente se prontificou a ceder um criado para dar corda ao aparelho e mudar os discos, enquanto nós os novos dançávamos. Inesperadamente, naquela noite, apareceu de visita uma família, a de Villamil, acompanhadas por Paco, seu irmão.

Isto foi para todos um momento de satisfação, porque veio dar certo brilho à nossa festa íntima. Para mim, então, com maior razão, porque esta circunstância proporcionou-me o agradável ensejo de conhecer esta ilustre família asturiano-argentina —

que pelo decorrer dos tempos, foi dedicadíssima amiga minha e de todos os portugueses meus conhecidos.

Com a sua chegada, a dança prolongou-se até à madrugada. O fonógrafo, com voz sonora sob o cristal e o aço, aumentara a acústica e foi alterar a pacatez comum do silencioso e colossal palácio.

As vizinhas, por certo amantes de música, nas primeiras horas abriram as janelas de par em par, para que em suas casas entrassem a jorros os acordes das óperas, das alegres músicas de dança. Quando as harmoniosas notas passaram das onze horas, principiaram por fechar as janelas. Quando passou da uma da madrugada, o que a princípio era encantador, divinal, parece que se transformou, aos seus ouvidos, num descomunal inferno.

As queixas dos inquilinos ao porteiro, ao *governador do palácio*, choviam de minuto a minuto.

Era este um cidadão austero e grave, filho da ridente e poética Galiza, que, como todos os estrangeiros, foi para aquela cidade atrás do Eldorado americano. Principiava por porteiro — imaginário — a ver se a vara mágica do destino um dia o faria encontrar o chapim de cristal que o transformasse em um banqueiro ou em um nababo rico, milionário. Muitos seres humanos, pensou ele, com essa mesma ambição e tenacidade, principiaram por porteiros ou coisa parecida e hoje ocupam postos na indústria, na finança, na sociedade, lugares de destaque e alguns até são hoje titulares.

Porque é que ele não havia de ter o direito de ambicionar ser alguma coisa na vida?

Às duas horas da madrugada, uma janela das tais que, em princípio, se abriam com prazer abriu-se agora para protestar. Foram tantas as queixas que o representante daquela luxuosa barca de Noé, onde viviam tantas e tão distintas famílias veio ao «appartement» intimar-nos para acabar com a festa.

Por acaso, quando a intimação veio, já as senhoras punham os chapéus, e os cavalheiros, os agasalhos para sair.

Quem recebeu a intimação, por intermédio da criada de sala, foi uma das senhoritas, filha do Snr. Gomes, para a transmitir ao seu excelentíssimo pai. Rufino e eu estávamos perto e tínhamos ouvido a exigência do porteiro. Não gostámos da forma como foi feita a intimação e, sem explicação concreta, o homem rolou pelos degraus que vão de um andar ao outro. Levantou-se ileso e furioso, ameaçando céus e terra e acusando-me como culpado.

Quando à porta da rua apertávamos as mãos aos membros da família Villamil, afim de irmos para as nossas respectivas casas, veio um telefonema chamando o Snr. Gomes Alves, à Comissária Primeira. Depressa demos conta do que se tratava e então não consentimos que o Snr. Gomes fosse à Comissária. Tomei a responsabilidade e, como tal, como culpado, se culpa ali houve, apresentei-me.

O homem queixava-se de que a queda foi provocada por um empurrão que lhe dei e, ao dizer isto, chorava. O Comissário ouviu o que o homem

disse e, dirigindo-se a mim, pediu-me a explicação do caso e eu, em minha defesa, limitei-me a dizer, já numa linguagem meia de Camões e meia de Cervantes, o seguinte :

— Não vê o Snr. Comissário que este homem está embriagado? E é de tal forma a embriaguez que não sabe o que diz e chora como uma videirinha! Se estivesse no seu uso de razão, não chorava como chora.

— Tem razão, disse a autoridade, vou mandá-lo para o xadrez, para se curar.

Creio que o homem chorava de raiva por não poder liquidar-me ali mesmo. O Comissário, talvez sugestionado pelo que eu lhe disse, ou achando estranho que um homem sem grande motivo, pois não estava ferido, assim chorasse, julgou-o de facto embriagado. Passou-lhe uma descomunal censura e não o engaiolou porque lhe pedi que o mandasse em paz.

Rufino foi o único amigo que me acompanhou até o último momento e ficou comigo para ver o resultado.

Os outros amigos, Paco, Esmeraldo e Gabriel, este filho do Snr. Gomes Alves, por insistência minha e do Rufino, recolheram-se a casa. Tinham obrigações a cumprir no dia seguinte.

O Comissário foi de uma gentileza, de uma correcção que muito honra a polícia argentina.

Eu e Rufino dirigimo-nos para as nossas respectivas casas para descansar e sonhar com a bela noite que acabávamos de passar, excluindo, já se vê, o episódio cómico-dramático, do fim da festa.

*

*

*

Sairam errados os meus cálculos. Não passei o resto da noite tão còmodamente como era meu desejo. Estive em pleno centro da Avenida de Maio, velando toda a noite, até que o astro-rei surgesse do além dos Pampas, para entrar em casa.



XIII

O despertar da cidade

DEVIAM ser três horas da madrugada quando saí da Comissária. Deixei o Rufino à porta do seu domicílio e segui para o meu, que ficava mais longe umas seis quadras, ou seja, seiscientos metros.

Ao chegar à minha porta, só então vi que, ao mudar de fato para ir ao bailarico, tinha esquecido no quarto a chave.

Era eu o único inquilino de um casal de velhinhos franceses, proprietários de um dos mais afamados estabelecimentos de alfaiataria. A criada tinha o quarto na *azotea* ⁽¹⁾ de forma que, se eu batesse, ia acordar o casal que, por ser velhinho, merecia o meu maior respeito e consideração.

Estávamos no verão. A noite amena e seca. O dia rompia das trevas às cinco horas. Não os acordei. Tomei então a resolução de esperar a vinda do astro soberano que era quando a criada descia para receber o leite e fazer limpeza.

A casa ficava situada na Calle Esmeralda, a uns vinte metros da Avenida de Maio. Tomei um café

(1) Terraço.

no *Harmonia*, café que toda a noite se conservava aberto para atender os noctívagos, boémios, jogadores, donos de *mina* ⁽¹⁾, ou *calaveras* ⁽²⁾. Não querendo que me confundissem com essa gente, saí e sentei-me num banco da Avenida. Desse ponto via a minha casa.

Acabavam de ter passado os empregados municipais, lavadores das ruas, com dois carros à frente puxados a cavalos — não havia o que hoje há, carros motorizados — espalhando água por todos os lados. Atrás, uma fileira de carros rolando com escovas de piaçaba e lâminas de borracha. Atrás destes ainda, uma fila de homens, na sua maioria italianos, calabreses, de brincos nas orelhas, a fazer com escovas de mão a limpeza dos passeios e das valetas. Um capataz os fiscalizava e dirigia. Soube que, na generalidade, este capataz é uma pessoa culta, estrangeira, que, depois de ter batido a todas as portas a pedir colocação, e não a encontrando, sujeita-se a este modestíssimo emprego, que só consegue à força de muitos pedidos.

Este serviço é muito suave nas noites de calor, porém, trabalho horrível nas noites de inverno que chega a dois graus abaixo de zero. O calor no verão é exagerado e desagradável de dia, a ponto de haver frequentes casos de insolação; mas, de noite, a temperatura é amena.

(1) Mulher que vende o corpo para sustentar o amante.

(2) Estroinas.

Um polícia avistou-me de longe e com a maior tranquilidade foi-se chegando para onde eu estava; lia-lhe no rosto a estranheza que lhe causava ver um homem de indumentária à moda, fumando havanos, àquela hora, ali, como qualquer vagabundo, sentado num banco público. Com toda a delicadeza, interrogou-me. Apontei-lhe a minha casa, expliquei o motivo e a disposição em que estava de não chamar, mas sim de esperar que a criada abrisse a porta para entrar. Ele, que, havia bastante tempo, fazia serviço naquela zona e conhecia todos os inquilinos, achou justo que não desperdasse os velhinhos Mounieres — assim se chamava o casal.

— Quer o cavalheiro, — disse-me — utilizar o meu quarto que é pobre, sim, mas está limpo e é aqui perto? Dou-lhe a chave para o Snr. ir lá dormir enquanto eu estou de serviço.

Agradei, sensibilizado, a oferta do agente policial, que era espanhol contratado, mas não aceitei, e isto por ter resolvido aproveitar a oportunidade para conhecer, ver e gravar na mente o despertar daquela grandiosa cidade.

Passados minutos, as luzes apagaram-se e a penumbra ia-se dissipando lentamente descobrindo as coisas que me rodeavam. Uma infinidade de carrinhos de mão vazios uns e com canastras outros, começaram a aparecer, empurrados por espanhóis, italianos, argentinos, e por indivíduos de outras raças, descendo a Avenida, em direcção ao mercado de *abasto*, que fica a três quilómetros de distância, na Calle Corrientes. Muitos desses

homens, com um pau largo ao ombro e um canastro em cada ponta, iam fazer provisão de frutas, a excelente uva moscatel, bom pêssego, lindas maçãs e saborosas peras, que na Argentina frutificam lindamente, e bananas, importadas do Brasil.

O mercado fornecedor é uma espécie de armazém por grosso que ocupa uma *manzana* ⁽¹⁾.

Tudo que as hortas e pomares das povoações limítrofes da cidade produzem, ali se reúne, vem, por caminho de ferro ou em grandes carroças, ali parar. Os pequenos vendedores vão ali comprar, sortir-se, para venderem depois pelos bairros excêntricos da cidade, pelas ruas situadas longe dos mercados «Chacabuco», «Central» e «Del Plata», hoje demolidos para darem lugar às amplas avenidas Sul, Presidente Júlio A. Roca, e Norte, Presidente Roque Saenz Peña.

Foram aparecendo também nesse momento e a essa hora as primeiras carruagens, vitórias puxadas por lindos cavalos, autos, poucos, porque nesse tempo ainda não havia abundância desse meio cómodo e rápido de transporte.

Do Club Progreso, que era então na Avenida de Maio, entre as Calles Florida e Maipú, saíam encartolados cidadãos, pálidos da vigília e do jogo. Um a um, com cara-de-caso, naturalmente depois de terem perdido no monte francês, ou no pocker, so-mas que, bem distribuídas, matariam muita fome, secariam muita lágrima. Alguns iam a pé, outros

(1) Quadra, cem metros por cada frente.

tomavam carruagem, naturalmente porque saíram ganhando e iam contentes para as suas casas.

Das bocas das ruas laterais à Avenida, surgia, de vez em quando, uma ou outra mulher bonita, elegante, com toilette de seda. Parava, diante de um dos melhores edificios, tirava da bolsa a chave do prédio, abria a porta e entrava. Como isso me chamasse a atenção, o polícia explicou. São mundanas, que de dia vivem em appartements do 5.º ou 6.º andar destes prédios de luxo, com toda a comodidade e conforto. De noite vão aos prostíbulos vender minutos de prazer. Algumas têm a mãe na sua companhia que as espera, com um banho pronto, para se higienizarem antes de recolherem à cama. As outras, chamadas *minas*, espera-as o *caftem* (1), amante, já deitado, quando não é o próprio marido, que aguarda a fêria ganha. Outras têm os filhos dormindo ao cuidado de criadas. Estas merecem a nossa consideração, porque sujeitam-se a isso para sustentar os filhos.

Alguém dirá que a mulher não necessita dessa profissão para conseguir esse sustento, mas, se ela depois de procurar emprego e de buscar por todos os meios uma vida honrada, não o conseguiu, que havia de fazer? «Lançou-se na lama para fazer frente à miséria e com sacrificio, contrariada talvez, viu-se arrastada para o *fango* (2); só dessa forma,

(1) Rufião.

(2) Lamaçal, imundície.

entregue a esta vida, lhe é possível sustentar os filhos, dar-lhes pão e um curso ou profissão.

« Muitas, depois de fracassos sucessivos, em busca de uma vida honesta, é que se lançam aos lupanares a vender o corpo, a enganar os homens. Algumas fingem-se viúvas, para lhes ser mais fácil e por saberem que existem criaturas que têm uma certa predilecção pelas mulheres que se cobrem de luto — sobretudo quando novas.

« Geralmente estas elegantes mulheres, — diz o polícia, — todos os dias, às cinco da tarde fazem-se passar por honestas. Luxuosamente vestidas vão representar a farsa de senhoras de bem, nas mais importantes e afamadas casas de chá. Hoje uma, amanhã outra, e assim correm-nas todas. Onde notam que a frequência é de gente mais aristocrática e de fortuna, é onde vão com mais assiduidade. Como no geral são atraentes, pelo vestir e pelas jóias, — muitas vezes falsas, — não é raro que sejam seguidas por certos velhos verdes que vão também àqueles sítios sòzinhos, atrás de conquistas. São, na generalidade, fazendeiros ou proprietários ricos. As mulheres, espertas, simulam fugir dos conquistadores, não lhes dão trela logo ao primeiro encontro, deixam-se perseguir dias e dias e, quando vêem que o candidato pode cansar-se, param numa vitrine, a ver as modas. O sedutor aproxima-se, dirige-lhe a medo um *pirópo* ⁽¹⁾, ela sorri. Ele atreve-se a dizer :

— Eu gosto de si, quero-lhe falar urgentemente.

(1) Uma gracinha.

— Eu sou casada.

— Não importa: eu sou rico e você só tem a ganhar.

Ela faz a parte de assustada, olha para todos os lados e, com estes gestos, o candidato julga realmente estar falando com uma senhora da alta roda.



BUENOS AIRES—METADE DA AVENIDA DE MAIO, QUE ATRAVESSA O CORAÇÃO DESTA GRANDE METRÓPOLE. AQUI AFLUI A VIDA INTENSA DA URBE. FOI DESTES PONTOS QUE O AUTOR ASSISTIU AO DESPERTAR DA CIDADE.

Ele pergunta-lhe onde poderá falar-lhe ; ela, fingindo, diz, por exemplo : amanhã ou tal dia, às tantas horas, no Bar do Lago, em Palermo. O imbecil ricaço vai para casa todo contente pela conquista que fez. No dia marcado, à hora exacta, lá está ele numa mesa, radiante, à espera. Ela vem, senta-se sem o cumprimentar, como se já se conhecessem há muito, e explica :

— Se o cumprimentasse, daria na vista e assim sento-me como se fôssemos já conhecidos ou de família.

Principia então «el cuento del tio» (1) . . .

— Meu marido é ministro, deve estar a esta hora ocupado com assuntos graves de Estado.

Ou : — É Doutor, Advogado, e está ocupado nos Tribunais.

Ou ainda :

— Está a atender os clientes. É médico.

O homem fica verdadeiramente entusiasmado pela alta conquista que fez : a sorte de ter por amante uma dama de tão alta categoria social. Ela diz-lhe com acanhamento que só atraindo o marido por muito dinheiro e justifica porquê :

« O meu esposo, apesar da posição que ocupa, é um jogador, perde muito dinheiro na banca e para casa dá muito pouco. Não chega o que dá para as minhas necessidades, para os meus caprichos. Sou mulher de gastar muito, preciso de muito dinheiro. Simpatizo consigo. Está você disposto a gastar

(1) Conto do vigário.

comigo? — diz ela, com uma sem-cerimónia de mulher mundana. Se está, dê-me uma prova. Se não está, retire-se, faça de conta que nunca me viu nem conheceu. Se em qualquer ponto me dirige a palavra, faço queixa a um polícia e paga cincoenta pesos de multa e, como sou senhora de posição, quem passa muito mal é você.

Geralmente só pode fazer isto uma mulher elegante e linda, que, ciente da sua formosura, sabe exigir e dar-se valor.

Se o homem é verdadeiramente rico e gosta dela, cai no laço. Diante desta clara manifestação, puxa de um livro de cheques; se não tem o suficiente em efectivo, enche um com uma quantia e entrega-o como garantia.

« Sendo cheque, ela, previdente, marca a entrevista para o dia seguinte, à tarde, afim de previamente o receber no Banco. Se é em efectivo, vai logo para a garçonière, ⁽¹⁾ com todo o conforto, em sítios ermos e escusos, ou em ruas de intenso movimento, onde os « rendez-vous » não se notam.

« Ela, por isto, não deixa de continuar a ir ao prostíbulo porque tem a certeza de que o palerma, quando der conta de que foi ludibriado e explorado e caiu no logro, abandona-a, dando ao diabo a hora em que se deixou seduzir pela formosa serpente.

« Existem muitas que se agarram de tal forma ao indivíduo sedutor que este nunca mais se vê livre dela. Se é casado, então é que é um nunca findar

(1) Apartamento.

de exploração. Ela ameaça-o com escândalo e ele, antes que a aventura chegue aos ouvidos da esposa, submete-se a tudo o que ela exige. Muitas vezes é tal a chantage que a polícia tem de intervir. É por isso, que, diz o bom informador, conheço muitos casos destes. É raro o dia que na polícia não apareça um caso.

Se alguns maridos tivessem conhecimento destes contos de vigário, não se lançariam a ser conquistadores de qualquer mulher por ser bonita ».

Enquanto escutava o que me dizia o agente, percebi que a criada de uma casa quase em frente de nós, abria a porta e, impaciente, olhava como quem espera alguém do fundo da avenida. Passados momentos, chegou um leiteiro, vasco, com seu carrinho puxado por um cavalinho e, dentro, seis latas grandes com leite e as medidas correspondentes.

A criada ficou radiante. O vasco saltou do carro com a lata e a medida, e os dois entraram para o pátio e fecharam a porta.

Chamei a atenção do bom polícia, que me disse: isto aqui é muito vulgar. São namorados que aproveitam a ocasião em que os patrões dormem para o seu idílio. A maior parte das vezes o resultado é no fim de nove meses ela, aflita, ter que ir ao Hospital Rivadávia, onde é assistida gratuitamente, e largar a carga. Ele fica a rir-se e o mundo marcha...

Eu podia fazer-lhes uma partida, disse, multá-lo por abandonar o carro, e fazia-o certamente se o movimento fosse grande, mas a esta hora não é intenso, deixo-os gozar as delícias desta porca vida.

Quem sabe: se eu fosse leiteiro não faria o mesmo? Sei de muitos colegas meus que têm com criadas a sorte daquele leiteiro, mas eu tenho mulher e filhos em Espanha e quero lá voltar.

A distribuição do leite naquela cidade, na época, estava a cargo quase exclusivamente da colónia espanhola vasca. O vasco jamais largou a sua característica indumentária, que consta de uma larga bombacha, blusa de flanela escura, cinturão largo, de couro, enfeitado com moedas de prata, algumas de valor, a prender a bombacha e a blusa; um lenço de bico ao pescoço e uma boina branca ou chapéu de abas largas, como usam os gaúchos.

De minuto a minuto, o movimento das artérias da metrópole ia aumentando. As carruagens ocupavam já quase toda a avenida. Carroças carregadas de mercadorias várias, puxadas por três, cinco e, às vezes, seis cavalos enormes, normandos de tiro, cruzavam em todas as direcções.

Os guardas nocturnos dos mais importantes estabelecimentos saíam à rua para abrir e correr as cortinas metálicas das enormes montras, fazendo um barulho de metralha. Os *canillitas* ⁽¹⁾, aos centos, esperavam a saída do jornal «La Prensa» — o de maior tiragem da América do Sul — que fica no princípio da Avenida. Faziam uma algazarra medonha. Viam-se loucos os dois polícias que, para manter a ordem, ali permaneciam.

(1) Ardinas,

Quando a criada desceu a abrir a porta, agradei ao polícia a boa companhia e as suas curiosas informações e entrei em casa.

A criada vinha também com uma vasilha de alumínio na mão para receber o leite. Ficou espantada de eu, tão pontual nas outras noites, nesse dia entrar àquela hora. Subi ao meu quarto para dormir até às doze horas, por ser domingo, e ia no meu cérebro pensando se a criada não teria também, como a outra, um leiteiro por namorado...

Assim terminou aquela inesquecível e movimentada noite; na dança, na Comissária e num banco público, a ver o despertar da capital porteña, Buenos Aires. Estendido finalmente no leito, enquanto Morfeu não me dominou, pus-me a meditar nas tragédias humanas que nas entranhas dos prédios daquela enorme e bela cidade se teriam representado, enquanto eu na via pública velei. Cenas de sofrimento e riso nos palácios, nas casas modestas, nos lúgubres tugúrios; promessas falsas e sinceras; ilusões feitas e desfeitas; lares iniciados e outros terminados, muitos em desordem. Vida de luxo nos teatros, nos salões, nos «cabarets». Dinheiro queimado, desperdiçado no champanhe ou sobre o pano verde. Lares sem pão, sem agasalho, outros onde só reina a violência, o roubo e a morte. Em alguns, o misto da maldade, abnegação e carinho. Famílias que esperam ansiosas o raiar do dia para pedir trabalho ou estender a mão à caridade pública, a fim de conseguirem o necessário para mitigar a fome.

Tudo nesta formosa, colossal, imponente e rica cidade de luz, de esplendor: — Buenos Aires!

XIII

Duas lágrimas de Lucie dizem muito

Não esperou Lucie que passassem os quatro dias para o novo 'encontro. Dois dias apenas, e veio ela ao meu escritório saber de mim, da minha saúde, do meu amor por ela. Disse-me com uma ternura, com uma meiguice sem igual, que não lhe foi possível conciliar o sono, nem apagar da lembrança a agradável tarde passada no parque Lezama.

— Procuro, disse ela, nas horas vagas rezar, correr as igrejas, com o fim de me distrair, de desviar o pensamento de si para as coisas de Deus, mas — confesso — não posso resistir ao desejo de o procurar, de o ver.

Esta sincera e franca confissão de Lucie, veio aumentar-lhe mais o meu carinho a ela e, embora eu procure fugir também da atracção do seu affecto, não posso. Sofro nos momentos em que a não vejo, não sinto o seu delicado perfume; quando não me extasio no olhar dos seus olhos encantadores; quando não me sorri o seu sorriso e não a tenho a alvoroçar-me o sangue — por reflexo — o calor do seu elegante corpo.

Raro é o dia em que não me vem ver. Tomamos o chá às cinco, ora numa, ora noutra confeitaria.

ria. Nesses felizes momentos entra o risonho sol nos nossos corações. A nossa mente liberta-se da preocupação e da tristeza, motivada pela ausência, e esquecemos que os minutos passam rápidos. Para não perder um momento da sua companhia, sigo a seu lado até perto da casa onde ela se hospeda. Na despedida, os meus olhos fitam os seus e dizem o que os lábios temem dizer. Um forte e demorado aperto de mão e duas lágrimas de Lucie dizem muito. Resistiremos muito tempo à nossa tentação?

Tratamos de demorar esse comovedor instante da despedida que faz com que os nossos corações se dividam. Não me movo do sítio para onde ela se volta inúmeras vezes até desaparecer na volta da esquina da rua onde mora.

Não costumamos marcar dia para um novo e ansiado encontro. Ela aparece, como até agora, quando entende, convencida, como está, de que a todo o momento que chegue, tem o meu coração disposto e aberto para receber o seu.



XIV

O minhoto Mário Viana

Os meus amigos Rufino e Esmeraldo disseram-me que em uma das mais importantes casas de comércio da Calle Florida estava, como empregado superior e accionista, um meu comprovinciano, chamado Mário Viana.

Disseram-me ainda que era tão patriota que ao português ou brasileiro que o procurasse, fosse ele pobre ou rico, atendia com toda a deferência e carinho. Com esse proceder, afirmaram, tem conquistado muitíssimos amigos. Veio do Brasil, onde era caixeiro viajante, interessado numa forte casa comercial, e gostou tanto da ordem, da disciplina, da forma de trabalhar do comércio argentino, que foi liquidar os seus interesses e voltou. Fez todo o possível para aqui ficar e, com algumas dificuldades, conseguiu entrar como simples empregado vendedor naquella importante estabelecimento, que há vinte e cinco anos foi fundado. Quando entrou, era o empregado n.º 685. Passados seis meses, gostaram tanto da sua forma de trabalhar, que o fizeram accionista e nomearam-no fiscal de vendedores. Outros seis meses depois, mais ou menos, conquistou tal prestígio que passou a ser inspector geral.

Corre os seis andares daquele colossal empório, não só a ver como os clientes são tratados pelos vendedores, como também a ordenar e a chamar a atenção dos chefes de secção para tudo aquilo que julgue — a seu critério — não estar bem ajustado à norma da ordem e da disciplina. Não se torna tirano. Naquilo em que intervém fá-lo de tal maneira e delicadeza, que os empregados que deram à casa dez ou doze anos de serviço constante e em princípio olharam com maus olhos a subida rápida do português, hoje respeitam-no, estimam-no e são seus amigos.

Ao português que chegue a Buenos Aires atrás de trabalho e fale com algum patrício, este diz logo: — olha, vai ao Snr. Mário Viana, que só ele te pode empregar. O próprio Consulado de Portugal, ao sentir-se apoquentado com os compatriotas que lhe aparecem implorando auxílio ou ajuda — diz o Rufino — manda-os para aquele dedicado patrício nosso. A todos atende e a muitos tem colocado. Apesar disto sofre muitas ingratidões de compatriotas a quem socorre. Um caso, para exemplo:

Um dia apareceu-lhe um rapaz português, educado, bem trajado, dos seus 22 anos, dizendo-se electricista, a procurar trabalho. Que devia a semana da pensão e, se não pagasse, teria de passar fome e dormir ao relento. O Viana pagou-lhe a pensão, conseguiu-lhe emprego na Empresa Transatlântica Alemã de Electricidade. Faltava-lhe ferramenta para se apresentar ao trabalho. O nosso compatriota — continua Rufino — foi com ele a um estabelecimento da especialidade, comprou-lhe tudo

que disse necessitar e ficou muito satisfeito pelo bem que tinha praticado. Mais tarde soube que o compatriota socorrido foi logo vender a ferramenta, não se apresentou ao emprego e desapareceu.

Casos destes ou parecidos sucedem-lhe muitos ; mas julga que se queixa ou se nega a socorrer outros? Não, senhor ; basta provar que é português para o ajudar. Estou certo de que, apesar de ganhar muito, nada acumula e um dia pode fazer-lhe falta.

—Tem o condão da bondade, disse o Rufino.

—É uma boa alma, confirmou Esmeraldo.

Esta descrição de bondade e os elogios ao patricio despertaram em mim uma forte ânsia de o conhecer.

Um dia, fui com os meus amigos visitar a casa onde Mário Viana estava altamente colocado. Ali me apresentaram ao minhoto distinto que, naquele Mundo Novo da América do Sul, estava a ilustrar tão bem o nome de Portugal.

Os próprios patricios que ali viviam, há muitos anos, se admiravam de que um português, em tão pouco tempo, subisse a um posto daquela categoria, em casa estrangeira, principalmente por haver dezenas de empregados com mais direitos de antiguidade. Ainda não ficou por ali a posição de Mário Viana. Passado um ano de eu o conhecer, tinha subido a sub-gerente. O estabelecimento é no estilo das Galerias Lafayette, Louvre ou Bon Marché, de Paris, seis vezes maior que o Grandela ou o Chiado de Lisboa.

Com a maior deferência nos acompanhou às várias e grandiosas secções, explicando a sua orga-

nização. A ordem e a disciplina que nelas se encontra deve-se à harmonia, à forma mais liberal que se pode imaginar entre o administrador geral e os empregados. Todos tomamos parte na administração e organização da casa.

— Como? — perguntei.

— Todo o empregado tem um livrinho onde pode expor o que julgue útil para a boa marcha dos negócios, para a comodidade do público e até para a boa disposição e arrumação de móveis, vitrines das suas respectivas secções, ou do prédio em geral. O empregado, depois de escrever no livro a sua ideia, entrega-o ao chefe da secção respectiva. Este, goste ou não goste, ache bem ou ache mal, é obrigado a pôr a sua rubrica, como sinal de que passou pela sua mão, e manda o livro do empregado ao gerente ou administrador geral. Este chama o chefe, se a ideia é restrita à secção, ou todos os chefes, se ela é de ordem geral. Depois de devidamente estudada, é que é posta ou não em prática. Os proprietários ou gerentes não têm a veleidade de se aproveitar da ideia de um empregado, como sucede com muitos patrões, que, sem pejo, chamam a si as honras do sucesso de uma ideia que não lhes pertence. Aqui, não; quando se oferece ocasião de alguém felicitar o administrador ou a administração por uma feliz resolução ou transformação, com a maior sinceridade e franqueza, fazendo justiça ao autor, dizem claramente, sem por isso se rebaixarem: esta ideia foi do empregado fulano, da secção tal. Como vê, esta organização liberal estimula a boa vontade do empregado.

« O empregado vendedor tem um ordenado e uma comissão nas vendas. Além disso, credita-se-lhe, no fim de cada mês, cinco por cento mais sobre esse ordenado e a comissão, que é depositada na Caixa Económica da própria casa. Trabalha nove horas (*não havia ainda horário de trabalho obrigatório*) mas a entrada e saída são rigorosas, matemáticas, não se perde um minuto. Para isso, há a cargo do porteiro um relógio automático que marca a entrada do empregado. Cada secção tem um chefe e sub-chefe. Possui também a sua escrita na contabilidade geral separada. É debitado à secção um tanto de aluguer por cada metro quadrado que ocupa no edifício e, assim, no fim do ano, após um balanço rigoroso, sabem quanto fez de despesa e quanto ela deu de lucro.

O contrôle de todos os serviços é perfeitíssimo e rápido. De hora a hora vem um empregado da contadoria recolher as papeletas das caixas de cobrança e da expedição. Dentro de duas horas, qualquer engano ocorrido é notado e o empregado culpado do erro é chamado à ordem por escrito. Exemplo: um empregado cobra de menos a um freguês dez pesos, numa factura. Dali a duas horas dá-se pelo erro; se o cliente levou a mercadoria, o empregado é avisado de que lhe vai ser debitada a importância. Se a mercadoria foi mandada ou está para ser mandada, sabe-se o domicílio, escreve-se e vai junto um memorandum avisando delicadamente o cliente do erro. Geralmente o cliente paga, ficando o empregado salvo desse inesperado gasto. À terceira falta dessa

natureza, é o empregado irremediavelmente despedido.

Nada vai sem ser conferido e, se o que embrulhou a mercadoria e conferiu a factura não deu pelo engano, paga metade da importância e fica sujeito às mesmas penalidades.

«O trabalho, aqui, diz Viana, é rápido e sem atropelamentos.

— A quanto monta a receita diária? — perguntei.

— Actualmente a média é de sessenta mil pesos papel (ou seja, a quatrocentos reis cada peso, vinte e quatro contos ouro, moeda portuguesa); actualmente seriam mais de trezentos mil escudos diários.

«É este estabelecimento o que tem a melhor organização, a ponto de muitas casas congêneres virem aqui estudar a nossa forma de trabalhar. Dizem mesmo que a organização interna do «Bon Marché», «Louvre», «Samaritaine» e Galeria «Lafayette», em Paris, não a têm melhor nem tão perfeita.

— Quem são os proprietários e accionistas principais?

— Um é inglês e outro argentino, filho de espanhóis da província galega, e foram ambos os fundadores.

— Estão em Buenos Aires?

— Não; o argentino passa a maior parte do tempo em Paris, onde temos casa de compras. Quando este regressa para passar aqui uns seis meses, vai o outro para a Inglaterra, com a família, dar um passeio de seis meses também.

*

*

*

Quando parti de Buenos Aires de regresso à minha Pátria, aquele importante estabelecimento, onde o meu comprovinciano era alto funcionário, vendia mais de duzentos mil pesos diàriamente, o que, ao câmbio actual, dá para cima de mil contos.

Tinha oito sucursais no interior do país, uma filial no Chile, e os empregados de todos os estabelecimentos subiam à cifra dos seis mil; a uma média de três pessoas por cabeça, viviam daquele estabelecimento dezoito mil pessoas.

*

*

*

Agradei a companhia e as informações e convidei o illustre patrício para jantar um dia comigo.

Como era solteiro, aceitou, mas com a condição de ser em um sábado, porque, descansadamente — disse ele — podemos conversar sobre o nosso querido Portugal e, sobretudo, da nossa formosa província do Minho.

No sábado marcado, pedi na pensão para melhorar o menu para quatro pessoas, Mário Viana, Rufino, Esmeraldo e eu.

Entre ditos e rifões, versos e episódios da nossa história, falamos de literatura, música portuguesa e, em fraternal convívio, comemos contentes e lautamente. Bebemos Colares, « Viúva Gomes » e à sobremesa, como homenagem ao país onde éramos

hóspedes, tomámos um calicezito de vinho «Añejo El Abuelito», que é do tipo do nosso vinho do Porto.

As conversas ao último prato, versaram sobre os cantinhos bucólicos do Minho e a poética e ridente Ilha da Madeira, que todos conhecíamos, Rufino e Esmeraldo por nascerem ali, Mário Viana e eu, de passagem.

Apesar de o jantar ter acabado tarde, ainda fomos dar um passeio aos bairros operários da Boca e Barracas, bairro este, na maioria, de casas construídas de madeira e zinco. O bairro apresentava muito movimento naquela noite, véspera dum domingo.

Os cafés — concerto de baixa categoria, que ali existem, estavam à cunha, repletos, duma assistência heterogênea de mulheres e homens de todas as raças, cantoras espanholas e italianas, napolitanas, que executavam canções picantes, as quais causavam hilaridade aos espectadores.

Era fácil reconhecer que estávamos no «bas-fond» argentino. Vimos esses cafés de fugida e passámos para outro lado do Riachuelo, para a povoação Avelaneda, para visitarmos inúmeras casas de mercadoria viva, de procedência estrangeira, de todas as nacionalidades. Antes de atravessar a ponte, tivemos de parar, porque esta se abriu no centro, como se fosse um alçapão, para deixar passar um vaporzinho com chaminés e mastros altos.

Eram três horas da madrugada, quando, satisfeitos em todo o sentido, regressámos às nossas casas.

A minha bolsa sofreu um grande abalo mas conquistei um amigo porque a minha amizade com

Mário Viana foi dali em diante a mais cordial, a mais íntima. Os nossos génios, as nossas ideias casaram bem. Passado um mês, consegui que ele viesse viver para a pensão onde eu estava hospedado. Assim tinha um inseparável companheiro a quem podia confiar os actos da minha privada e metódica vida. Com licença dos pais de Sara, pois ainda não tinha desfeito o compromisso das visitas, convidei-o a ir jantar um domingo connosco e aí apresentei-o à criatura que eu adorava.



XVI

« Na Europa tudo poderá ser ; na América, nada »

LUCIE é neste momento algo na minha vida. Em 24 horas, setenta e cinco por cento do meu pensamento são para ela e tenho a plena certeza de que ela me corresponde plenamente, com dedicação e carinho igual. Pena é o platonismo do seu amor. Venho estudando o seu carácter, o seu pensar, o qual condiz perfeitamente com o meu, mas — sempre o fatídico mas — sendo uma mulher excepcionalmente de paixão ardente, com todas as características de uma sensual, é sem embargo de uma sensibilidade profunda. Vejo que sofre com a sua mística feição de ver o mundo. Com o temor dos riscos, abandona os prazeres que a vida oferece e obriga o seu ser a abster-se do indizível gozo que Deus concedeu aos que vivem amando. Com sacrifício e aparentemente com indiferença, recusa os afagos do ambicionado momento de amor e carinho, em contradição com o fogo ardente que sinto nos seus lábios quando a beijo, com o orvalhado febril que noto nos seus preciosos olhos quando ela me fita. Languidez, um relativo e fugidio abandono do seu corpo nos meus braços e mais nada. Atroz sofrimento nesse instante para ela e para mim.

Vamos ao chá costumado, calmos já, como dois camaradas e amigos, projectando viagens em comum e recordando a primeira. Foge do momento fisiológico e fatal e explica: Respeita a ausência da Pátria e da família e teme que qualquer facto ilegal venha retardar e até sustar o cumprimento da sua missão. Disciplinada em extremo, quer mostrar a seu pai e patrão o acerto da confiança que nela depositou. Escrava da palavra dada, evita complicações. Na Europa, tudo pode ser; na América, nada. Por quanto tempo este sensato raciocínio, esta inabalável resistência? . . .



XVII

A lealdade gaúcha — Uma churrasqueada

O crioulo argentino é de carácter nobre e franco. Trabalhador, no seu principal mister de campesino, ginete, boleador. Seguro na sela, na montada, laça com perfeição.

Não é cobarde nem traidor. Quando briga em leal duelo, procura sempre lutar com armas iguais. Não se aproveita da queda do inimigo para o castigar. De preferência, espera que este se levante. Para se defender, enrola o *poncho* ⁽¹⁾ no braço, como o antagonista e, de punhal em riste, a luta segue muitas vezes com o resultado final de tombarem os dois, feridos de morte. Quando um destes casos se dá, felizmente poucos, existe nos espectadores a heróica nobreza de os deixar lutar livremente. Nenhum intervém, a não ser no final para curar os feridos ou fazer-lhes o enterro. Também não os excita a barbárie, embora nutram por um ou por outro simpatia ou predilecção. Abrem roda e assistem serenos, impassíveis, ao desenrolar da luta.

(1) Espécie de chaile, aberto ao centro, que se enfia pela cabeça.

O gaúcho argentino, no seu modesto *ranchito* ⁽¹⁾, com su *pingo* y su *china* ⁽²⁾ recebe a todos com fraterno carinho, extrema hospitalidade, e ao viajero visitante ou comerciante, que aparece por aqueles *pagos* ⁽³⁾, com a maior galhardia e franqueza oferece, além da hospedagem, um saboroso e característico *churrasco*, com ou sem couro, acompanhado pelo infalível mate, chupado por *bombilla*. Conforme o número de pessoas, assim é o animal que abatem, que sacrificam em honra do hóspede. Tanto pode ser uma *ternera* ⁽⁴⁾, como um borrego. Para eles a carne do animal pouco ou nada vale, o que mais lhes interessa é o couro, o *pellejo*.

Nas cidades populosas, as famílias, quando querem realizar um pic-nic e sentem saudades desse saboroso pitêu, vão para um dos bucólicos *pueblos* limítrofes da cidade e aí realizam a churrasqueira.

Como jamais se apagou da minha memória a primeira festa desta natureza, vou tentar a narrativa com a mais fiel exactidão do que me impressionou e senti nesse agradável dia argentino.

Os empregados superiores dos importantes estabelecimentos « Gath y Chaves », « Cidade de Londres », « Cidade do México » e outros, irmanados numa fiel e sincera camaradagem, tinham organizado

(1) Palhoça — cavalo e mulher companheira gaúcha.

(2) Pingo: cavalo; china: companheira, mulher.

(3) Pagos — sítios.

(4) Vitela.



UM DUELO GAÚCHO

uma sociedade, havia um ano, sob o título « Os Trinta Amigos ».

A sociedade tinha como objectivo o seguinte : ajuda mútua ; cotização especial, em caso de falecimento, para a família do sócio falecido ; proporcionar o curso comercial aos filhos dos sócios ; passeios campestres ; pic-nics no verão, e bailes no inverno, além de periódicas conferências filosóficas e sociais.

Para festejar o primeiro aniversário da sua fundação, resolveram realizar num domingo, em S. Isidro, povoação lindíssima, na margem do rio « La Plata » e bem perto da capital, um pic-nic só de homens do qual fazia parte o tradicional churrasco.

Mário Viana, foi um dos fundadores, alma-mater daquele unidíssimo grupo dos Trinta. Por esse motivo e por escrúpulo natural, querendo manter entre eles a mais ríspida disciplina e unidade de vistas, não me convidou sem previamente consultar os seus companheiros e amigos, se eu podia tomar parte nessa festa, na qualidade de estrangeiro, recém-chegado da Europa. Por unanimidade foi consentida a minha pessoa no meio de tão selecto grupo, gozar do, para mim, novo e original pic-nic e estar em contacto com um núcleo de homens de cultura esmerada, mas que, pela força do destino ou da necessidade, tiveram de se dedicar a um emprego comercial, embora de elevado prestígio. Homens de seis nacionalidades, uns falando mal o castelhano, outros bem, num fraternal e alegre convívio.

Entre eles havia dois andaluzes, Muñoz e Camacho, que com o seu inato sotaque e o seu bom

humor, mantinham todos os companheiros em constante hilaridade. Irradiavam chiste, graça infinita. Nunca me ri como nessa inolvidável reunião.

Foi numa manhã quente do mês de Dezembro que partimos da Praça de Maio para a estação do Retiro, da Estrada de Ferro-Carril Argentino. Esperavam-nos ali dois homens gaúchos vindos do interior para fazerem, como práticos, o *churrasco*. Tinham já despachado para a estação de S. Isidro grandes cestas com as coisas de mais vulto, como seja, uma *ternera*, em duas metades; espetos de ferro, barris com cerveja e garrações de vinho, marca Trapiche. Levavam com eles outras cestas mais pequenas com pão, queijo, fruta, doces e tudo que é necessário e mais comum num pic-nic.

Enquanto o combóio marchava e nós fâmos admirando as planas e extensas campinas que se estendiam além das povoações Belgrano, Olivos, Vicente Lopez e outras, um terceto que levâvamos alegrava o ambiente, deliciando-nos com alguns trechos de música nacional. Na margem da via férrea viam-se muitos cartazes oferecendo lotes de terreno a prestações, com milhares de tijolos já para dar início à construção das casas. Com o valor do aluguer, diziam, podem pagar e ficar donos do edificio. Vinte anos de prazo para pagamento sem juros.

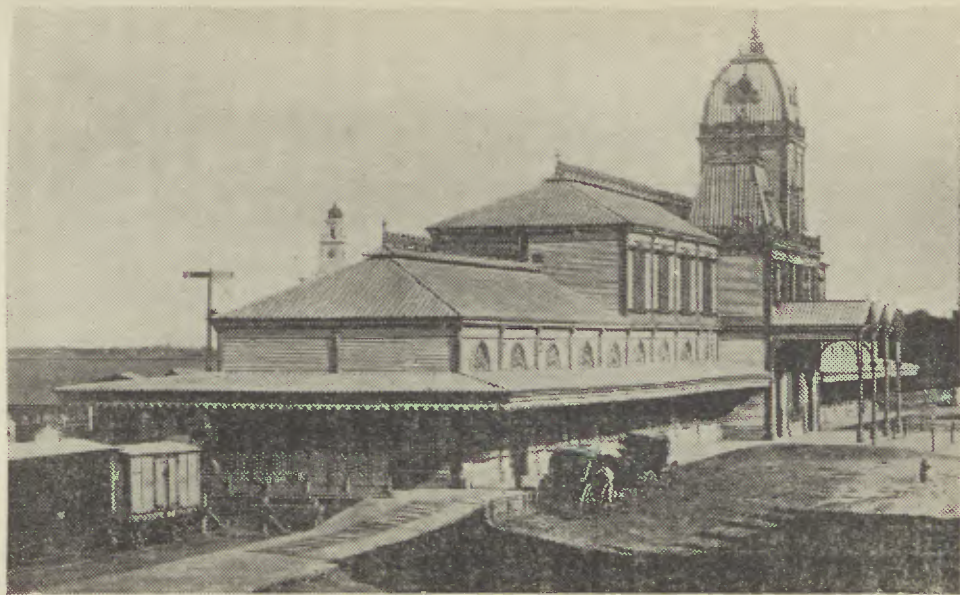
Não sei se isso era verdadeira pechincha, porque nunca tentei ser proprietário naquela República, mas sei que poucos anos após este pic-nic as povoações estavam formadas com casas, chalets, bengaloubs lindíssimos. A cidade de Buenos Aires dia a dia alargava a olhos vistos.

O indivíduo que tivesse cinco mil pesos comprava uma propriedade no valor de quarenta mil: os cinco mil pesos eram a entrada e o restante seria em cédulas hipotecárias, garantidas pelo governo. Com estas facilidades, uns ficaram ricos e outros pobres e muitos perderam as suas economias de tantos anos, porque o crack das terras surgiu um dia; o que valia quarenta passou a valer vinte e os juros do Banco Hipotecário havia necessidade de os pagar, sendo o resultado vender os prédios com prejuízo. Estes casos deram-se mais tarde. Nessa época, havia verdadeira loucura na compra e venda de terras. Muitas fortunas e muita ruína houve nesse espaço de tempo. Qualquer pessoa sem capital comprava e vendia terras sobre palavra. Muitos que tinham algum numerário junto, entusiasmados, na esperança de vender e comprar com lucro, tudo converteram em terras, resultando disso a sua ruína chegando alguns à falência e desta ao suicídio.

Em S. Isidro, esperava-nos um dos «Trinta Amigos» que ali vivia, Bianchi, filho de italianos, feitor ou mordomo da importante chácara de um dos maiores proprietários argentinos, Anchurena.

Quinta grandiosa, para onde nos dirigimos. Enquanto o homem prático foi para a margem do rio La Plata escolher sítio apropriado e preparar o churrasco, visitamos o palacete Anchurena, que na ocasião estava desabitado. Percorremos jardins, parques e no final, tomamos mate na casa da família Bianchi.

Como era a primeira vez que experimentava aquela infusão, com o estojo próprio «Mate e Bombila», vi-me atrapalhado, quase escaldei os lábios,



BUENOS AIRES — ANTIGA ESTAÇÃO DO RETIRO DO FERRO-CARRIL ARGENTINO.

a boca e a garganta, pela acção de água a ferver. Levei muito tempo a acostumar-me a esta bebida escaldante. Causou hilaridade a minha atrapalhação de *gringo* (1).

O que me causou verdadeira surpresa foi ver o estojo do mate passar de boca para boca, sem a mais pequena desinfecção ou limpeza, a não ser um pequeno roçar da mão da senhorita, que servia o mate, pela ponteira chata da *bombilla*. Embora o trabalho de *sebar* (2) fosse feito pelas mãos delicadas de uma das formosas irmãs de Bianchi, pareceu-me essa liberdade de pouca higiene.

A *bombilla* geralmente é de prata, com ponteira de ouro; tem a forma de uma concha para açúcar, tapada na parte côncava, com uns buraquinhos por onde passa a infusão. O recipiente chato, o mate, é uma espécie de pequenina cabaça chata, com gargalo cortado e, na boca, uma virola de prata ou ouro.

Para que a água quente não faltasse, havia três grandes *pavas* (3), ao lado do fogo. Houve menino que repetiu a chupadela até dez vezes. Eu, à segunda, já pedia, mentalmente, a todos os santos da corte celestial que não viesse a senhorita insistir e dizer-me: «uno más, joven; solo uno más». À terceira vez pedi desculpa e não chupei. Passados meses, eu era um verdadeiro gaúcho no mate. De toda

(1) Chamam ao estrangeiro que ali aporta, não fala o idioma e desconhece os hábitos e costumes do país.

(2) Deitar água a ferver sobre as folhas picadas da erva-mate.

(3) Chaleiras.



BUENOS AIRES — SUMPTUOSO CLUB DE REGATAS, NOS RIOS LUJAN E TIGRE.



a forma o tomava e a toda a hora; com açúcar, com café, misturado com leite ou sem nada, mesmo o amargo, o chamado *cimarron*.

Deixamos os chapéus e casacos em casa do Bianchi e, à negligé, fomos observar o local da festa e ver em que andamento estava o almoço.

Encontrámos as metades das vitelas espetadas nos enormes ferros, ao lado de uma grande fogueira.

Sob copadas árvores, chorões, que pela abundância de folhas miúdas apenas filtravam um sol maravilhosos e benigno, preparámos o terreno; do lado do rio vinha uma viração fresquíssima, agradabilíssima. Por nós, muito perto, passavam os combóios que iam e vinham para S. Fernando e Tigre, povoação terminus dum ramal do Ferro-Carril Argentino, onde abundam pequenas ilhas cobertas por pessegueiros, cujos frutos deliciosos fazem concorrência aos da Califórnia.

O *Tigre* principiava então, no estio, a ter um movimento extraordinário, por ali existir o mais rico e melhor apetrechado club de regatas. Todos os anos se realiza um imponente torneio que marca pela elegância e pela aristocrática assistência. É um dos mais importantes clubs da América do Sul. O que há de mais selecto, o escol da sociedade argentina, ali se diverte. Actualmente existe lá um importante casino. Na época das regatas, é de aconselhar que o turista visite o Casino do Tigre porque honra o país.

Passados momentos, começou a sentir-se um apetitoso cheirinho, acompanhado do chisnar da carne a assar.

Os estômagos desassossegados, reclamavam alguma coisa com insistência. As nossas bocas aguçavam-se. Um dos homens, de vez em quando, deitava na carne um molho de água, na qual tinha sido misturado antes sumo de limão e sal. Era o único tempero. Quando o *prático* disse: — Senhores, o churrasco está pronto — foi o mesmo que nos dissesse: — Senhores, saú-lhes a sorte grande.

Houve borbórinho. O terceto tocou um hino ao churrasco e cantou-se « Al gran pueblo argentino, salud! » (1). Formaram-se quatro bichas, duas para cada metade da vitela. Cada um com um garfo na mão esquerda e faca afiada na direita tirava da manta da carne uma tira. Soprava e com a ajuda da faca, metia a ponta da tira livre na boca, tirando uns três centímetros de carne e assim sucessivamente até a liquidar. Cada pedaço de carne que mastigava era seguido de um chop gelado. Dentro de pouco tempo a vitela desapareceu. Para os músicos e para os homens práticos valeu ter sobrado muito queijo, muita fruta e doces.

A carne de gado argentino, por muita que se coma, nunca satisfaz, ou melhor, quanta mais se come parece que mais se deseja. A que atribuir tal coisa? Será do alimento do gado, ou do clima? Ou do descanso que o gado tem?

Terminada a churrasqueira, o terceto tocou o Pericon nacional, lunduns, sapateados, e outras músicas em voga.

(1) Um verso do hino argentino.

Como a tarde estava linda e o sol doirava as copas dos chorões, a família Bianchi e outras famílias da povoação desceram à margem do rio, para gozar a refrescante brisa que ali se disfrutava.

Como a nossa festa era só de homens, as formosas argentinas, acompanhadas de seus papás, umas com noivo e outras sem ele, atiravam-nos bromas, *piropos* ⁽¹⁾, estabelecendo contacto connosco. Dentro em pouco tempo, dançávamos valsas, polkas e tangos.

Transformou-se o pic-nic ou a churrasqueada em um baile popular campestre. Como fosse indelicadeza não oferecer nada às damas, mandamos um dos homens à povoação buscar outro barril com trinta litros de cerveja e pão.

Com o queijo que nos restava, fizeram-se sanduiches, que lhes oferecemos. Demos por terminada a festa, quando o sol apenas mostrava uma pontinha da sua passagem pela terra. O *trem* ⁽²⁾ que tomámos para regresso à capital vinha do Tigre e de S. Fernando repleto.

Na estação, à despedida, foi uma verdadeira manifestação de apreço, sinal da boa impressão que deixamos entre o elemento feminino de S. Isidro. Até creio que houve algumas lágrimas.

Era tal a afluência do trem que nenhum dos trinta amigos se sentou entre S. Isidro e Buenos Aires. Todos levámos saudades da tarde sublime

(1) Chalaças.

(2) Combóio.

que passámos, tarde inesquecível e jamais repetida. Houve várias churrasqueadas de que fiz parte, mas com a alegria e o encanto da primeira, nunca.

Seria por constituir uma novidade para mim? Dizem que o amor primeiro é o melhor. Aquela tarde para mim foi um verdadeiro amor, porque parte do meu coração lá ficou preso.



XVIII

A Fonda del Crocodillo

NUM dos subúrbios da cidade de Buenos Aires, no bairro da Boca, mesmo em frente ao cais do Riachuelo (¹), onde está sempre atracada uma infinidade de barcos à vela, de alto bordo, que, por o seu frete ser mais barato, são contratadas para conduzir até ali mercadorias de toda a parte do mundo, havia naquela época a *Fonda del Crocodillo*, propriedade de italianos, que gozava da fama de lá se comer e beber bem e por pouco dinheiro. Como tabuleta, tinha na porta um enorme crocodilo seco em imitação perfeita, de lata.

Os amigos Rufino, Esmeraldo e Mário Viana convidaram-me a ir um dia com eles, a título de extravagância, conhecer e saborear a verdadeira comida italiana que é sempre melhor feita, diziam, quanto mais baixa for a categoria do restaurante ou estalagem.

(1) Pequeno rio.

A ementa era composta de *rabioles*, *inhoques*, *talharines*, *polenta* com passarinhos e o característico macarrão com queijo ralado ou com suco, isto é, o molho da carne estufada. Tudo isto regado com o puro e genuíno vinho Barbera ou Chianti.

Na tarde de um ridente domingo primaveril que roubei ao compromisso das obrigadas visitas à Sara e à sua boa família, fomos os quatro amigos em « tranvia » dar um passeio às povoações limítrofes da cidade, como Temperley, Lanuz e outras, e na volta, como estava previamente combinado, viemos jantar à afamada Fonda del Crocodillo.

Salão amplo e comprido, dividido em dois, por cascos de vinho importado da Itália e pelo balcão que separava as prateleiras com bebidas engarrafadas e outras coisas próprias para os gastrónomos e bebedores e, perto, a cozinha.

Na parte do salão de entrada, em compridas mesas sem toalhas e em bancos toscos, encontrava-se sentada uma heterogénea freguesia, já servida uma, e outra à espera que lhe servissem os peixinhos que em abundância de azeite se fritavam em fogões redondos, portáteis, colocados nas portas de entrada do estabelecimento, cuidados por súbditos italianos, de avental e garfo em punho.

A passagem para o segundo salão era ao centro, entre o balcão e os cascos.

O aspecto, à primeira vista, não diferia muito de um tasco minhoto, em Portugal.

Para lá da citada divisão dos cascos e do balcão havia mesas com toalhas e quartitos reservados, para um ou outro casal de pombinhos que

quisesse comer sem ser incomodado. Estas mesas estavam todas ocupadas por gente de categoria social variada e diferente da do primeiro salão, mas procedente de vários países, porque se ouviam, ao mesmo tempo, vários idiomas, sendo na sua maioria italianos. Falavam inglês, alemão, francês. Eram aqueles que, naturalmente, cansados, como nós, do quotidiano, embora saboroso, *puchero* ⁽¹⁾ argentino, com *garbanzos* e *maiz* cozido, foram também ali saborear, como dizem os nossos irmãos brasileiros, os *quitutes* da cozinha italiana.

Esperámos que se desocupasse uma das mesas, tal era a concorrência.

Na porta do estabelecimento, apareceu um homem com perna de pau, tocando num realejo modinhas em voga, como, *Ai Mari, Torna Sorriento, Barbena de la Paloma, Hino Garibaldi*, etc.

Uma mesa se desocupou e tomámo-la quase de assalto, porque atrás de nós chegou mais gente com desejo também, e muito natural, de variar a comida. Sentados, pediu cada qual o que mais lhe apeteceu. Eu principiei pelos *rabioles* que não conhecia e de que gostei tanto que fui pedindo de outras iguarias semelhantes. Foi uma boa hora de contínua gastronomia.

Das garrafas de vinho Chianti, italiano, cobertinhas com palha, desaparecia uma, surgia logo ou-

(1) Cozido de carne com hortaliça, batatas, grão de bico e milho tenro cozido.

tra. Na ocasião do primeiro prato, mandámos perguntar ao homem do realejo quanto levava por tocar tudo o que tivesse no reportório e se tinha alguma peça portuguesa. Respondeu que levava dois pesos pela hora da música e que de *Portucalo* só tinha a *Maria da Fonte*. Mandámos que principiasse pelo nosso popular hino e que tocasse tudo a seguir.

Foi um nunca acabar de tarantelas napolitanas, do hino de Garibaldi, muitas vezes repetido, porque o reportório não dava para muita variação.

Os comensais do primeiro salão, carregadores do cais, em trajes domingueiros, davam ao homenzinho da perna de pau, de vez em quando também alguns centavozinhos, de forma que a nossa resolução foi bem recebida e, para o homenzinho, rendosa. No segundo salão onde estávamos, como disse, havia comensais de vária nacionalidade, predominando famílias italianas, completas, pais, mães e filhos, que só falavam nos seus respectivos idiomas ou dialectos de origem, calabrês, siciliano, ou genovês. Nós, para complemento da Babel, falávamos na nossa linda língua de Camões.

Isto a alguns vizinhos de mesa causou surpresa, mas ao dono da casa e empregados, não, porque todos os dias acorria ali gente de todos os cantos da terra e, entre estes, muitos brasileiros; por isso estavam acostumados e julgavam-nos filhos do país irmão e amigo, o Brasil.

Quando terminámos a refeição e pedimos a conta, mandámos que o realejo tocasse, por despedida, novamente a «*Maria da Fonte*», hino que to-



RIACHUELO, EM FRENTE DO QUAL EXISTIA A «FONDA DEL CROCODILLO». AQUI SE VÊ ATRACADA
A BARCA PORTUGUESA — ELVIRA.

dos tínhamos aprendido em criança E, por isso, em alta voz cantámos :

« Lá vem Maria da Fonte,
« A cavalo sem cafr,
« Com a corneta na mão,
« A tocar a reunir ».

« Eia avante ! portugueses,
« Eia avante sem temer,
« Pela santa liberdade,
« Batalhar ou perecer (*bis*).

A nossa canção caiu bem no espírito dos outros comensais, porque, ao terminarmos, ressoaram palmas de todas as mesas.

Um grupo de alemães da mesa mais próxima logo iniciaram o canto de uma marcha guerreira, numa perfeita e harmoniosa combinação de vozes, como se fosse um orfeão. Esperámos que terminasse para os aplaudir e depois retirámo-nos.

Notei que a nossa boa disposição e alegria deixou nos comensais excelente impressão.

Isto de os europeus cantarem as canções pátrias na América, é muito vulgar sobretudo nos franceses e ingleses. Aqueles, quando se encontram em grupo, cantam a Marselhesa. Os ingleses, com um pouco de Whiske a mais, entusiasmam-se e cantam o « Good save the King » e os brasileiros, a marcha ao seu pendão áureo-verde.

Para gozar da brisa que corria e para ajudar a digestão, resolvemos dirigir-nos para o centro da cidade, a pé, pela margem do Riachuelo, passando

ao lado de grandes depósitos de vigas de ferro, chapas de zinco, arame liso e farpado, lotes de madeira, tudo importado do estrangeiro. Fomos descendo em direcção à Darsena sul e continuaríamos, se não estivéssemos já cansados, pelo passeio Col-lon até à Praça de Maio.



XIX

A barca portuguesa « Elvira »

TÍNHAMOS caminhado umas cinco quadras, meio quilómetro, quando de dentro de uma das barcas atracadas ao cais ouvimos em voz alta falar no nosso idioma com sotaque poveiro.

O dia desaparecia, vertiginosamente, escondia-se para o lado dos pampas e o pavilhão azul e branco, símbolo da nossa querida Pátria, que estava arvorado no mastro de ré de uma barca, ia sendo arreado naquele momento.

Éramos todos republicanos, todos da mesma ideologia, mas sem combinação prévia, sem a menor palavra, intuitivamente, parámos e com o máximo respeito nos descobrimos. Finda a cerimónia, com o coração alvoroçado, os olhos humedecidos pela recordação do nosso Portugal distante, chamá-mos alguém.

Atendeu-nos o imediato que, com consentimento do comandante, por casualidade a bordo, nos convidou a entrar.

Era uma barca de quatro mastros, matriculada em Matozinhos, com o nome *Elvira*. Fomos para debaixo da tolda à ré onde o capitão gentilmente

nos esperava. Ali nos demos a conhecer. O capitão era do Porto, o imediato de Fão, e a tripulação, de Matozinhos, Póvoa e Espozende. Tinham chegado na manhã daquele dia, domingo, e a capitania do porto mandou atracar a barca ali, bem contra vontade do capitão, que queria ficar mais perto da Darsena, ou do centro da cidade. Estava ainda com toda a carga, que constava de vinho do Porto, azeite, cortiça em lâminas e em rolhas, cognac, palitos, etc.

A nossa alegria, ao pisar aquele pedaço do solo pátrio, era indescritível. Não há pena que possa descrever a sensação desse momento. Só quem a sentiu, pròpriamente, jamais a esquece e, por melhor que a descrição desse momento fosse feita, ficaria muito àquém do que realmente a nossa alma sente. Ao ver aquele retalho de pano de duas cores, com o escudo das quinas, que, logo que demos os primeiros passos no mundo, nos ensinaram a amar e respeitar, símbolo querido da terra onde nascemos, onde vivemos na infância, os nossos olhos orvalharam-se como se devem orvalhar os de um filho de bons sentimentos no momento em que inesperadamente encontra a mãe querida, de quem há anos está separado. Nessa ocasião, abatem-se ideologias, para só se ver a Pátria, Mãe de todos os portugueses. Ainda nós,—os quatro—tínhamos esperança de voltar ao seu seio, ao seu regaço, mas quantos há que, depois de a terem deixado, não voltam mais. O que sentirá o exilado que, por força de uma lei, por um delito social ou político, não possa voltar ao solo paterno?

Era avançada a noite quando nos retirámos. Saímos com um plano formado, assente, de realizar uma festa a bordo. Um baile, que terminasse com fogo de artifício. Foi um fim de dia esplêndido, em toda a extensão da palavra, não só por considerarmos aquela barca o nosso querido Portugal, como pelas notícias que nos deram os tripulantes sobre o progresso acelerado das ideias republicanas do nosso país. Os jornais davam-nos notícias muito reduzidas, mas apesar de quase dois meses que durou a viagem, soubemos coisas que ignorávamos: os comícios para a eleição dos deputados, defensores do povo e patriotas, Afonso Costa, João de Menezes, João Chagas, Alexandre Braga, António José de Almeida e muitos outros.

O comandante era pela monarquia, o imediato e o resto da tripulação republicanos ferrenhos, mas, naquela hora de agradável encontro, éramos sobretudo portugueses e nas nossas mentes, nos nossos corações, unicamente uma coisa víamos, a sublime, a magestosa imagem da Pátria querida.

Na noite do dia seguinte, voltámos ali a reunir-nos e combinámos contratar um sexteto, que tocaria sobre a escotilha do porão, e dançaríamos no tombadilho. Ficou o adorno da barca com bandeiras, cordas, redes, remos e salva-vidas ao cuidado do imediato e da tripulação entusiasmada. Na ré, sobre a tolda, mesas pequenas onde se serviriam as senhoras convidadas, sanduiches, doces, licores, vinhos e sorvetes. No fim do baile queimar-se-ia uma certa quantidade de fogo de artifício japones.

Ao senhor Dr. Roque da Costa, encarregado de negócios de Portugal, pedimos licença para anunciar aos portugueses que quisessem fazer parte da festa, que podiam procurar o convite no consulado. Só dessa forma, pudemos dar conta do número de patrícios que, fora os das associações da colônia, naquela cidade existiam.

Ultrapassou em tudo os nossos cálculos. A afluência de portugueses e argentinos descendentes de raça lusitana foi enorme. Altas patentes do exército e da Marinha argentinos, apesar de a festa ser anunciada só para a colônia, pois nunca pensámos, pelos nossos poucos recursos, torná-la oficial, vieram solicitar convites que não pudemos negar. Chegou o dia anunciado e, logo da parte de manhã, os quatro, que era de quantos se compunha a comissão, foram dar uma vista de olhos à barca. Ficámos encantados com o bom gosto e boa disposição dos apetrechos marítimos, colocados pela tripulação. Parece impossível que da gente rude do mar tivesse saído tudo com tal arte. Trabalharam toda a noite, indo buscar palmas à ilha Maciel, que fica a umas boas milhas de distância, para dar ao improvisado salão um aspecto bucólico e alegre. Para que do cais não vissem a festa, puseram a todo o comprimento da barca, desde a proa à popa, todas as bandeiras das nações do globo e o A. B. C. de bordo.

Às duas horas, chegaram as primeiras famílias. Às três, já se dançava com o maior entusiasmo. Às cinco, a alegria era a mais real e a mais franca, estava no seu auge. Às nove, as dezenas de pessoas que compareceram começaram a retirar para

suas casas, depois de queimado o fogo. Todos contentíssimos, satisfeitos, o que para nós era uma honra, um orgulho. As nossas bolsas sofreram um rude abalo, mas durante os anos que ali vivi jamais se realizou, ao ar livre, uma festa social tão linda, tão patriótica e tão portuguesa.

A imprensa de Buenos Aires, desde a mais poderosa à mais débil, em longos e elogiosos artigos, referiu-se à festa a bordo da barca portuguesa *Elvira*, atracada ao cais do Riachuelo.

O nome do nosso querido Portugal foi levado em letras de forma a todos os cantos da República Argentina.

Não nos arrependemos, nem chorámos o trabalho e o dinheiro que gastámos, porque tudo fizemos com os olhos postos na Pátria e o pensamento e o coração nas famílias.



O casamento e a mortalha...

Nos primeiros dias do meu convívio íntimo com Mário Viana, conversando com ele sobre a beleza da mulher argentina, estranhei que, estando ele em tão boa posição social e comercial, ainda permanecesse solteiro.

Com a maior sinceridade e franqueza respondeu-me :

— « O meu desejo é ir um dia à Pátria e unir-me a uma mulher portuguesa. Reconheço a sedutora elegância e a elevada cultura da maioria das mulheres argentinas, mas também não desconheço o valor, a distinção, a modéstia encantadora e a pureza de sentimentos das mulheres da minha terra.

« Estudei, ou melhor, venho estudando por certa intimidade com as *porteñas*, o seu carácter, as suas ideias a respeito do casamento com estrangeiros, e cheguei à conclusão de que quase todas estão eivadas de um exagerado patriotismo, para não dizer jacobinismo. Não há no Mundo país mais adiantado do que o seu, na ciência, na arte, em tudo. Na face da terra não há cidade mais grandiosa, mais luxuosa do que a sua — Buenos, Aires. Para

as argentinas, todos os países, ao lado do seu — mesmo sem os conhecerem — são atrasados, pobres e míseros.

« E, para exemplo, conheço patricios nossos, continua o amigo Viana, e você vai conhecê-los também, que levam uma vida infernal. Alguns já estão remediados e podiam retirar-se para a sua Pátria, a descansar dos trabalhos da vida, e não vão, porque a esposa, mesmo a que não tem filhos, lhes diz que vão eles, que não deixam a sua terra, a sua pátria.

« Como passeio, que sim; para ficar, jamais.

« Existem lares de portugueses com argentinas, felizmente poucos, que estão sofrendo a mais cruel necessidade, quase miséria. Da Europa, a família ou parentes que sabem disso chamam-nos para lhes dar uma colocação honrosa facilitar-lhes uma desfogada posição na vida e na sociedade e não vão porque as mulheres não querem, não deixam; preferem viver com essas dificuldades ou à custa de expedientes, vendo o marido lutar com falta de emprego. Não atravessam o oceano para ir buscar o seu bem estar com receio de não voltar à Argentina.

« Estes exemplos entusiasmarão o estrangeiro a casar com a argentina? Creio que não — concluiu o Viana ».

Passados dias desta conversa, duas elegantes e lindas senhoras, irmãs, com uma menina de um ano, vieram viver para a nossa pensão, que era uma das de bastante luxo. Uma delas era casada e mãe da criancinha. O marido não veio, porque, sendo *es-*

tanciero ⁽¹⁾, ficou em Concórdia — província de Entre-Rios — a fiscalizar a *tosquia* a milhares e milhares de ovelhas da sua propriedade.

A outra, com vinte primaveras, solteira, tinha como noivo — com o dobro da sua idade — um forte comerciante argentino, descendente de Ingleses.

Naquela época, as famílias ricas ou remediadas, principiavam, por comodidade e para se furtarem ao trabalho de dirigir a casa e aturar criadas, a alugar os seus palacetes e ir viver para hotéis ou pensões. Estas senhoras vieram porque estavam cansadas da contínua vida doméstica. Impuseram-se ao marido e cunhado, para virem viver na capital. Fecharam a casa própria que tinham em Concórdia e deixaram-na mobilada ao cuidado do seu mordomo. A mais nova queria estar perto do seu padrinho de baptismo, que, na ocasião, era um grande proprietário e senador. Foi por acaso que aquelas duas senhoras vieram à nossa pensão, para perturbarem o sossego de espírito do amigo Mário Viana. Este, que fazia tenção de casar com uma patrícia e tanto tinha estudado a psicologia das argentinas, ficou extraordinariamente enamorado pela hóspede solteira.

Não tinha mau gosto, porque na verdade, não sendo alta, era no entanto elegante, de olhar atraente, muito alva, cabelos ondulados, negros como azeviche, sem pinturas, com um rosto lindo e distinto, principalmente quando usava o seu rico « pince-né »

(1) Fazendeiro.

de oiro. À hora das refeições, eles, de mesa a mesa, cruzavam olhares, a princípio indiferentes, tornados, dias depois, em setas de simpatia e amor.

O tempo foi decorrendo e com ele os olhares iam acompanhados de sorrisos. Dos sorrisos passaram a desprestenciosas conversas na sala de visitas, lugar comum para todos os hóspedes. Das conversas passaram aos inesperados, aos casuais encontros nos corredores da casa, no momento preciso em que o meu amigo Mário saía para o trabalho. Principiaram por um aperto ligeiro de mão, uma despedida, até logo, e acabaram por apertos de mão mais demorados. As conversas e os encontros tornaram-se notados, mas ninguém tinha nada com isso, diziam eles. Procuravam-se um ou outro a cada momento.

O noivo, que todas as noites vinha de visita, foi notando uma certa indiferença na noiva. A forma de o receber era mais fria do que antes de virem para a capital. Interrogada por ele sobre a causa dessa frieza e dessa indiferença, ela, temerosa, não respondia.

Mário Viana, um dia, declarou-se-lhe e desde esse momento prenderam-se um ao outro.

O noivo passou a segundo plano, até que foi despedido, mandado carpir saudades do amor perdido, roubado pelo português.

Era rico, mas de nada lhe serviu a riqueza. Ela, orfã, tinha herdado dos pais alguma coisa, que, no entanto não podia comparar-se com a fortuna do noivo.

O padrinho que era amigo do noivo, veio um dia a saber o porquê desse corte de relações. Ela,

por bons modos o convenceu dizendo-lhe que depois de conhecer o Mário, não podia suportar o *velho*, como lhe chamava.

A irmã casada, mais calculista, mais interesseira, tomou o partido do noivo desprezado, porque via nessa união um bom negócio. Do português, além da perspectiva dum bom futuro e da elevada posição que ocupava na casa comercial onde era accionista, nada mais havia a esperar. Tratou por todos os meios de convencer a irmã do mal que fazia, deixando ou trocando o certo pelo incerto.

Maria Lúcia — assim se chamava a noiva do amigo Viana — estava tão entusiasmada com o seu novo amor que de ninguém ouvia conselhos. A irmã, vendo que nada conseguia com as suas palavras e *démarches*, não teve remédio senão ser ou tornar-se amiga de Mário e o idílio tomou um novo aspecto. Os dois, Maria Lúcia e Mário Viana, sem cuidados ou preocupações, viviam no belo sonho de um lar tranquilo, alegre e feliz. Carícias no olhar, promessas nas palavras, provas de ternura e amor em cada gesto. Entre um e outro, havia homogeneidade de pensamento. Ele, se na casa onde exercia as suas funções era até ali considerado pelo seu trabalho, dora-avante tratou de se fazer mais querido, mais estimado, caprichando por tudo e em tudo na gerência da casa, no serviço de responsabilidade que tinha a seu cargo. Não se fatigava e, sorridente e alegre, cumpria as suas obrigações. Recolhia à pensão e ia logo embevecido para junto do seu amor, da sua bem amada. Esquecia-se até dos amigos, que sempre fieis o acompanhavam.

Mário Viana, sendo mais velho que a noiva perto de dez anos, parecia, ao lado dela, da mesma idade; não havia entre os dois aparentemente qualquer diferença. O amor transformou o Viana completamente. Só vivia para a sua Maria Lúcia. Ela também não ocultava o seu arrebatado e ardente amor pelo meu amigo. Aquelas duas vidas pareciam gémeas e era de supor que jamais se separariam. Ninguém, por mais força ou transcendência que sobre eles tivesse, se atreveria a tentar modificar ou turbar sequer a limpidez dos desejos dessas duas almas.

O dia da eterna união tinha de chegar e chegou. Mário tinha um irmão em S. Paulo (Brasil), e, para que ele tomasse a sua quota parte na festa, na alegria, na felicidade, que sentia, de que estava possuído, mandou-o embarcar para ali e conseguiu que ele fosse ocupar um posto elevado e de valor na casa onde vinha prestando os seus serviços.

Desde a sua chegada, Alberto Viana, — assim se chamava, — viveu connosco e assistiu comigo à felicidade do seu irmão. Em vez de um, passou Mário a ter dois confidentes.

Foram convidados os amigos Rufino, João de Almeida — abastado comerciante português — o irmão Alberto e eu, para testemunhas ante o juiz do Registo Civil. Foi numa bellissima e amena tarde do mês de Fevereiro que o acto se realizou. Já então tínhamos deixado a pensão e ido viver para uma linda casa da Calle Moreno. Na noite do consór-



BUENOS AIRES — NOVA ESTAÇÃO DO FERRO-CARRIL-CENTRAL ARGENTINO,
NA PRAÇA BRITÂNICA.

cio, o elegante *comedor* ⁽¹⁾ da casa de Mário encheu-se de amigos e amigas dos nubentes, entre os quais se destacava em grande parte a colónia portuguesa. Às onze horas da noite, os pombinhos, para sempre unidos, levantaram vôo para S. Fernando, uma linda povoação limítrofe de Buenos Aires. Oito dias de descanso, oito dias para saborearem, sorverem todo aquele ambicionado amor a que chamam lua de mel. Alberto e eu fomos viver com o Mário. O marido da irmã veio assistir ao casamento e viver também connosco, de forma que o lar luso-argentino era movimentado e alegre. Todos vivíamos felizes, porque a felicidade de Maria Lúcia e de Mário era a nossa própria felicidade.

O Rufino casou também e não havia domingo ou dia feriado que não fôssemos os quatro, Mário, esposa, Alberto e eu passar o dia com o amigo Rufino na sua chácara, a Saudade, em Villa Ballester, do Ferro-Carril Argentino, povoação perto de Buenos Aires e quase toda habitada por franceses.

Este amigo Rufino era tão dedicado que mais parecia um irmão nosso; estávamos em sua casa como se fosse casa nossa. O seu carácter de eleição desfazia-se em gentilezas. Quantas vezes me disse: vem a minha casa quando entenderes, à hora que te apetecer e pelo tempo que quiseres; se precisares, este será, o teu domicílio. Tu não és para mim um amigo, és um parente mais próximo, porque pró-

(1) Sala de jantar.

ximo estão os nossos gestos, os nossos pensamentos, os nossos desejos, és, enfim, um irmão.

Eu correspondia-lhe a esse affecto, estando ao seu lado sempre, em todas as ocorrências, em todas as modalidades da vida privada, íntima, acompanhando-o tanto nas alegrias como nas dores.

Os irmãos Viana, como eu, jamais deixaram de manifestar ao Rufino todo o seu reconhecimento, toda a sua amizade sincera e inquebrantável. Os momentos mais felizes da minha vida passei-os no lar e na companhia do amigo Rufino. O seu enlace não modificou em nada a nossa comum amizade.

Mas — o sempre fatídico mas — porque não há bem que sempre dure, diz o rifão português, e realmente é certo — de repente, inesperadamente, Maria Lúcia, começou a ter ciúmes de tanta alegria, de tanta amizade. A sua alma argentina, que a princípio tão bem se casou com a de Mário, transformou-se de repente em pilha de nervos; e o que era para nós risonho e belo, falado e cantado na nossa sublime língua de Camões, para ela, apesar de já perceber o bastante, tornou-se enfadonho e motivo de desgosto. Com o seu exagerado e mal entendido patriotismo, desgostou o marido, a família e amigos.

Isto fez-me pensar no que me tinha dito o Mário: « existem lares de portugueses com argentinas, felizmente poucos, que são um verdadeiro inferno ». Principiaria esse inferno para o amigo Mário?

Não creio que todas as argentinas sejam como Maria Lúcia. Há-de haver muito lar feliz de estrangeiro com argentina. Irei notando e gravando, disse

eu, o que se for passando no lar de Mário. Sou seu verdadeiro amigo e só deixarei de viver com ele, se ele a isso me obrigar. Talvez a minha convivência para os dois, mulher e marido, seja de utilidade, quando mais não seja, para desfazer, dentro do possível, com os meus conselhos, as tempestades de verão que possam surgir.

Não era fácil tarefa. Nada faltava naquela casa. Mário era extremosíssimo para a esposa. Fazia-lhe todas as vontades, cumulava-a de carinhos e atenções, fazendo todo o possível para acalmar aquela alma, que inesperadamente se tornou brava. Parecia impossível que uma figura tão linda, tão delicada, um « biscuit » de sala, se transformasse, pelos ciúmes, em uma pessoa má.

No entanto tinha momentos calmos, suaves, lúcidos, de amor e carinho; e, quando saíam a passeio, aparentava ser o casal mais feliz do Mundo.

É certo que depois da tempestade vem a bonança e nesses momentos os beijos devem ter outro sabor, o amor é mais intenso, torna-se numa lua de mel. Quem sabe se ela, por isso, para sentir o infável momento da reconciliação, procurava o meio e o modo de provocar o descontentamento do esposo?

O amigo Mário amava a esposa, sofria e suportava todas as suas imprudências com estoicismo na esperança de que ela se corrigisse. Mas, por vezes, irritava-se com chufas que a esposa sem dó nem piedade sobre ele descarregava. Isto fazia-nos sofrer também pelo amigo e, com pesar profundo, assistíamos a estas cenas íntimas. A princípio, nuns de verão, passageiras, sem importância; mais

tarde, tempestades estrondosas que acabavam por uma chuva de lágrimas de Maria Lúcia.

Loucura? Histerismo? Quem sabe?!

Mário, que tinha estudado tanto o carácter da mulher argentina, não pôde escapar à insinuante cultura de Maria Lúcia e acabou por cair no laço da sua escultural e sedutora beleza e ser vítima dos seus cuidados e estudos. Resultado: a irmã casada e o cunhado retiraram-se; foram viver para casa à parte. O irmão de Mário também. Fiquei eu só no lar do meu amigo, disposto a, com a minha experiência da vida, com os meus conhecimentos do mundo, continuar a dar conselhos, procurando tornar o viver desse lar amigo menos áspero.

Como já disse, Maria Lúcia era atraente, elegante e sabia vestir. Não era amiga da rua, mas sim de sua casa. Quando, por ordem de Mário, ia escolher um vestido, não o comprava sem ele dar a sua opinião, o seu gosto. Procurava modelos da última moda, embora não dos mais caros; eram bonitos, modestos e sóbrios. Tinha a preocupação de, quando saísse à rua, não encontrar vestido igual ao seu. Sentia um prazer enorme em ter o guarda-vestidos repleto, mais para mostrar às amigas que a visitavam do que para os vestir. Algumas vezes tinha caprichos estranhos, que o marido satisfazia, para evitar contendas.

Um, de entre outros, que o Mário me contou, teve lugar no Rio de Janeiro, numa viagem que Mário teve de fazer ali, em missão especial. Levou a esposa consigo, para que apreciasse a vida, os costumes democráticos e simples dos brasilei-

ros, tão diferentes dos aristocráticos argentinos. Aqueles, educados e modestos. Estes, cultos, mas arrogantes. Assim admiraria as serras e montanhas, cheias de vegetação virgem, que ela nunca tinha visto, porque na capital da Argentina essa beleza natural não existe. Ela viu numa montra um chapéu modelo que a todo o custo entendeu comprar. Mário também gostou, mas, depois de indagar o preço, achou exagerado. Procurou convencer a esposa de que talvez em outra casa se encontrasse um igual ou parecido, por menos dinheiro. Ela correu todas as casas de modas que havia na capital fluminense, onde encontrou coisas lindíssimas, mas, caprichosa no seu desejo, insistiu sempre pelo primeiro. O meu amigo, para evitar destemperadas discussões, teve que satisfazer-lhe o desejo, comprando o chapéu. Isto é uma amostra da bondade do meu amigo para com a esposa e uma prova do que é capaz o capricho de uma mulher.

Passados dias desta cena do chapéu, prometeu ela ser mais calma, evitar desgostos ao marido; e de novo foram feitas as pazes voltando a Buenos Aires mais ligados, mais amigos, sem cenas, sem espectáculos.

Maria Lúcia, depois da chegada à sua Pátria, mudou novamente. Parece que o ambiente, a atmosfera, a convivência com as suas patrícias a transformaram de novo e de tal forma que Mário não sabe explicar como a lua de mel que tiveram entre o Brasil e a Argentina durou tão pouco.

Mário gostou sempre do campo e do seu bucolismo. O seu sonho era viver num dos subúrbios

da capital, em uma casinha rodeada de árvores, ar, muita luz, muito sol. Maria Lúcia, o contrário; dizia que nada a faria sair do centro da cidade. O seu prazer maior era sentir o seu movimento, a sua actividade, os seus ruídos. Esta desigualdade de gosto foi causadora de muita polémica, de muita questão.

Um dia, que fez o Márlo, para ver se a convencia? Contratou em um dos mais poéticos arrabaldes da cidade, em Vila Urquiza, um pequeno, mas lindo chalèzito. Mobilou-o todo, com amor, com gosto, desde a sala de visitas até à cozinha; um verdadeiro ninho de prazer e conforto. Convidou-a a dar um passeio e, ao mesmo tempo, para ver o chalet mobilado que se alugava. O contrato foi feito sem ela saber, porque, segundo a lei argentina, o marido é o chefe e administrador geral de todos os bens do casal.

Vou para o ver — disse ela — mas desde já te digo que não saio do centro da cidade. Foi e gostou, mas afirmou que, para ela viver, não servia. Mário disse que sim, que não tinha outro remédio senão ficar ali, porque tudo que ali estava dentro era seu. Chorou, fez partes de revoltada, mas por fim, vendo o inevitável, ficou. Poucos foram os dias de nova lua de mel, no seu chalet da Vila Urquiza.

A tempestade voltou a rugir de novo. Maria Lúcia não se conformava com viver ali, queria a todo o transe voltar para a cidade e bem para o centro. Queria ver de casa o movimento, sentir o barulho das ruas, coisa que em Vila Urquiza não havia.

Enquanto no lar de Mário se davam estas anomalias, encontrei no meu caminho mais um amigo que em pouco tempo se tornou íntimo. Foi ele o distinto funcionário do consulado brasileiro, Oldemar. Este amigo tornou-se companheiro meu nas horas em que reinava em casa de Mário a discórdia. Empenhei-me com Mário para que este amigo, sendo o seu chalet confortável e tendo quartos disponíveis, fosse morar connosco, na esperança de que a presença de um estranho acalmaria a esposa. Mário aceitou, mas não foi possível evitar as polémicas do casal. O que succedeu era que, em vez de um, éramos dois a assistir a estes passageiros espectáculos.

É coisa comum serem os maridos chamados bandidos, quando desprezam a esposa, abandonam a casa, o lar, e vão cair nos braços de outras mulheres. Este juízo é injusto, porque não é possível que o marido se conserve fiel à sua casa, ao seu lar, quando a fatalidade o faz encontrar uma mulher como a de Mário, rosto de anjo, e coração, por momentos, cru. Serve de exemplo para muitos que não sofreram as desarmonias do lar isto que se passou com Maria Lúcia e Mário Viana. Aquela só mostrou o seu verdadeiro sentimento passados anos de casada. Quantos lares haverá no Mundo como este?

Se a maioria das mulheres dessem conta da ruína que, com o seu mau génio, com os seus nervos, causam ao lar que constituíram, procurariam dominar-se, para não serem infelizes e evitarem as desagradáveis questões familiares que tão triste nota dão no meio de uma sociedade culta.

Mário, com estas continuas zangas, por culpa da esposa, tornou-se indiferente a todos os barulhos e só se encontrava bem, longe do lar. As lamentações e lágrimas sem motivo não o comoviam. As diatribes injustas eram tão familiares que, de austero, se tornou num boémio.

— Olho para a minha esposa com desprezo — dizia-me um dia — não sei até se lhe tenho ódio. Por isto entendo que os matrimónios deviam realizar-se entre pessoas da mesma raça, do mesmo país, continua Mário. Como vêem, o maior insulto que me tem dirigido é este: — *Bem mostras que és português!* Se ela tivesse casado com argentino, embora fosse mal tratada, coisa que comigo não sucede, não teria ensejo de dizer isto: — *Ês estrangeiro e basta!* Este fraseado é muito comum nos seus lábios. Se isto continua, prevejo a loucura, ou a cadeia, mas, enquanto isto não sucede e para que não suceda, necessito de distrair-me e, para isso, nada terá mão em mim para que não o faça. Nas horas que o trabalho me deixar livre, serei um *ca-lavera* ⁽¹⁾.

Com pena, Oldemar e eu, para o acalmar e para o fazer esquecer um pouco as suas contrariedades, saímos, convidávamo-lo a jogar uma partida de bilhar na casa dos « Trinta e seis bilhares », na Calle Bartolomé Mitre.

O exemplo da vida intranquila e atribulada do amigo fazia com que Oldemar e eu fôssemos rebel-

(1) Um estroina.

des ao casamento. Fugíamos dele como o diabo da cruz. No entanto, sabemos que há na Argentina tantos e tantos lares felizes. O casamento do nosso Mário foi um bilhete de lotaria que não saíu premiado nem branco: saíu preto.

Mário, para afogar as suas máguas, tornou-se, um verdadeiro boêmio. Corria os cabarets, os lupanares, para, na embriaguez de amores estranhos, fáceis, fingidos e comprados, esquecer o seu tormento no lar.

Na primeira noite que chegou a casa às duas horas da madrugada, houve reboliço grosso, na alcova do casal. Tivemos, Oldemar e eu, que pedir à Maria Lúcia um armistício para podermos dormir. Na segunda noite, Mário chegou às três da madrugada. Outra vez barulho, mas já sem a violência do primeiro dia. À terceira noite, era domingo, entrou em casa depois dos primeiros clarões de aurora. Silêncio sepulcral. Estranhámos tal coisa e não nos furtámos, no dia seguinte, à curiosidade de saber do nosso amigo a causa de tal silêncio.

«Cheguei a casa, explicou o Mário, encontrei a minha esposa sentada na cama, à minha espera. Grave, silenciosa e triste, apenas grossas lágrimas saíam dos seus lindos olhos e resvalavam pelas faces. Despi-me, fechei a janela, apaguei a luz e meti-me no leito. Nem uma palavra cruzámos. O meu coração sofria, a alma partia-se-me. Tinha pena dela. Jurei a mim mesmo, em silêncio, que dali em diante não sairia de casa à noite sem ela. Se me dirigisse a palavra e me ofendesse como de costume, talvez acabasse por a abandonar e desfazer o lar.



BUENOS AIRES — A IMONENTE PRAÇA DO CONGRESSO.

O silêncio salvou-a e salvou-me. Calou-se porque chegou a compreender que não é só com vinagre que se apanham moscas, como vulgarmente se diz, também é necessário um pouco de açúcar. Transformou-se e transformei-me. Por favor vos peço que não me convideis para sair, porque já não vou sem ela ».

Foi realmente um remédio radical o castigo de Mário a Maria Lúcia. Aquele viver infernal tinha cessado para sempre.

Uma vez, Mário, radiante, veio confidenciar-me o seguinte :

— Minha esposa hoje deu-me uma prova do seu muito amor. Como sabes, as tardes estão cálidas, tropicais. Eu dormia a sesta e ela, lia perto da janela, que estava meio aberta meio fechada. Quando eu estava prestes a abrir os olhos, senti que ela se levantou da cadeira onde se encontrava e, na ponta dos pés, com receio de me acordar, veio junto do leito, curvou-se e, julgando-me a dormir, osculou-me a fronte. Deixei-me ficar por algum tempo até que se retirasse, para que não desse conta de que senti o seu gesto. Não achas, dizia-me todo satisfeito, que é uma prova do muito que me quer ?

Esta manifestação do contentamento de Mário era uma prova cabal do muito que estimava a esposa, ou melhor, do muito que ambos se queriam. A vida daquele lar modificou-se por completo e tudo naquela casa se fazia com a maior compreensão e respeito. Quando Mário convidava a esposa para o teatro, ou para um passeio, esta às vezes negava-se a ir, mas, se o marido insistia ou se mostrava con-

trariado, fazia-lhe a vontade, para evitar novos desgostos. Era ela agora, depois da lição que recebeu, que ficara com medo e evitava discussões.

Seguia Mário já no seu lar, como o mais feliz dos homens. Os ciúmes da esposa continuaram, mas com menos arrebatamento. Eu, sempre inseparável, cheguei a impor a mim próprio o sacrifício de não casar, não só com receio, mas também para não abandonar o lar do amigo, quase irmão em tudo, no pensamento, na ideologia política e religiosa. Tinha o meu *arranjo*, os meus amores, mas fora e livre de laços eternos, porque, depois do que presenciei no lar de Mário, apoderou-se de mim intenso pavor. Como solteiro, porém, nunca me faltou alegria e mulheres para compartilhar dela.

Quando Mário e Maria Lúcia cumpriam dez anos de casados e o lar caminhava com um novo aspecto de tranquilidade e bem estar, Deus entendeu que devia ficar viúvo um dos dois e foi ao Mário que tocou a sorte de continuar a sofrer os embates deste mundo traidor, como disse Campoamor :

Onde nada é verdade, nada é mentira

É segundo a cor do cristal com que se mira.

Apesar dos titânicos esforços do Dr. Lancelot, amigo dedicadíssimo de Mário, para combater o tifo, que invadiu o organismo de Maria Lúcia, não foi possível salvá-la. A parca arrastou-a deste mundo e levou a sua alma ao ignoto, às regiões etéreas, para nunca mais voltar.

Ficou Mário inconsolável, triste, abatido, apaixonado pela esposa. Dia a dia ia definhando, e o seu médico amigo disse-lhe que tinha urgente necessidade de se distrair, correr terras, mudar de ares, de clima. Que fosse para Portugal ou para o Paraguai, país maravilhoso e saudável, para onde vão os argentinos que podem e sofrem do mesmo mal de Mário. Este resolveu ir para o Paraguai, para estar mais perto da última morada da sua esposa.

Embarcou, e a sua viagem está descrita na parte em que narra em cartas sucessivas as suas impressões sobre o que viu no Paraguai.

Senti imenso a falta de Mário e, como eu, os outros amigos, Rufino, Esmeraldo, Paco, etc.

Desde então a minha observação foi para assuntos argentinos, para a sua organização social e política, sem deixar de estudar a mulher deste país e aprofundar cada dia mais os conhecimentos da vida da metrópole argentina em todos os seus aspectos.



XXI

Penúltimo dia de um idílio platónico

TENHO o coração sangrando de dor e de saudade! Lucie vai partir e eu não a posso acompanhar!

Terminou a sua missão em Buenos Aires e eu não sei quando a minha findará. Prevejo que ainda venha a demorar, que ainda tenha de esperar longo tempo pela solução final.

Os nossos encontros principiam a ter um misto de tristeza e alegria. Alegria, porque nos vemos, nos aproximamos; tristeza, porque sentimos já o instante, o dia e a hora da separação! Tomamos o chá às horas do costume, acompanhado de lágrimas que brotam dos seus lindos olhos. Lágrimas que quisera beber e estancar com os lábios. Aparece cada dia mais cedo e retira mais tarde — segundo diz ela — não ter pressa de se separar de mim. Não afasta os seus formosos e orvalhados olhos do meu rosto. Quer levar — diz — gravado na retina e no coração a minha imagem. Pediu-me o meu retrato para, em viagem e lá distante de mim, na sua pátria, nas horas saudosas deste nosso platónico viver, me contemplar tal qual sou, tal qual me quer e ama.

Logo que a avise do meu regresso a Portugal, se eu a não for visitar a Anvers, ela pedirá ao seu pai e patrão licença e irá a Lisboa para me ver.

Não sabe explicar o que encontra em mim, que atrai e confunde, faz sofrer e querer tanto. Jamais sentiu por homem algum um amor tão forte.

Eu atribuo esse excesso de carinho ao estado de platonismo em que temos vivido e amado. Se a posse tivesse sido um facto, se esse mútuo desejo se tivesse satisfeito, o espírito sentimental das nossas almas modificaria muito ante essa realidade. Juntavam-se os corpos e, com isso, as ilusões em grande parte desapareceriam, o amor satisfeito transformar-se-ia em camaradagem ou companheirismo e a amizade substituiria a paixão.

Projectos e mais projectos para uma imorredora felicidade na Europa é o que tem ocorrido aos nossos apaixonados cérebros. Eu acalmo a sua dor com a promessa de que a procurarei e que ainda a farei feliz, se essa felicidade está em satisfazer os seus desejos, que são viver juntos até à morte. Ela teme que essa promessa esqueça e faz-me jurar inúmeras vezes. Está ela inconsolável; eu, triste.

Foi neste estado de ânimo que saímos da casa de chá, da Calle Reconquista, com passos lentos. Atravessámos a Praça de Maio, descemos pela calle Defensa até ao Parque Lezama e lá sentámo-nos no banco do primeiro encontro, que parecia esperar por nós. Sempre o encontrámos livre. Nesse sítio recatado, à vontade, desfez-se ela em lágrimas que profundamente me comoveram. Ali folheámos o livro da nossa existência, desde que nos conhecemos

e repetimos as nossas juras e promessas para o futuro. Fazemos testemunha das nossas manifestações e dos nossos segredos o frondoso Ombu, que nos acolhe com a sua sombra. Recordámos o primeiro beijo ali roubado e olhamos com carinho para os nossos nomes entrelaçados e gravados nas costas do inesquecível banco. Com o estado de desalento que invade o nosso espírito, tudo ali naquele cantinho — para nós de gratas recordações — nos parece sombrio, tudo mudou de cor. Até o próprio Ombu, com os braços caídos e as folhas murchas, parece sentir connosco a hora da despedida, sentir a perda da nossa costumada visita.

Que dirão vindouros — perguntamos a nós mesmos — que venham ali, como nós, aliviar as suas almas, expandir o sentir dos seus corações, ao lerem aqueles nossos nomes gravados? Mal imaginarão que, nesta época de materialismo e dinamismo, duas almas — como nos tempos idos — ali juraram amor eterno, sem pensar que se tornaria um sonho irreal e passageiro.

Para desviar o nosso espírito da melancolia que nos subjugava, convidei Lucie a visitar o Museu Histórico, existente no mesmo parque. Aceitou o convite e, de braço dado como dois consagrados amantes, entrámos. Julguei que na contemplação de tudo que ali existe e representa a História da Independência Argentina e a dominação dos rebeldes índios, pelo general Júlio Roca, exposto em telas magníficas de relevo e arte, a fizesse esquecer por momentos o nosso pesar e a nossa tristeza, mas tal não sucedeu.

Percorremos os seis salões e a ampla galeria do imponente edifício — antigo palácio de D. Gregório Lezama, adornado com os troféus e antiguidades. Admirámos a grande biblioteca com uns 1.500 volumes de história americana e alguns importantes e raros manuscritos. A sua valiosa secção de numismática onde se vêem algumas medalhas militares raras do período da independência e uma formosa colecção de medalhas comemorativas e de outras classes. Os 4.000 objectos que por falta de espaço se amontoavam não a distraíram, antes olhava mais para mim do que para as telas e fardamentos dos granadeiros de S. Martin, Belgrano e outros. A melhor imagem — dizia ela — és tu. Tendo-me ao seu lado, tinha o mundo; fora de mim, um vácuo imenso que jamais viu ou sentiu.

— Procuvo reagir — afirma ela — e hei-de conseguir modificar esta paixão. Tenho esperanças de me curar deste mal que me tira o sono e o apetite. Se não conseguir curar-me, serei dentro em pouco um cadáver.

Finda a visita ao museu, acompanhei-a, como de costume, até perto de sua casa, onde — como sempre — um demorado aperto de mão e algumas lágrimas puseram fim ao penúltimo dia do nosso platónico idílio.

Os primórdios do socialismo argentino

O partido radical, havia vinte e cinco anos, fora afastado do poder e queria, por meio de uma revolução, derrotar o general Júlio A. Roca do seu segundo período da Presidência da República. Este, antes que isso sucedesse, entregou o seu mandato ao vice-presidente, Dr. Manuel Quintana. Como a revolução continuasse, este presidente resistiu enèrgicamente para dominar o movimento e, ao mesmo tempo, pôs entraves ao acelerado avanço do partido socialista.

Alfredo Palácios foi o primeiro deputado deste partido, que dia a dia recebia dezenas, centenas de filiados. A fluente e cintilante palavra desse deputado entusiasmava as massas proletárias, que eram compostas, além dos argentinos, de imigrantes trabalhadores vindos de todo o orbe.

Nas eleições realizadas depois da eleição de Palácios, foram eleitos mais três deputados e dois senadores socialistas, quase todos estrangeiros, naturalizados argentinos, Repeto, Cuneo, Dickmam, Del Vale Ibarbueca e Dr. Justo, respectivamente. Devido à liberdade de pensamento, amparada pela

sublime lei argentina, todos os domingos e outros dias, durante o ano, estes representantes do povo trabalhador, discursavam nas praças públicas, espalhadas pelos bairros excêntricos e centrais da cidade.

É indiscritível o entusiasmo que de todo o proletariado se apoderou em prol do partido socialista chegando pelo número de eleitores, que rapidamente atingiu o lugar de segunda potência política argentina.

Palácios, com a sua farta *melena*, de *cham-bergo* ⁽¹⁾, sua gravata à Lavalier e o seu porte elegante, modesto e alegre, tratando a todos por companheiros, conquistou inúmeras simpatias. Quando falava, catequizava, arrastava atrás de si todo o povo trabalhador, a grossa massa dos operários. Os outros correligionários, que foram à Câmara depois, tinham também o dom da palavra, fácil e atraente.

Para reivindicação dos direitos que assistiam aos trabalhadores, foi necessário haver greve porque os mandatários argentinos e os industriais estrangeiros, ali estabelecidos, estavam arreigados às doutrinas antiquadas e viam no novo partido o que hoje a maioria vê no comunismo, a desagregação da família, de Deus e da Pátria.

Hoje os mais adiantados países são socialistas embora com a capa e nome de nazis e fascistas.

Era chefe de polícia Falcão. Rebentou uma greve aí por fins de 1909, princípios de 1910 e houve casos de sabotagem que causaram vítimas. Vindo

(1) Chapéu mole.

um dia, da Praça Onze, desfilando operários com os seus grupos e as suas bandeiras, ao entrarem na Avenida de Maio, Falcão mandou dispersar o desfile. Os operários não obedeceram. Falcão mandou tocar o cornetim para que dispersassem. Veio em pessoa impor a ordem e nada conseguiu porque não fizeram caso. Deu ordem ao pelotão de polícia e à cavalaria para fazer fogo sobre as massas, e vários operários, mulheres, velhos e até alguns alheios ao movimento tombaram.

O Dr. Manuel Quintana foi surpreendido pela morte, sendo substituído pelo vice-presidente, Dr. Figueiroa Alcorta. Quando o chefe de polícia Falcão voltava com o seu secretário do cemitério da Roçeta de acompanhar os restos mortais do seu Presidente nas esquinas das Avenidas Alvear e Callao, uma potente bomba matou-o, assim como ao secretário e feriu gravemente o cocheiro ficando morto um dos cavalos da carruagem.

Passou a ser chefe de polícia o General Delipiani.

Figueiroa Alcorta, teve que empregar energia para sufocar as tentativas revolucionárias do partido socialista, que dia a dia aumentava.

No Parlamento, difficilmente havia *quorum* e paz e, quanto mais necessário se tornava discutir urgentes medidas, poucos, ou quase nenhuns deputados apareciam.

Um dia, Alcorta, mandou força para a porta do Congresso, a impedir que os representantes do povo entrassem, cerrando assim o Parlamento.

XXIII

Tentativa de provocação ao Brasil

EM 1910, realizaram-se as festas do Centenário da Revolução de 25 de Maio, ou seja, da Independência da Nação Argentina do jugo espanhol.

Houve uma exposição internacional, em que se fizeram representar todas as nações americanas e europeias. De Espanha veio como enviado extraordinário a Princesa Isabel de Bourbon, já idosa, que apesar da idade se arriscou a atravessar o oceano. Portugal foi representado pelo seu vaso de guerra «D. Carlos», cujos marinheiros desfilaram em lugar de honra entre os seus camaradas dos outros países amigos da Argentina.

Constou-me nessa altura que o Brasil não se fazia representar. Oldemar, meu companheiro e amigo deu-me a notícia, mas, ele apesar de ser funcionário do Consulado brasileiro, ignorava a causa desse gesto do governo do seu país.

No dia seguinte, eu, em pessoa, fui ao palácio da Embaixada procurar o embaixador, meu particular amigo, Dr. Domício da Gama. A minha amizade pelo Brasil era grande e ele o sabia. Achando tão estranha essa atitude ou esse boato, quis ter dele a confirmação formal, ou o seu desmentido.

Recebeu-me na maior intimidade, em pijama, no seu appartement particular. Contou-me então o seguinte: — O que surpreende o meu amigo também a mim me surpreendeu ao receber um telegrama do Barão de Rio Branco, em código, que dizia:

— « Consta-me que se prepara aí uma manifestação de desagrado aos nossos marinheiros. Mandei, até nova ordem, sustar a viagem dos navios de guerra que para aí seguiam e se encontram actualmente em Montevideu. Procura saber o que há ».

Surpreendido, fui logo procurar o General Delipiani, chefe da polícia, e dei-lhe conta do telegrama com o qual ficou também surpreendido. Respondeu-me que ia mandar averiguar o que havia sobre o caso e, logo que soubesse qualquer coisa, mo comunicaria.

« Nesse mesmo dia à noite, continua o Dr. Domicio, recebi a visita de Delipiani e confessou ser realmente verdade o que o telegrama dizia, mas a sua polícia secreta já tinha descoberto parte desse complot e estava juntando provas reais do caso para lhe comunicar. *« Todas as providências estão tomadas para que a provocação não se produza. Os cabeças estão presos ».*

Tudo isto mandei dizer ao Barão de Rio Branco, disse o ministro brasileiro, mas ele, por prudência, manteve a suspensão do prosseguimento da viagem dos nossos barcos. Fê-lo sensatamente porque, apesar das garantias que o chefe de polícia dava, elas não mereciam confiança precisa, pela má vontade de certo grupo em estabelecer um conflito entre o Brasil e a Argentina ».

A minha curiosidade estava satisfeita. Agradei ao brasileiro ilustre as suas informações e retirei-me.

Buenos Aires entrou em festa. Todos os edifícios eram iluminados a jorros e não havia janela sem bandeiras coloridas, de todas as nações.

Uma tarde—já começava a escurecer—um grupo de populares, em magote, percorreu as ruas, gritando em altas vozes :

—Abaixo a bandeira brasileira! Abaixo o Brasil!

E todas as bandeiras da nação vizinha e amiga, bem contra a vontade dos proprietários das casas particulares e dos estabelecimentos, foram arreadas. O que não o fizesse, sujeitava-se a um dissabor: partirem-lhe os vidros da residência ou do estabelecimento. Isto deu motivo, felizmente por pouco tempo, a que em muitos consulados e vice-consulados argentinos, nas cidades do Brasil, limítrofes da Argentina, fossem também violentamente arreadas as suas bandeiras e os seus escudos. E, se no Rio de Janeiro e outras cidades importantes não houve coisa de maior foi por constar que o grande diplomata Barão de Rio Branco, naqueles graves dias, para demonstração de que o governo argentino não se associava a estas manifestações, passeava em carro aberto pelas ruas e avenidas da capital fluminense junto com o ministro da Argentina ali acreditado. O incidente passou e em relativa paz e sossego decorreu a festa da qual, entre outras coisas, fez parte a grandiosa exposição internacional.

XXIV

Um episódio «calejero» (1)

Os argentinos passam pela fama de não gostarem dos brasileiros e muitas vezes quem gera e ateia a intriga entre o povo dessas duas nações amigas, são estrangeiros escrocs ou aventureiros que não tendo encontrado no Brasil campo propício para os seus indesejáveis intentos, vão para essa nação liberal e cosmopolita onde, para mais facilmente conseguirem um emprego e garantia, se naturalizam.

Para provar, vou citar vários casos.

Um dia apareceu-me o comandante de um vapor brasileiro, patrício nosso, português naturalizado brasileiro, de nome Cardia. Relacionámo-nos e tão sinceras foram essas relações que o convidei um dia a ir almoçar comigo.

Eu continuei a habitar a casa do amigo ausente, Mário Viana, em Vila Urquiza. Enquanto não regressou, ficou por minha conta o aluguer.

Como ainda era cedo e o Cardia tinha que dar umas voltas, combinámos juntar-nos no *Café Paulista*,

(1) Da rua.

da Rua San Martim, esquina Bartholomé Mitre, ao meio dia. À hora marcada e combinada, o amigo apareceu e, quando íamos a sair do café, ainda não tínhamos dado dez passos, quando um vendedor ambulante, parecendo adivinhar de que nacionalidade era o amigo, dirigiu-se a Cardia, com um macaquinho de lata subindo por uma corda e gritando:

— Quem compra o macaquinho brasileiro?

O comandante sentiu-se ofendido e com aquela pesada mão de homem do mar deu-lhe tamanho sopapo que o tombou. Juntou-se povo; veio a polícia, dei o meu nome e prometi aparecer na Comissão primeira, dali a meia hora.

Parte do público protestava dizendo que deviam ir os dois, mas o polícia, a uns 100 metros de distância, perguntando se aparecíamos depois de almoçar, recebendo de nós formal promessa, levou o insolente e deixou-nos ir tranquilos e satisfeitos pela lição dada. Só às nove horas apareci perante a autoridade, a quem contei o que se passou. Aproveitei a oportunidade para manifestar ao Senhor Comissário a minha estranheza: porque é que a polícia não punha cobro às provocações de os argentinos chamarem macacos aos brasileiros?

O Comissário, correctíssimo, educado, disse logo, indignado:

— Nósotros, los argentinos, no queremos mal a los brasileños y por causa de estos *bribones* (1),

(1) Canalias.

levamos nosotros la fama. Esto *pillo* (1) és italiano, no argentino.

E, em tom violento, perguntou-me :

— Que quiere Vd. que haga a este canalla?

— Nada, disse eu, basta detê-lo até à meia noite, pelo menos, para que lhe passe o efeito do sopapo.

OUTRO CASO . . .

Eu tinha como amigo um médico argentino que, para mostrar-me a sua amizade, sabendo que eu era amigo do Brasil, algumas vezes, em tom de brincadeira dizia-me :

— *Como te vá Bota-Fuego ? Adiós, Tira-Dientes, escupe-balas !* »

E assim como estes, outros *pirópos* que eu não tomava a sério.

Um dia, esse amigo perguntou-me se eu, ao passar no combóio para a minha residência, em Vila Urquiza, não tinha visto por detrás da exposição, sobre o muro que a circunda, um grande macaco cheio de palha, agarrado à haste do pavilhão brasileiro. Eu quis tomar a coisa como brincadeira, mas tal foi a firmeza da notícia do Doutor que tive o cuidado de mandar uma pessoa certificar-se se isso era verdade.

Realmente não era falso. A informação que mandei tirar deu o resultado seguinte: Na exposição exis-

(1) Maldoso.

tiu, no princípio, após a sua abertura, um circo romano, com muitas feras e animais mansos e adestrados. Uma noite, um incêndio colossal devorou o circo e, entre os animais mortos, havia um gorila que serviu para esta farsa. Nesse sítio, ou perto, ficou de permanência um piquete de bombeiros. Logo calculei que fossem estes os engraçados. Indignado tomei o telefone e pedi ligação para a Comissária 19, que correspondia ao bairro da exposição, para onde falei da seguinte maneira:

— Está o Snr. Comissário?

— Não senhor, é o Sub-comissário que fala.

— Daqui é o brasileiro ⁽¹⁾ — e declinei o meu nome — que mora em Vila Urquiza; e venho pelo telefone, por neste momento não ser possível ir pessoalmente, dizer-lhe que no muro da exposição, no sítio onde está um piquete de bombeiros, existe, segurando o pavilhão da minha Pátria, um grande *mono* ressequido. Isto é um insulto ao meu país e espero que tome providências para que aquilo seja imediatamente retirado, pois pode trazer complicações desagradáveis à boa amizade do Brasil com a Argentina.

O Comissário desfez-se em desculpas por não ter visto isso: que imediatamente ia tomar as medidas necessárias e, se lhe fosse possível descobrir quem foi o engraçado que tal coisa fez, o castigaria. Naturalmente, disse o Comissário, foi algum bombeiro estrangeiro, contratado. Como são contratados, não se importam, não medem as circunstân-

(1) Menti, para dar mais força à reclamação.

cias desses actos e por ignorância ou brincadeira tomam tudo a rir.

Nesse mesmo dia à tarde, o Commissário procurou-me para apresentar desculpas e dizer que, embora suspeitassem dos bombeiros, todos ignoravam quem fosse o autor.

OUTRO CASO AINDA . . .

Havia naquela época por várias ruas centrais e muito comerciais de Buenos Aires casas com uma bandeira vermelha à porta, com o dístico em branco:

REMA TE (1).

Dentro, um homem, por detrás do balcão dizia :

— Está em dez ; quem dá mais ? . . .

Àquem desse balcão, homens e senhoras de chapéu, interessados nas mercadorias a leiloar. Passou um cavalheiro à porta, parou para ver o que se passava dentro e o leiloeiro gritou :

— Entre que isto é pechincha.

Os compradores que estavam dentro, quase sempre dois, vêm à porta com os objectos observar à luz a qualidade da mercadoria e, entre eles, em voz baixa, como a discutir a quanto podem chegar, voltam a entregar a mercadoria ao leiloeiro. Esta, compõe-se sempre de um cordão de ouro, um reló-

(1) Leilão.

gio despertador e uma pistola automática. O leiloeiro gritava sempre :

—Está o lote em dez pesos! Está em vinte! Quem dá mais? E repetia assim os lanços sem chegar a bater o malhete.

Um general brasileiro, que de Curumbá passava por Buenos Aires com o seu secretário, e se relacionou comigo, lembrou-se de levar uma lembrança à esposa, que o esperava no Rio de Janeiro. Nessa época era luxo as senhoras, sobretudo de idade, usarem relógio de ouro no seio, preso por corrente do mesmo metal, a qual dava várias voltas ao pescoço.

O general passou por uma dessas casas de leilões e entrou. Fez alguns lanços e levou o último lanço até trezentos pesos e pico. Quando ia a pagar, disse o leiloeiro :

—Só lhe corresponde um objecto.

—Então não é o lote? —perguntou o general.

—Não, senhor, o importe lançado é só por um objecto.

—Então é caro. Não quero, não pago.

—O senhor tem que pagar (o general estava à paisana), porque este leilão é judicial e, se não paga, chamo a autoridade.

—Não pago, insistiu o general.

O leiloeiro tranquilamente foi ao telefone, pediu um número qualquer e disse :

—Aqui fala do leilão da Avenida tal; desejo que avise o Snr. Juiz de que está aqui um cavalleiro que rematou várias coisas, mas, arrependeu-se, e não as quer pagar. Que devo fazer?



BUENOS AIRES: HOTEL DOS IMIGRANTES E O PORTO EM 1902.

E, como de lá tivessem dito qualquer coisa, respondeu-lhe :

— Sim, Doutor.

E, voltando-se para o general, disse-lhe :

— Se o senhor não paga, vejo-me obrigado a dar-lhe voz de prisão, por ordem do Snr. Juiz.

Os que estavam presentes ao leilão, disseram ao general :

— O cavalheiro desculpe, mas isto aqui é sério e tem que pagar desde que lançou.

Vendo o pobre general que podia surgir dali um escândalo, embora visse que o objecto lhe ia sair mais caro do que comprado numa ourivesaria, escolheu entre os objectos o cordão, pagou e retirou-se. Pediu ao secretário que guardasse segredo do logro em que tinha caído. Foram à casa onde eu residia, para conversarmos e combinarmos um passeio e então o secretário, rapaz novo e simpático, tenente, à paisana, não pôde calar-se e contou-me o que se tinha passado. Eu disse ao tenente:

— Peça licença ao general, ele que fique aí, que lhe ceda o cordão e venha comigo.

Fui com o secretário do general à polícia central. Sabia como eram atenciosos os funcionários da polícia e procurei o Comissário Rossi, que conheci em casa do Ministro do Brasil.

Apresentei-lhe o official brasileiro e expliquei o que se tinha passado. Rossi, mui atencioso, declarou que não ignorava esses casos e, se ainda não lhes tinha posto cobro, é porque não podia, pois a lei favorece os leiloeiros se eles possuem patente

para tal, não podendo a polícia intervir com eficácia. No entanto — disse ele — como se trata de um oficial brasileiro, vou tentar a devolução da quantia que foi exorbitante.

Chamou um subalterno e mandou vir à sua presença o leiloeiro com a importância recebida. O homem veio, protestou, dizendo que pagava aluguer de casa para ter a porta aberta; que tinha patente de rematador e que considerava uma arbitrariedade devolver o dinheiro, um abuso da autoridade. Vendendo-se perdido, disse que ao menos devia tirar os dez por cento que são da praxe. Rossi, grave e revoltado contra aquela escroquerie, pois sabia a forma deles trabalharem, ameaçou-o de que ia estudar a forma de pôr cobro a tais assaltos ao bolso alheio, mas entretanto que devolvesse o dinheiro imediatamente e que levasse o cordão. Resultado: foi reembolsado o general, que ficou estupefacto quando o secretário lhe entregou a importância. Ficou sabendo ainda que o leilão não era judicial, que o telefone era fingido, não tinha fios que o ligassem a qualquer ponto e que os homens e senhoras que estavam como interessados, não eram mais que empregados do leiloeiro, ganhando dois pesos por dia, para fingirem de clientes.

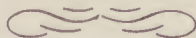
Por ter conhecimento e amizade com Rossi, a miúdo me procuravam portugueses e brasileiros para intervir em muitos casos semelhantes. E tantos foram eles, que davam longas crónicas.

Buenos Aires é uma grande metrópole, é certo, mas, como já disse, também há nela muita pobreza, muita vida fictícia, cheia daqueles expedientes, con-

tos que nós chamamos do vigário, e ali denominam *del tio*.

Uns por necessidade de viver, outros por vício, por malvadez, *atorrantismo* ⁽¹⁾, armam o conto. Alguns, porque lhes é negado o trabalho e têm família a sustentar, atiram-se, com risco de serem presos, a qualquer modo de conseguir dinheiro. Por isso não é extraordinário que eu estivesse sempre pronto a defender o interesse dos meus patrícios e dos irmãos brasileiros, que ali, com toda a boa fé, chegavam e caíam, como qualquer, na ratoeira do conto.

Depois que Mário Viana seguiu para o Paraguai, foi meu constante companheiro o seu irmão Alberto, que substituiu o irmão na casa comercial onde este era empregado. Como eu era mais velho do que ele, concedeu-me o favor de ser seu confidente e nada fazia sem ouvir o meu conselho. Embora tivesse assistido algumas vezes às tempestades íntimas no lar de seu irmão Mário, não fugiu ao destino de se casar, prendendo-se por uma linda e boa argentina.



(1) Vagabundagem.



O primeiro amor de Alberto Viana

SEM receio de que viesse a ter a sorte de seu irmão, procurou e encontrou a sua costela no mais aristocrático arrabalde de Buenos Aires, *Belgrano*. Apaixonou-se por uma elegante e meiga argentina, filha de uma distinta família italiana.

Segundo ele próprio me contou, o conhecimento com a eleita do seu coração deu-se da seguinte forma :

Num dos mais elegantes edifícios, rodeado de sumptuoso jardim, vivia em *Belgrano* uma ilustre família francesa, casal sem filhos, que Alberto visitava pelo menos uma vez por mês. Aquela casa estava sempre aberta para ele quando entendesse. A qualquer hora do dia ou da noite que chegasse, era Alberto bem recebido.

Um domingo, logo de manhã cedo, recebeu um telefonema, convidando-o a que fosse almoçar com o casal; que não admitiam desculpas e que não podiam dispensar a sua presença. Embora nesse dia tivesse compromisso de ir comigo a Flores de visita às de Villamil, adiou esta visita para outra

ocasião e, acedendo ao convite dos seus amigos franceses, foi para Belgrano.

A minha chegada, disse Alberto, foi de imensa alegria para os donos da casa e era eu o único convidado. Achando um pouco estranho tanta alegria, não pude ter mão em mim e, como brincadeira, interoguei :

— Quem faz anos hoje nesta casa ?

— Acertou, respondeu o proprietário, é realmente o aniversário da minha esposa.

O casal não tinha filhos. Almoçámos os três num perfeito e íntimo ambiente familiar. Reinava no restrito número dos três a mais franca satisfação. Lembrei então que, para a tarde se tornar o mais alegre possível, deverlam convidar, entre as inúmeras relações vizinhas, que tinham naquela povoação, senhoritas e jovens, para um improvisado chá dançante. Como a senhora é exímia pianista, disse eu, não é preciso ir fora buscar música. A ideia foi logo aprovada e imediatamente posta em prática. Encheram-se cartões de visita com o convite e foi um criado, de casa em casa, entregá-los às famílias onde havia gente moça.

Não tinham passado duas horas e já a casa estava cheia: senhoritas acompanhadas, umas pelos irmãos, algumas pelos namorados, e outras, mais de perto, vizinhas, sem uma e outra coisa. Foi uma ideia sublime, porque tornou-se a improvisada festa movimentada, expansiva e alegre.

Entre as convidadas, íntimas amigas do gentil casal francês, veio, acompanhada de uma irmã mais nova, uma encantadora senhorita, de nome Mariana.

Reparei nela e chamou a minha atenção o seu porte elegante, fino, alegre, mas de uma alegria diferente das suas companheiras e amigas. Convidei-a a dançar uma valsa, falei-lhe e fiquei encantado da sua maviosa voz, do seu lindo sorrir. Ela também parece que gostou de mim, porque jamais recusou dançar comigo as vezes que eu quis e foram muitas. Quando ela se despediu, ao retirar-se, perguntei-lhe se vinha de visita àquela casa amiga muitas vezes.

— Sim, algumas vezes, respondeu.

— Venho no próximo domingo, disse eu, e teria muito gosto que a senhorita viesse também.

— É provável, disse ela.

Ao retirar-me, ia pensativo. Levava no cérebro uma constante interrogação.

Estarei enamorado dos encantos de Mariana, perguntei a mim mesmo? Parecia que sim.

Ela no rodopiar das valsas e polcas, tinha-me dito a que família pertencia, onde morava e eu também lhe disse a minha nacionalidade e o lugar que ocupava no meio social e comercial. Essas confidências mútuas não seriam uma demonstração de simpatia que nutríamos um pelo outro?

Se até ali visitava a família amiga uma vez por mês, daqui em diante, com bastante pesar dos outros amigos, fui todos os domingos. Um impulso misterioso e oculto impelia-me para Belgrano.

Nos primeiros encontros com Mariana, que já ocupava a maior parte do meu coração e do meu cérebro, as conversas eram vulgares, banais, sem importância; não me explicava suficientemente sobre o muito que tinha a dizer-lhe, com receio de uma

desilusão. Ela dava-me ensejo a que me manifestasse, lhe confessasse, porque, como mulher, tinha percebido o meu amor por ela. Mas como sou um pouco tímido nestes casos de amor, sempre me retirava arrependido de não ter dito ou declarado tudo o que a minha alma e o meu coração sentiam.

Quando nos viu passear juntos, pelo amplo jardim, disse a esposa para o marido, contente, sorrindo :

— Que lindo par ! Como gostaria de os ver unidos para sempre. É delicadíssimo e sincero este amigo português ; e a Mariana, de todas as minhas amigas, é a mais franca, a mais sincera, a de que mais gosto.

O marido ouvia a opinião da esposa com agrado, porque era amicíssimo meu.

Quando me preparava para a visita, enquanto diante do espelho dava o nó na gravata, dizia a mim próprio :

— Não, de hoje não passa, infalivelmente declarar-me-ei a ela.

Estudei bem o que devia fazer e dizer para a conquistar de facto. Encontrámo-nos e, no momento oportuno, de um jacto, abri-lhe de par em par as portas do meu apaixonado coração. Tudo que lá dentro tinha retido, deitei para fora em catadupa de frases sentimentais de infinita doçura.

Mariana ria e chorava ao mesmo tempo de satisfação e contentamento, porque viu no fundo do meu coração o seu retrato, o seu próprio coração. Como eu li no coração de Mariana !

Desde esse nunca sonhado e inesquecível momento, para mim principiou um mundo novo de ilusões e esperanças. Os amigos franceses eram os protectores deste idílio, na ânsia de nos verem felizes. Empregaram os meios necessários para que não desanimássemos, antes conservássemos as afeições mútuas do início. Quando me falavam de Mariana, na sua ausência, faziam-lhe os maiores elogios, as melhores referências. O tempo foi correndo e com o tempo o amor evoluiu, criou raízes sólidas e profundas. Já não podíamos viver um sem o outro. Depois de dar asas às mais lindas ilusões para o futuro, que eram as de um lar tranquilo e feliz, fizemos cálculo à vida, resolvemos cada qual participar às nossas famílias os nossos pensamentos, os nossos projectos, que eram unirmo-nos para a vida e para a morte. E mesmo depois da vida continuariam no himeneu espiritual e cantaríamos loas eternas ao Deus do amor, desse amor que na terra tínhamos sentido.

Mariana, depois de muito hesitar, participou aos seus pais o seu amor por mim e eu dei conhecimento de todos os meus projectos ao meu irmão mais velho que estava no Paraguai e aos amigos mais íntimos.

Excepto o receio da sorte que teve meu irmão Mário, com a escolha da companheira, para toda a sua vida, não houve opposição, porque tinham em conta a minha vida metódica, a minha clara reflexão e sensatez e possuía a confiança absoluta de que qualquer passo que eu desse teria sido previamente bem pensado, estudado principalmente porque bem sabia que esse passo era para toda a vida.

Outro tanto não sucedeu com os pais de Mariana, procedimento muito natural em pais que não vêem na vida outra coisa senão o futuro dos filhos. E então, tratando-se de uma filha . . . Quando lhes foram pedir a mão de Mariana, o pai respondeu:

— Esta cidade é de população heterogênea; uma metrópole cosmopolita onde aparece de tudo, de bom e mau. Quem me garante que ele não é um aventureiro? A posição que ocupa não é suficiente garantia. Tenha-se em conta o que se passou recentemente em La Plata. O escroc, infelizmente, italiano meu patrício, mudou de nome, deu-se a si próprio título de doutor, fez conferências e foi recebido na sociedade platense como homem eminente. Foi convidado para vir à Universidade de Buenos Aires dissertar sobre um tema qualquer; veio e saíu-se tão bem que os homens mais eminentes o rodearam e sentiram-se honrados em recebê-lo em suas casas, sentando-o às suas mesas. Conseguiram que fosse nomeado professor catedrático da Universidade de La Plata, lugar este que exerceu durante anos, mas, não sendo suficientes os proventos para manter o luxo, fez tal quantidade de dívidas e chegou a ponto tal que os credores, não podendo esperar mais, acossaram-no de tal forma que teve de fugir de La Plata e embarcar com destino a Lisboa, e dali tomar rumo para onde não pudesse ser preso. A polícia, que andava com desconfiança, com toda a cautela, por se tratar de um personagem eminente, seguia-lhe os passos e, quando deu conta da sua fuga, telegrafou a vários países, para o prender, mas não foi fácil. Quem era

ele? Um barbeiro de uma povoação qualquer de Itália. Mudou de nome, apresentou-se falando e discutindo assuntos filosóficos e históricos e teve a habilidade de ludibriar, de enganar políticos, escritores e periodistas, o que há de mais culto neste país. Os jornais renderam as mais efusivas homenagens que a um homem se podem fazer. Isto não quer dizer que o Alberto seja assim. Não leve a mal que, como pai, tire as devidas informações. Tenha paciência e aguarde que eu o mandarei chamar, se as informações forem do meu agrado.

No lapso de tempo entre o pedido e a resposta do pai de Mariana, foi Alberto transferido pela direcção da casa, onde era accionista e um dos chefes, para uma filial em Santiago, capital da República do Chile. Ali viveu meses com o pensamento na sua querida Mariana. Esperava numa ânsia única e constante que esta chegasse à sua maior idade e lhe mandasse dizer: — Vem, espero-te, serei tua ante Deus e a Lei. Esse dia chegou, justamente nos meses em que se realizava uma importantíssima exposição internacional, comemorando o 1.º centenário da Revolução de Maio, para a libertação da mui nobre Nação Argentina, do domínio espanhol.

Escreveu Alberto para Buenos Aires, à directoria da Empresa, comunicando que iria passar um mês a Buenos Aires, não só para as festas, mas, especialmente, para se unir à mulher que o seu coração escolheu para companheira, Mariana.

Claro está que recebeu desde logo dos seus colegas da direcção as mais efusivas felicitações pelo passo que ia dar.

Realizou-se o enlace num ambiente o mais elegante e rico que se pode imaginar. O palacete do pai de Mariana, nessa noite, quase não podia comportar tantos convidados e amigos. A corbeille foi rica e abundante de prendas. As damas de honor, lindas e brancas como anjos, davam ao acto um aspecto místico, celeste. O bouquet de flores de laranjeira, desfeito todo, quase não chegou para a distribuição às candidatas do casamento.

A sua lua de mel teve início no mais esquisito ambiente. Poucos haverá que, ao entrar para o grémio dos casados, tenham sentido igual sensação — de frio e calor — como eles, através dos Andes, no combóio transandino, com bastantes graus abaixo de zero, na sua viagem nupcial, de Buenos Aires a Santiago, capital da República do Chile.

Como deve ser poético e lindo viajar abraçado à mulher amada, recostado entre quentes e esquisitas peles, no leito de um cómodo combóio que atravessa montanhas de gelo! Que haverá de mais poético do que dois corações ardendo em fogo e rodeados de neve por todos os lados?

Sei que Alberto é feliz, que tem vários rebentos do seu nobre coração os quais, entre o que há de mais culto na sociedade chilena pela sua inteligência e estudo, na medicina, na advocacia, na química, no professorado e no comércio conseguiram uma posição de destaque. Sei também que, embora chilenos, amam, veneram e estimam a Pátria do seu pai, o torrão onde ele nasceu — o Minho, Portugal.

XXVI

Não há bem que sempre dure...

COMO se desfez um sonho! Lucie partiu, e com ela foi um pedaço do meu triste coração!

A minha ilusão findou! A sensatez venceu o desejo! Tudo fiz para possuir de facto a Lucie e só a sua alma me concedeu, enquanto juntos, passámos deliciosos momentos. Resistiu aos embates do meu amor ofegante e desejoso porque entendeu que a pureza dos seus sentimentos religiosos a impedia de consentir numa união ilegal, falsa.

O seu amor por mim era grande — não me resta a menor dúvida — disseram-me os seus olhos nos últimos encontros e demonstrou-o na triste hora da nossa separação, no momento da partida. Não ocultou, naquele inesquecível e saudoso instante, dos seus patricios que foram ao cais da Darsena Norte, despedir-se dela e de quem quis ver, o beijo demorado que em público me deu. Parecia arrependida do que me fez sofrer recusando-me a posse de todo o seu ser. Pagou-me com aquele beijo, que me deixou louco, todo o carinho que por ela sentia. Sonho desfeito; esperança perdida! Até ao minuto do abraço final, procurou fazer-se forte, retendo as

lágrimas; mas o *Flandria* tinha de partir; apitou como a dizer:

— Entre quem tem de entrar; saia quem tem de sair.

Uma dor profunda invadiu o meu magoado coração! As lágrimas, à força estancadas, queriam rebentar em catadupa. Não foi possível aguentar mais. Ela subiu ao deck e lá de cima, com o lençinho perfumado de fina cambraia secava as lágrimas e com outro igual, acenava. Recomendações e mais recomendações, que eram esperanças, cruzavam o ar do deck para o cais e do cais para o deck. Os patrícios e patricias diziam-lhe coisas em flamengo, que ela com aquela meiga voz que jamais poderei olvidar, respondia *ya! ya!* o sim do idioma nativo. A família que ela, no Teatro, me apresentou e outras presentes ali, não tiravam de mim os seus interrogadores olhos como a perguntar no íntimo que qualidade de relações haveria entre mim e Lucie. Eu falava-lhe em castelhano que já dominava regularmente em parte devido à minha convivência com ela, exímia professora. O vapor lentamente se afastava, não tão lento como o meu coração desejava que fosse, para continuar a olhá-la, a vê-la. Afastei-me da colónia belga para dar curso às lágrimas sem ser visto! Gravei no cérebro as suas últimas palavras:

— Escrevo-te de Pernambuco e Lisboa; não deixes de escrever para Anvers; lembra-te que levo a minha alma desfeita. Farei o diário da minha viagem.

Ao retirar-me do cais, sentei-me num banco do Passeio de Julho, hoje Avenida Leandro N. Além.

em frente à fonte *Lóla Mora* ⁽¹⁾ — que por coincidência apresenta em escultura mulheres nuas em tamanho natural no bordo de uma enorme concha. Ao contemplá-las, pus-me a meditar porque não fiz a felicidade, porque não satisfiz o desejo de Lucie unindo-me a ela para partirmos juntos?

Maldisse, naquele momento de exaltação, a hora em que conheci o casal Mário Viana — Maria Lúcia, por ter em parte com os seus exemplos ganho horror ao matrimónio. Eu solteiro, ela viúva, que obstáculo podia haver para a nossa união? Ainda olhei para o ponto onde julguei ver pela última vez a silhueta do *Flandria* mas já não vi coisa alguma! Perdi a Lucie!



(1) Fonte de mármore idealizada e executada pela escultora argentina Lóla Móra.

XXVII

O Presidente Dr. Roque Saenz Peña e o sufrágio universal

EM 1902, data em que tive a dita de conhecer a República Argentina, era Presidente desse rico país o insigne e heróico cidadão, general Júlio A. Roca. Depois dessa data até 1916, quando regresssei à minha Pátria, Portugal, vi desfilar por esse alto posto vultos de valor, eminentes estadistas, que marcaram a sua passagem deixando algo de grande, proveitoso e útil para aquela grandiosa Nação e para exemplo de muitos velhos países da América e Europa. Todos, como bons patriotas, procuram manter e consolidar cada vez mais a fraternal amizade com os países vizinhos, a paz e harmonia com os povos ou nações do orbe.

País com um século de independência e liberdade tornou-se grandioso em tudo, no seu visível progresso, devido ao acerto na escolha dos seus dirigentes. Homens de prestígio, acção e iniciativa, encarando com firmeza os problemas mais árduos e resolvendo-os com são critério, abdicando (com raras excepções) dos seus ideais políticos, para só tratar, cuidar do bem estar da Pátria e do seu povo.

Entre os que vi, devo destacar Sua Ex.^a o Presidente Roque Saenz Peña, que pôs termo à escandalosa caudilhagem, decretando o voto secreto.

Explicando . . .

A política até à presidência deste eminente cidadão era qualquer coisa de confuso e ilegal. No momento das eleições para Presidente, Senadores e Deputados, a maioria do povo não votava à consciência. Eram em muitas eleições vencedores os que tinham mais dinheiro para espalhar. Houve anos em que os votos se compravam a cinquenta pesos e creio que mais. Não posso deixar de citar o incansável Presidente do Senado, Don Benito Villanueva, que não olhava a dinheiro para que o seu partido vencesse. Não queria perder o seu posto e creio que muito desejava a Presidência do País, coisa que nunca chegou a conseguir de facto. Era a época dos caudilhos e só estes venciam nas eleições. Veio a presidência do Dr. Roque Saenz Peña que com uma penada decretou o voto secreto e com isso pôs termo à bambochata das eleições pagas e vitoriosas só à custa dos pesos argentinos. Este decreto caiu bem nos sinceros patriotas e mesmo no íntimo dos estrangeiros amigos da Argentina, que viam perder as eleições o partido que não tinha recursos ou dinheiro para distribuir, embora rodeado de um povo ardoroso e patriótico e com consciência da sua responsabilidade para com a Pátria! Ficava de fora e com os anos adormecia o entusiasmo. Isto sucedeu com o partido radical que havia 25 anos tinha perdido o poder e jamais conseguiu voltar, embora tivesse uma boa parte do

povo sincero. De nada lhe valia o prestígio que gozava o seu patrocinador, Don Bernardo Irigoyen, (*o b... cordovez*). Surgiu o voto secreto e as coisas mudaram por completo. O partido radical foi ao poder e o socialista ganhou um grande avanço. A máquina eleitoral entrou nos eixos e o cidadão argentino vota hoje com consciência, livre de pressões ou de outro interesse que não seja a boa marcha da Pátria e do governo da sua Nação. Como pode o voto ser secreto?—perguntarão muitos. Antes deste louvável decreto, os políticos entregavam ao eleitor um envelope de formato estabelecido de antemão, marcado com um sinal que só eles percebiam. Como em cada mesa, situada no átrio das escolas públicas, se senta um representante de cada partido, além do representante do governo ou da autoridade, ao findar o acto, sabiam os políticos, pela marcação dos envelopes, só deles conhecida, quem votava por eles e quantos votos tinham. Agora, segundo me explicaram, no voto secreto, um envelope vazio é entregue na mesa pelo representante da autoridade. O eleitor vai a um quarto, dependência da escola, sozinho, onde encontra listas de todos os partidos, escolhe aquela que em seu critério é mais acertada, para o progresso, ordem e paz da Pátria, mete-a dentro do envelope e deixa-o na urna. Isto feito com o maior escrúpulo e rapidez. Só assim se pode chamar sufrágio universal. Dizer que é o povo que manda, quando ele não emite o seu voto livremente, quando o cidadão, para não perder o emprego ou não estar sujeito à represália dos que não pensam como ele

vota forçado e até contrariado!... O país viverá assim com a vontade unânime do povo? A Argentina marcha, sobre o sufrágio, na vanguarda de muitos povos civilizados que, por conveniência, não querem o voto secreto.

Ainda uma lapidar frase do notável cidadão argentino, Don Roque Saenz Peña.

Monroe, o estadista mais falado e discutido nas Américas pela sua doutrina pan-americana, disse: «A América para os americanos». Isto a alguns políticos e não políticos causou surpresa e para muitos passaria como frase de efeito que os políticos sabem procurar sempre para que ela passe à história. Mas o ilustre presidente da República Argentina, Dr. Saenz Peña, em momento oportuno e feliz, emitiu também a sua lapidar opinião: «A Argentina para a Humanidade». Seria frase também estudada ou buscada para efeito? Seria; mas foi feliz porque é mais simpática e justa. Isenta de egoísmos, pois que nas Américas ainda cabem milhões de indivíduos de todos os cantos do mundo que busquem o campo vital para os seus sonhos, para o seu labutar, desde que respeitem as leis do país que escolham.

Registei isto nas recordações da Argentina por não poder esquecer a impressão que me causaram, entre outros, estes dois gestos, de Sua Ex.^a o Presidente Don Roque Saenz Peña.

XXVIII

Tráfico de escravas brancas

E^M Buenos Aires, como é comum em todas as grandes capitais e metrópoles do orbe, existiam núcleos de escravas brancas, vindas de todas as nações. Ali predominavam as da Polónia, Alemanha, Rússia, França e Itália; dos outros países, em muito menor escala.

O partido socialista, para formar o seu programa político, entrou no estudo de todas as mazelas humanas e sociais, para as combater até as eliminar por completo. Entre uma infinidade de assuntos, deu preferência, como lição de princípio, à repressão da escravatura branca. Procurou conhecer bem a fundo a organização deste cancro social e creio mesmo que Alfredo Palácios, o primeiro deputado argentino socialista, autor da lei, que leva o seu nome, fingiu-se sócio de uma dessas terríveis e poderosas sociedades internacionais de escroquerie, da qual faziam parte polacos, alemães e russos, para, de visu, saber como esses estrangeiros trabalhavam na exploração da carne humana. Inteirado, elucidado

de como essa tenebrosa sociedade actuava, escreveu um projecto de lei para acabar, por meio de sanções eficazes, com essa vergonha, o infame tráfico de escravas.

Submeteu-o à apreciação da Câmara de Representação Nacional, com considerandos de tal ordem, firmes e seguros, que foi por unanimidade aprovado e posto em execução.

Um dos primeiros pontos básicos era: — todo o indivíduo que não tiver profissão ou ocupação será preso e castigado. O estrangeiro, expulso por indesejável; o argentino, pois que os havia também, mandado para a Terra do Fogo, que por estar perto do polo sul, é gelada. Isto causou uma celeuma, uma debandada enorme entre o elemento pertencente à sociedade de escrocs, *caftens*, rufiões, *jongleurs*, *canfinfreros*, e outros animais da fauna do «dolce far niente», dos vagabundos e exploradores de infelizes mulheres. Foi como uma brasa acesa, viva, lançada num viveiro de formigas. Começaram a buscar meio e modo de mostrar que trabalhavam, para não perder essa doce vida que as *minas* lhes proporcionam.

Enquanto elas passavam a noite a enganar homens, a vender minutos de prazer, arruinando muitos, eles, os senhores dessas infelizes, em cafés, propriedades de patrícios seus, espalhados pelas calles Corrientes, Lavalle, Tucuman e outras, jogavam nas cartas o dinheiro que elas, as infelizes, ganhavam com o corpo; e, às vezes até lhes jogavam a própria vida. Elas representam um grande valor e por isso esses bandidos as jogavam. No dia seguinte

ficava a infeliz espantada, quando o amante explorador lhe dizia :

— Já me não pertences, és de fulano, joguei-te ontem e perdi-te ; tem paciência, vai para ele. A infeliz protestava, chorava, mas tudo era inútil ; e, se ela resistisse e não quisesse submeter-se, era vendida em leilão.

Uma casa apropriada, escondida da polícia, é a sede da Internacional Sociedade. Os donos dos prostíbulos são avisados de que vai haver leilão e aparecem para lançar quantias ou fazer trocas dessa mercadoria. Quantas vezes uma italiana vai ser escrava de um russo, ou uma alemã de um francês ! Esta miséria, este cancro social não acabou, não há rádio nenhum no mundo que o cure. A lei Palácios atenuou um pouco esse degradante comércio, porque a polícia dissolveu as casas onde existiam mais de duas mulheres e afastou-as do centro da cidade, impondo-as para os arrabaldes.

Os homens vadios, assustados, estabeleceram-se, uns com bric-à-bracs, outros alugaram escritórios e montaram empresas de limpeza, que jamais faziam e onde jamais trabalhavam.

Iam a um grande estabelecimento comercial ou a repartição pública que tivesse focos eléctricos fora das portas, ou vidros de montra e janelas, e propunham-se por uma irrisória quantia mensal fazer a limpeza toda desses focos e desses vidros. Era tão ínfima a quantia que, na generalidade, o contrato era aceite e assinado. O russo, francês ou alemão, dono da empresa, tomava homens para esses servi-

ços, os quais iam, de escada ao ombro e balde na mão pelas casas com quem havia contrato.

Quando a polícia, nas constantes rusgas, prendia algum, por não o ver fazer coisa alguma, este respondia logo: sou dono da empresa tal e para prova, dava um cartão com o número da casa, da rua e do escritório.

A polícia punha-se em campo, ia certificar-se às casas por eles citadas e, constatando ser certo o que tinham dito, punha-os em liberdade, por não poder fazer nada contra eles. Conheciam o truc, mas, como pagavam a contribuição respectiva, que poderia fazer a polícia?

Esta sociedade de exploração de carne humana tem agentes em quase todos os países do mundo.

Tudo isto me foi contado por uma das vítimas, que se me afeiçoou.

Perguntando então a essa desgraçada por que não se retirava dessa mísera vida, respondeu-me que não o podia fazer e explicou porquê:

— Muito nova, disse ela, fui enganada e trazida da minha Pátria, Itália para aqui. Jamais soube o que foi trabalho, de forma que só deixarei esta vida quando, desprezada, velha, acabar, como muitas das minhas colegas, numa enxerga do hospital. Isto é porque o pano verde, além do meu amante, me atrai e me leva tudo quanto ganho. Não sei o que é juntar dinheiro. A sina minha é esta e, quando eu um dia quis pôr dique a este destino, tudo foi inútil.

É este o fim da maioria destas infelizes. A lei Palácios continua a actuar e nos últimos tempos com mais eficácia, porque as mulheres são mais livres;

e, se ainda há alguma que se sujeita à vida de escrava, é porque nisso sente prazer.

Há mulheres assim; é necessário castigá-las, bater-lhes muito para que sintam mais amor. Outras, tal é o medo que têm aos amantes que as ameaçam com uma punhalada, que preferem sofrer caladas a sua escravidão a denunciá-los à polícia. Por causa dessa lei, existe entre a Argentina e o Brasil uma convenção policial, que já tem dado o resultado de muitos polacos, alemães e russos terem sido expulsos por indesejáveis.



XXIX

Três crimes sensacionais

O que narro aqui e o que acabaram de ler é somente uma pequena parte de tantos episódios íntimos, sociais e políticos, por mim observados durante a minha estadia na Capital Argentina. Se fosse a descrever minuciosamente todos os casos que me impressionaram, teria matéria para volumes.

No que diz respeito à criminalidade deram-se então casos sensacionais e horripilantes e cada um daria fantástico romance, estilo Conan Doyle.

Não posso deixar de narrar em traços rápidos três crimes que impressionaram sobremaneira toda a população dessa grande Metrópole, Buenos Aires.

Citarei em primeiro lugar o horrível assassinato de Livingston, pessoa culta e de categoria no meio social argentino. Crime perpetrado por três italianos, para tal fim contratados pela esposa e pela criada da vítima.

Depois de várias tentativas que falharam, Livingston teve o seu fim no vestibulo da sua própria casa, uma noite em que recolhia tarde ao lar, onde tinha sua mulher e seus filhos — um ainda de tenra

idade — feliz e contente por ter o seu cavalo « Iri-goyen » ganho naquele dia o grande prêmio do Hipódromo Argentino. Foram dois os assassinos, o terceiro criminoso estava na rua, de sentinela. Os facínoras, calabreses, usaram duas facas atadas a um curto cabo. Pela desordem em que foram encontrados os móveis, viu-se que a luta foi grande. A esposa e a criada estavam levantadas, no quarto, à espera do fim da tragédia, indiferentes aos gritos que a vítima, lutando no escuro, dava a pedir socorro. Quando a patroa e a criada reconheceram, pelo silêncio, que o crime tinha sido executado e os assassinos estavam a salvo, é que saíram à rua, a gritar e pedir o socorro da polícia e a acordar os vizinhos. Levou algum tempo a descobrir os assassinos, mas a polícia argentina — que não fica atrás de qualquer outra das mais adiantadas nações do globo em perspicácia e inteligência — descobriu tudo. A ponta do fio, para o desenrolar do novelo, foi um antigo namorado da criada a quem esta propôs, a pedido da patroa, a troco de dois mil pesos e do seu amor, assassinar o patrão. O namorado, sensato, dispensou para sempre o amor da criada e o brilhante negócio dos dois mil pesos. A fera, esposa de Levingston, por não haver pena de morte para mulheres no Código Criminal da Argentina — foi condenada a prisão perpétua. Os filhinhos foram entregues à família dela. A criada e o italiano sentinela, condenados a 25 anos; os dois assassinos, de facto, depois de fugirem da prisão, foram recapturados e fuzilados.



BUENOS AIRES — BOSQUE DE PALERMO, O ROSEIRAL E O GRANDE LAGO.

*

*

*

O outro sensacional e perverso assassinato foi o de um alemão, pelo seu próprio sócio, de nacionalidade austríaca. Praticou o crime da seguinte forma:

Enquanto o alemão, descuidado, escrevia sobre uma mesa do escritório da garagem da qual eram sócios, o austríaco com um pesado martelo, deu tão grande pancada na cabeça do alemão que este, pela rapidez do gesto, nem a morte devia ter sentido. Feito isto, despiu-o, arrastou-o para o pátio e extraíu-lhe todo o sangue junto à boca do esgoto das águas das chuvas. Esquartejou-o e meteu em sacos todas as partes do corpo do Sócio. Altas horas da madrugada, em uma « voiturette », levou o macabro fardo para Palermo, onde espalhou no grande lago ali existente por vários sítios, os fragmentos do corpo, os quais desapareceram entre o lodo. Passados dias, alguém viu no fundo do lago um braço humano. Chamada a polícia, esta, pouco a pouco, foi descobrindo as outras partes, que foram expostas no necrotério. Os jornais, em letras garrafais, trataram do macabro achado e a amante da vítima, por um íntimo pressentimento, pois sabia por telegrama que recebera em La Plata, onde ela morava, que o seu amante tinha seguido inesperadamente para o Brasil, foi ao necrotério e reconheceu no tronco, porque a cabeça ainda não tinha aparecido, que o corpo era do seu amante. O assassino foi descoberto pelo telegrama que ele — para despistar — enviou à amante do seu sócio. O assassino,

em Áustria, tinha sido marchante: sabia bem cortar carne. A polícia, com o criminoso, reconstruiu a cena e este não teve remédio senão confessar. Foi condenado a pena maior.

*

*

*

O terceiro repugnante e cobarde crime foi de carácter social. No Teatro Colon, em soirée de gala, cantava-se ópera. Casacas pretas e peitos brancos enchiam a plateia; senhoras, nos camarotes, com as suas melhores toilettes e joias; ambiente o que havia de mais distinto na Capital da Argentina. Num intervalo, todos descuidados nas saudações e conversas, foram surpreendidos pelo horrível estampido de uma potente bomba, que das galerias fora lançada para o centro da plateia. É de imaginar o pânico que se estabeleceu; gritos, desmaios e fugas. Serenado o ânimo dos mais calmos, juntos com a polícia, trataram de socorrer e de atender os feridos e de conduzir para o hospital mais próximo um cavalheiro moribundo. Alguns ficaram sem as pernas.

Este malvado e infame atentado, foi praticado por um anarquista, salvo erro, alemão, que, por ser de menor idade, não pôde ser condenado como merecia.

O que estas linhas escreve, participou do susto. Estava bem distante, na plateia de outro teatro, sereno e tranquilo, a gozar as delícias musicais da zarzuela « Moinhos de Vento », quando um

cavalheiro, ofegante de correr, interrompe o espectáculo e diz:

— Senhores, uma bomba no Teatro . . .

O público não esperou o final e foi uma balbúrdia medonha. Gritos e desmaios, gente pisada ao fugir.

Quando o homenzinho completou a notícia: — *Colon* — é que o público se deu conta de que a bomba não era ali e voltou para os seus lugares. Não quero dar-me ares de valente, mas, embora impressionado, não me movi do sítio, porque nesse instante me surgiram à mente os trágicos dramas ocorridos, pela precipitação, no incêndio do Teatro Baquet, na cidade do Porto, em 1885.

RESUMO FINAL DE ALGUNS FACTOS OBSERVADOS

Na ânsia de conhecer cada vez mais e melhor os usos e costumes e a vida íntima dos argentinos e a dos estrangeiros que vieram a este rico país conquistar o seu bem estar futuro, tive ocasião de observar casos típicos e talvez característicos dos grandes e populosos centros. Para isso, como leram, fui conquistando amizades verdadeiras às quais fiquei eternamente preso. Convivi intimamente com famílias portuguesas, argentinas e de outras nações, e fui observando o seguinte:

Famílias, algumas da alta, que, sendo proprietárias, naturalmente por falta de orientação passavam necessidade de dinheiro. Muitas de classe média sustentavam-se do empenho ou de expedientes

sàbiamente estudados; outras, viviam em *conventillos* (1), no entanto as filhas arrastavam sedas pelas ruas, querendo aparentar de ricas e para isso vendiam o corpo, a consciência, chafurdando na lama. Os argentinos, com muito acerto a tudo que reluz, que brilha encobrendo miséria, dizem nesses casos: *pura paráda!*

Famílias conheci que por falta de numerário empenhavam os automóveis ou objectos pertencentes ao adorno dos seus palacetes, para no dia seguinte oferecerem um chá às pessoas das suas relações. Tudo isto — entendo eu — por ausência de administração, por desgoverno caseiro.

Mais tarde, lentamente, frequentei o « *bas-fond* » da cidade, para conhecer de perto as misérias sociais.

No Passeio de Julho, hoje Avenida Leandro N. Alem, existiam muitos cafés-concerto, atendidos por caixeiras de aventalzinho garrido, que davam o troco aos fregueses em quarto reservado, ao fundo do estabelecimento. Salões de vistas, cosmoramas ao som de realejo, de onde os papalvos saíam sem carteira, se, por curiosidade, iam ver as vistas só para homens. A maioria dos frequentadores eram os marinheiros dos vapores atracados às docas, situadas a três quadras (2).

Nos bairros de Barracas, Boca e Avelaneda, o « *bas-fond* » é em grande escala frequentado pela tripulação dos barcos atracados no « *Riachuelo* » e

(1) Ilhas.

(2) Uns trezentos metros de distância.

por muitos *calaveras* ⁽¹⁾ da cidade. Estes bairros eram muito perigosos para os incautos, principalmente de noite.

Fui pouco a pouco conhecendo de perto personagens de destaque social e político, que hoje desapareceram, mas têm os seus nomes gravados em letras de oiro na História Argentina, como seja, o general Don Júlio A. Roca, no seu primeiro e segundo período presidencial; o general e erudito escritor Don Bartolomé Mitre, fundador do grande diário «La Nacion», sempre à paisana, com o seu inseparável e muito popular *chamberguito* ⁽²⁾; Don Benito Vilanueva, presidente do Senado, com o inseparável companheiro, confidente e secretário particular, Conde; Dr. Carlos Meyer Pellegrini, consolidador da moeda argentina, de pernas longas, mas firmes; e muitos outros.

No foro, Dr. Estanislau Zevallos, autor da «Revista do Direito Internacional Privado» e ministro; Faustino Jorge, descendente de portugueses; Clariá, Vilanueva, Molina, Ballesteros, etc., etc.

No comércio, destaco Francisco Mendes Gonçalves, comendador, meu patrício, natural do Funchal, que chegou a ser Presidente da Bolsa do Comércio Argentino; António Agrelo, comendador, comerciante e industrial; Augusto Costa, que mais tarde fundou a firma Costa & Cotelos; e outros de grande prestígio.

(1) Estroinas brancos.

(2) Chapéu mole.



BUENOS AIRES: MERCADO CENTRAL ONDE EM 1902 TERMINAVA A AVENIDA DE MAIO.



A cidade, da minha chegada à minha partida, sofreu grandes transformações na sua urbanização, dignas de relatar.

A Avenida de Maio ia até ao principio da imponente Praça do Congresso, assim chamada hoje. Onde está esta Praça, ficava o Mercado Central, um posto de cavalaria e uma pracinha, creio que Larrea.

Não havia o tranvia subterrâneo; assisti à sua construção, vendo-o funcionar, da Praça de Maio ao Caballito, sendo a estação de recolha no sub-solo da Praça Onze. As ruas centrais eram calcetadas com paralelepípedos de madeira, grande novidade na época. A Estação Retiro, do Ferro Carril Argentino, eram uns barracões acanhados e sem gosto, tendo por detrás o hotel dos emigrantes, de forma circular, de madeira e zinco, parecendo, de longe, uma pobre praça de toiros.

A iluminação era a gás e ainda se viam, na Calle Florida e em outras, arcos com tulipas de vidro, para a iluminação de luxo, nos dias de festa Nacional de 25 de Maio e 9 de Julho.

Uma coisa interessante naquela época era ver aos domingos a afluência de jovens argentinos, no Passeio de Julho, tomar o tranvia para a Escola de Tiro de Palermo e Belgrano. Com que entusiasmo, com que orgulho mostravam os seus carnets de atiradores!

Assim se foi transformando a cidade numa colossal metrópole, capital de um país de solo privilegiado que produz facilmente duas vezes no ano o que o solo do meu país, com esforço, produz uma. Além de cereais em abundância, possui gado bovi-

no, cavalар, lanígero e porcino, em quantidades fantásticas.

Rivaliza com os maiores produtores de cavalos puro-sangue, para corridas. No hipódromo argentino, aos domingos e outros dias, jogam-se fortunas, milhões e milhões de pesos, origem talvez da desorientação que reina em muitos lares.

Isto demonstra que a Argentina é um riquíssimo país, onde todo o estrangeiro pode viver como no seu próprio. Clima agradável, solo que tudo produz para a vida da humanidade. O europeu sente-se ali bem; é recebido com agrado desde que vá dar a sua colaboração para o crescente aumento da sua população e trabalhe respeitando as suas liberais leis e se entregue ao engrandecimento e prestígio da Nação Argentina. Para ponto final das minhas impressões, da minha imparcial observação sobre a Argentina e sua capital e como afirmação do que escrevo, segue uma nomenclatura de tudo que diz respeito às forças vivas, morais, sociais e materiais que agitam e movem esta imponente cidade de Buenos Aires, porque julgo que a importância de um país só pode ser avaliada pela sua agricultura, seu comércio e sua indústria; pela cultura do seu povo; grandiosidade da sua Capital e seu movimento; o valor, quantidade e importância dos seus edifícios públicos e particulares; pela assistência social aos seus habitantes; pela sua organização escolar e pedagógica; pelas empresas de exploração do Estado, como seja, saneamento, luz, água e electricidade; pelas companhias de Estradas de Ferro que possui, etc., etc.

BUENOS AIRES pode orgulhar-se de ser uma capital moderna, que contém dentro dos seus muros, do seu perímetro, o seguinte :

1.600 ruas e avenidas, com nomes oficiais, algumas extensíssimas; uma, a rua Rivadavia tem 18 k.^{mts} de comprimento; 85 ruas e praças particulares; 20 ruas, sem nome; 46 delegacias de polícia, além do Departamento Central; a maioria com pronto-socorro de bombeiros; 58 jornais diários e revistas, alguns pertencentes a colónias estrangeiras; 12 parques; 4 grandes jardins, um Botânico de valor e um zoológico completo; 66 praças públicas, a maioria ajardinadas; 2 praias modernas, na margem do rio La Plata; 16 museus; 80 estátuas e monumentos, espalhados pelas praças públicas; 79 mercados; 5 companhias de carros eléctricos, tranvias; 42 companhias de auto-carros colectivos; 67 sucursais dos correios; 17 agências dos mesmos; 7 companhias telegráficas; 3 companhias telefónicas; 34 repartições públicas, municipais; 56 repartições públicas, nacionais; 20 secções de registo civil; 6 dispensários anti-tuberculosos e estações de desinfecção; 24 Sanatórios importantes; 11 Institutos com Laboratórios de higiene e medicina; 29 hospitais de primeira ordem; 13 dispensários anti-venéreos; 6 asilos vários; 12 estabelecimentos balneários; 24 bibliotecas públicas; 6 escolas profissionais para mulheres; 5 escolas de comércio; 10 escolas superiores nacionais; 7 universidades; 10 escolas normais; 44 distritos escolares; 35 clubes de Foot-ball; 42 clubes sociais, além dos de Foot-Ball; 41 hotéis de primeira categoria e inúmeros de 2.^a e 3.^a; 12 companhias de Ferro-carril; 2 companhias nacionais

de navegação costeira; 33 estabelecimentos bancários, a maioria com sucursais no interior do país; 37 teatros de categoria; 1 teatro de ópera; 9 elevadores de trigo e vários frigoríficos de importância enorme com cais para os vapores carregarem; 53 igrejas e oratórios públicos, católicos; 88 paróquias na Arquidiocese de Buenos Aires; 21 igrejas anglicanas e de outros cultos; 15 igrejas evangélicas.

Sobre assistência hospitalar, tem Buenos Aires o que há de melhor no mundo. A preocupação do Governo argentino é estar aparelhado como a nação mais adiantada da velha Europa, para atender com eficácia a todas as enfermidades já conhecidas e àquelas que surjam. Não poupa dinheiro e tempo para mandar aos outros países médicos para se especializarem, estudarem a origem e causa de qualquer doença e o remédio a dar-lhe. Os científicos europeus ou americanos descubrem um medicamento que vai curar ou pelo menos atenuar o sofrer da humanidade? Trata imediatamente de o adquirir, ou estudar as bases e a sua fórmula para o fabricar nos seus laboratórios. Tem 29 hospitais de primeira ordem; institutos com laboratórios, dispensários, asilos, etc. É uma cidade que procura ser a de maior progresso na América do Sul.

Numa povoação pequena muitas vezes não se encontra médico a altas horas da noite; em Buenos Aires, com três milhões de habitantes, fácil se consegue, telefonando para a Assistência Pública a qualquer hora porque imediatamente se apresenta uma auto-maca, se é pobre, e automóvel, se pode pagar, com médico, ajudante e enfermeiro. Não é só nos



BUENOS AIRES — BANCADAS DO HIPÓDROMO ARGENTINO, EM 1916.



casos de acidente, é para qualquer doença súbita de pessoas, em casa de família. O autor algumas vezes teve que sentir o benefício dessa perfeita organização e já acompanhou uma comissão de brasileiros que em 1910 foi estudar a montagem destes serviços.

Uma coisa digna de registo é repressão à vadiagem e mendicidade e a protecção à infância desvalida. Existe uma colónia infantil, o « Lar Ricardo Gutierrez », que no género é um edificio modelar, uma verdadeira cidade de menores, com uma área extensa e onde alguns centos de crianças, após um minucioso exame, durante alguns dias, num pavilhão especial de recepção, são educados com todo o conforto e carinho, familiarmente, dando-se-lhes uma profissão adequada de maneira a que, à saída, encontrem colocação nas empresas industriais da cidade.

As crianças que não demonstrem aproveitamento e continuem rebeldes e insubordinadas, são logo retiradas para uma secção própria, completamente autónoma e com um regimen disciplinar especial intitulada « El Retiro », enquanto as que revelam possuir capacidade de trabalho ou inteligência acima do normal são transferidas para o Colégio Pellegrini, que dispõe de laboratórios, bibliotecas e instalações adequadas, donde saem peritos em electricidade, mecânica, comércio e agronomia.

A Colónia Gutierrez, única no género, cujo « terço de verba destinada para a sua manutenção é coberto pela própria produção », possui edificios próprios, oficinas adequadas para todos os misteres e e outros estabelecimentos, todos construídos pelos

menores e bem assim o material necessário, como telhas, tijolos, ladrilhos, portas, portais e vários utensílios por eles fabricados, dedicando-se ainda os menores à criação de gado e de aves de raça em alta escala e com grande rendimento.



A VIRGEM DE LUJAN



BUENOS AIRES: IGREJA DE LUJAN, INCOMPLETA AINDA EM 1914.



A Virgem de Lujan e sua Lenda

DESDE que a bordo do C. P. ouvi do Dr. Achával a narrativa de um milagre ou coisa parecida, feito por Nossa Senhora de Lujan a uma família brasileira e sabendo que esta santa imagem fora levada para aquela povoação por um português, não descansei enquanto não satisfiz a curiosidade de saber como isso aconteceu.

Não foi difícil a tarefa, porque encontrei um opúsculo numa biblioteca católica, em Buenos Aires, com a explicação do sucedido. Na convicção de que o relato do caso deve interessar às famílias católicas, transcrevo um resumo da história ou lenda que resumi assim :

No tempo em que o Reino de Portugal estava sob o domínio da coroa de Castela, portugueses e castelhanos permutavam ou comerciavam entre si como vassallos do mesmo soberano. Segundo se conjectura, no ano de 1630, certo português de nome desconhecido que vivia a 40 léguas da cidade de Córdoba de Tucuman, na fazenda Sumampá, por carecer de missas, principalmente as dos domingos e dias festivos, mandou construir uma capela para a dedicar ao culto da Virgem Santíssima.

Para conseguir a imagem, escreveu para o Rio de Janeiro a um seu patrício, pedindo que lhe en-

viasse uma Nossa Senhora da Conceição. O patri-cio, em vez de uma, enviou duas, de escultura portu-guesa, mas em barro cozido. Como eram de barro frágil e a viagem era longa, meteu cada uma em sua caixa de madeira, porque — mandou dizer — se uma se quebrasse, restaria a outra: muita infelici-dade seria partirem-se as duas.

Encarregou o próprio capitão do veleiro, que também era português, de as conduzir à Sumampá, ou fazer o humanamente possível para que as san-tas imagens chegassem inteiras às mãos do patri-cio. Como lhe recomendou, assim o fez o bom do capitão, porque era católico e um devoto ferrenho de Nossa Senhora.

Chegou a Buenos Aires e procurou saber se havia carretões que recebessem carga para Córdoba e, encontrando um, despachou as duas caixas com as santas imagens, arranjou um cavalo e ele mesmo as foi acompanhar.

O tráfego da capital para o interior do país, naquele tempo, era difícil, lento, demorado e incô-modo. Um carretão era puxado por cinco e mesmo seis juntas de bois, para poder transitar nos péssi-mos caminhos de barro e lama, quando de chuva, e de pó, quando o tempo estava seco.

No dia e hora marcados para partir, o carre-tão pôs-se em marcha com a carga. E até chega-rem a umas cinco léguas de Buenos Aires, à Fa-zenda de Don Rosendo Orámas, tudo correu às mil maravilhas sem qualquer percalço ou incidente.

Nessa fazenda o carretão parou, fez alto. Fati-gados da longa viagem, ali comeram e pernoitaram.

Ao romper da aurora do dia seguinte, ainda o sol mal vinha surgindo, todos se levantaram, e higienizaram reconfortando-se com o pequeno almoço de leite quente com pão caseiro de trigo. Preparados, atrelaram as juntas de bois ao carretão, puseram-se em marcha, mas — qual não foi o espanto de todos! — a uns quilómetros de distância, espicaçavam os bois e, por mais que estes fizessem esforços para a arrancada, o carretão estancou e não se movia do sítio. Houve em princípio a suspeita de que talvez a carga fosse excessiva. Não podia ser isso, diziam os condutores, quando até ali tinham vindo bem. Alguém lembrou descarregar parte das mercadorias, para ver se, mais leve, caminhava. Começaram por descarregar uma das caixas que levava a imagem da Virgem Mãe de Jesus e o carretão logo se moveu. Julgando que fosse defeito do carro, tornaram a carregar a caixa que tinham tirado e novamente o carro estacou e força alguma o fazia arrancar do sítio. Fizeram a experiência várias vezes e sempre o mesmo efeito.

Compreenderam então que era Nossa Senhora que queria ali ficar. Correu logo por muitas léguas ao derredor este desejo de Nossa Senhora e consideraram isso um milagre da Virgem, porque toda a carga e a outra caixa com a imagem seguiu viagem para o seu destino, à fazenda « Sumampá », onde estava o português à espera, para a colocar na sua capelinha.

Espalhada a notícia por aqueles *pagos*, a léguas de distância, começou a vir gente em peregrinação, a querer assistir à abertura da caixa. Esta se abriu na presença de todos os que estavam dirigindo o tra-

balho o próprio capitão do navio que levava com ele um pretinho africano, seu escravo. Aberta a caixa com todo o cuidado, veneração e carinho, tiraram de dentro uma perfeitíssima imagem de Nossa Senhora, formosa, de mãos unidas diante do peito, com meia vara de altura. Os presentes logo, como se estivesse benzida, se puseram de joelhos a orar. Divulgado o facto, vieram diariamente muitos fiéis de muito longe. Levantaram logo uma capelinha tosca, provisória, com um altar no mesmo sítio onde o carretão estacou e deixaram o pretinho Manuel, filho de Angola, com pouco mais de dez anos, a cuidar do culto da Santa Virgem. Este pretinho nunca mais deixou a imagem sem luz. Os fiéis levavam velas de sebo, e do que escorria pelas velas fazia o pretinho curas maravilhosas de feridas e de outras enfermidades. De todos os lados ocorriam ali enfermos que eram por ele tratados e curados. O capitão do navio, patrão do escravo pretinho, Manuel, entregou-o a Don Rosendo Orámas, mas deixava-o livre para que seguisse a sua missão e o pretinho tomou tão a peito o seu desideratum que nunca abandonou a santa imagem. O fazendeiro seu patrão Don Rosendo morreu e, com a morte deste, a fazenda mudou de dono, foi para os herdeiros, ficando a capela meio abandonada, em terreno baldio ou despovoado, mas o negrinho Manuel nunca a abandonou. Ele cuidava da limpeza e asseio e buscava com as esmolas ter sempre velas acesas ante a sagrada imagem.

As peregrinações eram às centenas embora no sítio não houvesse o necessário conforto nem ao

menos um *rancho*, ⁽¹⁾ onde os peregrinos se abrigassem, mas, passados muitos anos, apareceu um dia uma senhora, Dona Ana de Matos, viúva do sargento-mor, D. Marcos de Sequeira — naturalmente descendente de portugueses — que pediu aos herdeiros do patrão do preto, ao ilustre Padre Don Juan Orámas, pároco da Igreja Catedral de Buenos Aires, para que lhe concedesse a imagem, que ela na sua fazenda construiria uma igreja digna. O pedido era para a levar para outras cinco léguas para Lujan. Esta proposta foi aceite, porque diziam os herdeiros que os peregrinos lhes roubavam gado e outras coisas. A senhora Dona Ana levou a Santa imagem e colocou-a num quarto apropriado até à conclusão da capela que seria própria e pública.

No dia seguinte, com bastante surpresa, desgosto e susto, viu que a imagem não estava onde na véspera a tinha deixado. Procuraram-na por toda a casa e não a encontraram. Aflita, pensou se a Virgem teria voltado para o sítio primitivo e, mandando averiguar, constatou que sucedeu como pensara. Isto não fez com que Dona Ana de Matos desistisse de a possuir e foi buscá-la de novo. A Santíssima Virgem novamente desapareceu e novamente se encontrou na sua primitiva capelinha. Dona Ana, verdadeiramente desconsolada por este estranho caso, já não se atreveu a ir buscá-la pela terceira vez. Não só porque poderia suceder o mesmo, mas também por temor de que a Virgem

(1) Palhota.

Santa a castigasse por sua porfia quando dava a entender evidentemente que não gostava de estar em sua casa. Dona Ana, movida por luz superior, participou o sucedido ao Bispo da Diocese, então, Don Fray Cristóbal de la Mancha y Velasco e ao governador da província de Buenos Aires, Don André de Robles, os quais foram ao local certificar-se da veracidade e vendo que assim tinha sucedido, depois de várias conferências com as autoridades eclesiásticas, levantaram em andor a milagrosa imagem e levaram-na em devota procissão a casa de Dona Ana de Matos. Desde esse dia jamais desapareceu. O pretinho acompanhou-a também desta última vez, coisa que não tinha sucedido das outras vezes não por falta de vontade do escravo, mas porque antes não lhe deram a autorização necessária para isso. Ao facto de o preto não a ter acompanhado antes, atribui-se o ter desaparecido a imagem e voltado ao seu primitivo lugar. Não foi sem dificuldade que os herdeiros de Rosendo Orámas deixaram o pretinho ir com sua *ama*, como ele chamava a Nossa Senhora. Os Orámas diziam que ele era seu escravo e não respeitavam a vontade do português, seu primeiro patrão, que o deixou livre de escravatura para o mister de cuidar a Santa Mãe de Jesus. Em vão afirmara o pretinho que pertencia a Nossa Senhora e não reconhecia mais nenhum amo além dela. Isto deu lugar a um litígio que terminou com uma transacção entre Dona Ana de Matos e os herdeiros de Orámas.

Esta narrativa não teria valor algum se não fosse contada a história do pretinho Manuel. Diz a



BUENOS AIRES — A CATEDRAL

história que como a Rainha Celestial se valeu da simplicidade de um pobre índio, chamado Diego, para promover os cultos que se realizam à portentosa imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, que é a mesma da Conceição, e que se venera em um monte a pouca distância da cidade do México, assim quis valer-se do cândido pretinho Manuel para propagar os cultos da imagem de Nossa Senhora de Lujan, distante doze léguas da cidade de Buenos Aires. Todo o seu cuidado era o asseio do seu altar, o acender as velas e ungir com o sebo das lâmpadas os enfermos que iam buscar remédio da Virgem. A simplicidade do preto era tal que às vezes tratava a Santíssima Virgem com extremada familiaridade. Para exemplo, narra-se o seguinte:

Na pequena capela onde a Virgem estava em casa de Dona Ana de Matos reparou o preto que algumas noites Nossa Senhora faltava do seu nicho e que, quando de manhã acordava, já se encontrava no seu sítio, mas com o manto cheio de abrolhos e cardilhos, e nas pregas, muito pó e algum barro. Então, nestas ocasiões, o negrito lhe dizia:

— Senhora minha, que necessidade tendes vós de sair de casa para acudir a qualquer alma perdida e, sendo, como sois, tão poderosa? Ides em busca dos pecadores, quando sabeis que eles vos tratam mal?

Diz o crítico que as saídas da imagem não se devem estranhar e muito menos vir o manto com cardilhos, abrolhos, pó e barro, porque não é a primeira imagem da Virgem Santíssima de quem se lê semelhante milagre.

Só em 1677 é que, com muitas esmolas de gado e géneros diversos, principiaram uma nova e mais ampla capela, cujos cimentos abriu um religioso carmelita português, chamado frei Gabriel. A construção foi lenta até ao ano de 1684, em que se deu o milagre seguinte:

Don Pedro de Montalvo, clérigo presbítero de Buenos Aires, adoeceu gravemente de sufocações asmáticas que com o tempo se converteram em uma tísica confirmada. Recorreu aos mais sábios médicos da época e nenhum acertou em o curar. Desiludido da ciência, lembrou-se então da Virgem de Lujan. Foi fazer-lhe uma visita, com ânimo de se salvar, pois já contava no caminho com uma morte certa, ou dar a alma ao criador junto de Nossa Senhora. A uma légua de distância de Lujan e da vivenda de Dona Ana de Matos sentiu-se muito mal, a ponto de o considerarem morto. Levaram-no como puderam até junto de Nossa Senhora e, ali, o preto Manuel o ungiu no peito com o sebo das lâmpadas e com isto o enfermo abriu os olhos e despertou do letargo em que jazia. O preto deu-lhe assim coragem e fé, dizendo-lhe que havia de sarar, que sua *ama*, (assim chamava à Virgem Maria) o queria para seu primeiro chapelão. Assim sucedeu. O Manuel, de alguns cardilhos e abrolhos que tinha guardado desde quando a Senhora aparecia com eles no manto, misturados com um pouco de terra que do mesmo manto apanhou, mandou ou pediu a uma Senhora, Dona Maria Diaz que de tudo fizesse um cozimento, do qual deu a beber ao doente, em nome da Santíssima Virgem. Don Pedro de Montalvo

ficou curado. Como tinha vaticinado o preto, tomou aquele então o cargo da capelania, e a igreja que apenas tinha parte do altar-mor construído, sob a sua direcção ficou em breve concluída. Dezasseis anos depois, faleceu o capelão Montalvo, mas deixou uma renda de 70 pesos por ano, para sustento do capelão, seu substituto.

O negro Manuel, vestiu-se com uma túnica leve sobre o corpo, deixou crescer a barba e viveu como um ermitão. Concorreu muito para a conclusão das obras com a sua constante dedicação pela Virgem e pelos enfermos. Quando faleceu, foi-lhe encontrada a quantia de catorze mil pesos proveniente de esmolas. Ele tinha dito que a sua ama lhe comunicou que morreria numa sexta-feira e, já muito velho e decrépito, assim sucedeu.

Os milagres continuaram e tantos eles foram e de tal magnitude que o governo do país, de comum acordo com a autoridade eclesiástica, teve necessidade de ampliar o templo e assim o fizeram em estilo gótico, imponente, muito parecido com a catedral de Colónia, Alemanha, um pouco com a de Notre-Dame, de Paris.

É digno de ser visitado de todos os argentinos católicos e não católicos, é quase um dever de todos os portugueses residentes em Buenos Aires irem ali. A imagem de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do nosso Portugal, foi levada para ali por um português e os primeiros alicerces desse colossal e artístico templo, para orgulho nosso, foram lançados por um frade português. Isto, como manifestei no princípio, é um resumo do que li, pois são tantos e tan-

tos os casos de milagre e as ajudas recebidas para a construção do maravilhoso templo, que daria para um volume de trezentas páginas, pelo menos.

Raro, raríssimo é o facto de um portuguez no estrangeiro ter desonrado o sagrado nome da sua Pátria, Portugal. Pelo contrário, lá fora, considera-se duas vezes patriota e só deseja, por muito bem que se encontre, voltar ao seio do seu torrão natal.





IMPRESSIONES DO PARAGUAI

POR

CORRESPONDÊNCIA

DE

MÁRIO VIANA

Como viu Mário o Paraguai

DE acordo com o conselho médico, Mário Viana tomou em Buenos Aires passagem para Assunção, capital daquele país, num dos vapores do Milhanovich, tendo à despedida inúmeros amigos entre o que há de mais elevado e culto na sociedade, no comércio e na indústria.

Quando, no cais, lhe dei o abraço de despedida, prometeu escrever a seu irmão Alberto e a mim com assiduidade e o mais extenso possível, por saber o quanto me interesse em conhecer o uso e costumes dos povos e também por me considerar o seu melhor amigo.

Segundo a sua promessa, escreveu as seguintes cartas :

Assunção, Março de 1916.

Meu bom Amigo :

Quisera ser um pintor célebre para passar à tela com arte e gosto as paisagens de cores maravilhosas que servem de cenário às margens do rio Paraná, onde nas praias, sobre as areias brancas, se vêem centenas e centenas de crocodilos, estendidos, dormindo ao sol. Foi lindíssima a viagem de Buenos

Aires até ao porto da cidade Paraná, Capital da província de Entre-Rios, e desta até Assunção, onde me encontro hospedado no hotel «Espanha», único em condições de decência e higiene para um hóspede delicado. Por isso já podes avaliar a importância desta Capital. Fica muito aquém da imponência e valor de qualquer das capitais da Argentina e do Uruguai. Vou descrever em uma série de cartas sucintamente, mas sem faltar à verdade, a minha impressão sobre este país, sobre o seu povo, sobre a sua modesta capital, ainda que esta verdade não seja por vezes agradável ao simpático, ao corajoso e valente povo paraguaio.

Principio por dizer-te que encontrei nesta cidade algumas praças bonitas, bem ajardinadas, inclusive a principal—onde está o Palácio Presidencial—edifício moderno e grandioso. À porta deste palácio, fazem guarda de honra soldados quase descalços. Chamando a atenção de alguém sobre este pormenor, respondeu que está para breve uma remodelação no exército e que tudo iria melhorar. Luz eléctrica, deslumbrante e bem distribuída, mas as ruas mal calçadas e com pedras em ponta que dificultam o andar. Da uma hora às três da tarde, o calor é abrasador, excessivo. Nas ruas, nessas horas, não se vê andar alma viva. Todos os habitantes, por efeito da modorra, descansam. Se na rua se sente barulho—nesse lapso de



ASSUNÇÃO — PARAGUAI: PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO,
A MAIS IMPORTANTE, EM 1916.



tempo—dizem os paraguaios que hão-de ser brasileiros que passam, pois afirmam que os nossos irmãos brasileiros estão acostumados a andar na rua a toda a hora do dia no verão e no inverno e, quando ali chegam, de passagem para Mato-Grosso, não conhecendo os costumes do povo de Assuncion, são os únicos que saem nessas horas.

Um facto curioso: Troquei um « canário » (1) de cem argentinos e deram-me um maço de notas: mil e quinhentos « pesos fuertes » que resultaram fracos.

As noites são duma amenidade sublime, verdadeiramente agradáveis. Encontrei muito interessante nesta terra o que não vi em nenhuma outra que percorri. Quantidade enorme de sapos, que de todos os cantos de um jardim público surgem e se reúnem, como em comício, no centro dos caminhos, sob a claridade de um arco voltaico, com a potência, pelo menos, de 1.000 velas.

Tive ocasião de apreciar isto pela gentileza de uma senhora, Dona Helena, hospeda do mesmo hotel, que se ofereceu para mostrar-me na companhia de outros hóspedes a parte da cidade que eu desconhecia.

— Os sapos, explica a senhora, são respeitados. É proibido matá-los porque são os

(1) Canário chamam a uma nota amarela de cem pesos argentinos.

defensores da vegetação. Combatem e dão cabo de todo o verme daninho que na terra medra e cresce e desvasta todo o arbusto ou flor, sendo por isso que a autoridade os consente e protege.

Predomina aqui, diz a bondosa Dona Helena, muito capital estrangeiro. As empresas de maior vulto são: o caminho de Ferro internacional Buenos Aires-Assunção, que é duma companhia inglesa. A luz e os importantes frigoríficos estão na mão de uma empresa alemã. Tem meia dúzia de estabelecimentos de certa importância.

Os artigos de maior exportação são, a erva-mate, as laranjas e o gado. As mulheres do povo usam saia e blusa de chita ou percal. Por cima da blusa, uma espécie de lençol com que envolvem a cabeça e pescoço, indumentária esta, que se confunde com a dos beduinos da Turquia ou de Marrocos. Usam nos ranchos ⁽¹⁾, cobertos de palha ou de telha, como cama, catres de lona. Sempre de charutos pequenos na boca; fumam como qualquer homem. Os charutos são feitos por elas, para usar e para vender, porque é também um dos artigos de grande fama e exportação o tabaco paraguaio. A mulher—estou a descrever a do povo—trabalha muito, enquanto o homem descansa, goza da rede e

⁽¹⁾ Palhotas.



ASSUNÇÃO — PARAGUAI: « CALLE CHILE », A PRINCIPAL
ARTÉRIA COMERCIAL, EM 1916.

chupa o mate. Não é povo ambicioso — segue dizendo a minha cicerone — tendo mandioca para comer, mate para chupar e tabaco para fumar, são felizes. Neste país há mais mulheres que homens e isso se explica da seguinte maneira :

Na guerra que o Paraguai sustentou — e mais adiante descreverei — tendo por ditador o valente Francisco Solano Lopez, contra o Brasil, a Argentina e o Uruguai, de 1864 a 1870, toda a juventude tombou nessa terrível hecatombe. Terminada a renhida luta, na qual o ditador morreu de armas na mão, ficaram só os velhos e as mulheres. Aqueles foram morrendo também e a natalidade de indivíduos do sexo masculino, desde 1870 até à data 1916, tem sido muito lenta. Isto desgosta profundamente a mulher paraguaia, que sente uma ânsia, um desejo enorme de ter filhos varões.

É uma mulher ideal a paraguaia, porque, reconhecendo no homem a suprema autoridade, é submissa, escrava e meiga, dedicada até ao sacrifício da própria vida. Não é caso raro na mulher deste país vê-la morrer de saudades ou, se não tem filhos, matar-se após a morte do companheiro. Trabalha nos campos, no cultivo da mandioca, do maiz ⁽¹⁾, na plantação e colheita do tabaco e da erva-mate com mais coragem, com mais constância de

⁽¹⁾ Milho.

que o homem. Uma grande maioria do povo paraguaio ainda fala o guarany.

A impressão que senti até agora ao ver e conviver nestes dias com as paraguaias, é que parece pertencerem a uma raça, mista de japonês com marroquino. Japonês, na cor branco-amarelado; e marroquino, nos usos e costumes. Os homens têm mais os traços do guarany com o espanhol.

Dizem-me que à margem de um grande lago, existe um confortável hotel sanatório, frequentado por argentinos que sofrem do peito e dos pulmões, para onde talvez eu brevemente irei parar.

Digo talvez, porque tomei relações com a nova e elegante senhora, Dona Helena, minha boa cicerone, sem filhos, viúva de um oficial de marinha, paraguaio de nascimento, mas naturalizado argentino e ao serviço daquele país, a qual insiste comigo para ir ver a sua propriedade em Sapucaí, no interior. Diz que os ares ali são melhores do que os de São Bernardino e que pronto ali me restabelecerei.

É tal a meiguice, a doçura da sua voz ao fazer-me este convite que estou tentado a aceitar. O meu estado de espírito necessita de uma reacção forte e radical e talvez esteja na Dona Helena, essa reacção.

Ela não é muito alta, mas elegante, e veste bem. Vê-se que é viajada e de teres e haveres. Tipo árabe-japonês, nos gestos e

nas feições. Não usa pintura nem enfeites exagerados. Tem ainda mais a vantagem de não fumar os paguassus, uns charutos pequenos que é comum verem-se constantemente entre os lindos lábios das paraguaias. É apaixonada pelo mate, erva afamada muito acreditada, e uma das especialidades deste país. É educadíssima e mostra, desde que me viu, um desejo ardente de estreitar relações comigo. Remeto-te um postal com a vista da mais importante Praça da Capital Assunção.

Na próxima carta dir-te-ei o que resolvi sobre o convite da Dona Helena e qual é o meu estado de ânimo e saúde.

Até à próxima, abraça-te o amigo grato,

MÁRIO.



MATE Y BOMBILHA

Mate, é erva existente no Paraguai, Brasil e Argentina, onde, das folhas secas e mofadas, fazem uma infusão que bebem como chá, aspirando por um tubo, chamado *bombilla*. Também chamam mate à cabacinha seca que serve de recipiente, onde é feita e servida a infusão, como o desenho acima representa.

Sapucai, Abril de 1916.

Meu dedicado Amigo :

Dou em meu poder a tua atenciosa carta que muita alegria me causou, e do coração te agradeço.

Pela localidade de onde te escrevo, Sapucaí, povoação pequena a 91 Kms. da capital Assunção, de uns 4.000 habitantes talvez — já debes dar conta de que não me pude furtar à tentação do amável convite que, me fez a D.^a Helena.

Estou num paraíso.

Terra de promessa onde reina um sossego absoluto, uma inegalável paz. São 7 horas da manhã, dia claro e lindo. Nuvens de ouro e espuma cruzam o firmamento azul. O astro soberano, que dá luz, vida, calor e alegria, sobe resplandecente e risinho, invadindo já as espaçosas varandas que circundam o grande edifício, quase palácio, propriedade da boa, da gentil D.^a Helena, de quem sou o único hóspede.

Escrevo-te de pijama, ante uma chávena de porcelana da China, com o saboroso e perfumado café com leite, e este, ordenhado de uma vaca de tipo suíço, que, em compar-

timento próprio, está instalada ao lado de outros animais, ao fundo da propriedade. Isto, depois de me ter refrescado com o excelente banho de chuveiro. Rodeiam-me, bem dispostas, com arte e gosto, mesinhas e colunas, com jarras do Japão, repletas de avenças e flores. Abundância de cadeiras cómodas, espreguiçadeiras convidam a gente a estender-se. Nesta altura, a minha gentil hospedeira, toma banho também. Ouço-a soprando, como sufocada, pelo jacto da fria linfa no seu ardente e formoso corpo.

Fronteiro a mim, em um espaçoso lago, que fica no centro do jardim, um casal de gansos de bico vermelho e penas brancas como arminho também se banham, satisfeitos e felizes. Rescende no espaço, dimanado de várias flores que enfeitam os canteiros do jardim ao derredor das palmeiras e outras árvores da flora paraguaia, um embriagador perfume. Entre as mais exóticas e lindas espécies de orquídeas, florescem jasmins dos mais ricos e esquisitos odores, salientando-se sobre todos os do Cabo, cujas flores, como tufos de algodão, sobressaem nas folhas verdes e carnudas.

Para que calcules o que será este oásis terrestre, digo-te que o jardim, no centro do qual está o edifício, mede cincoenta metros de frente. A vivenda é de estilo oriental, com varandas pelas quatro frentes. Está preparada para o frio, que, em Julho, chega a

2 graus negativos, e para o calor, que, em Dezembro, alcança 36° à sombra. Nesta quadra, com a poética luz do luar ou sem ela, ainda dormimos na varanda, ao ar livre, para onde, na hora própria do descanso se armam as camas «Fregoli», ou de campanha. Não há receio de assaltos ou roubos nocturnos.

Os habitantes parecem ser pacatos, honestos e, mesmo que houvesse a mais pequena tentativa, o Nero, um cão Ulanan que anda solto de noite, daria o alarme necessário se não se julgasse capaz de sòzinho espantar ou expulsar os intrusos. A atmosfera no tempo de calor não permite mais roupa do que o pijama e um lençol. De madrugada um pouco de orvalho vem suavizar a temperatura. Ao fundo do edifício, em um comprimento de 200 metros por 50 de largo, em terreno saibroso, avermelhado, em linhas rectas e a distâncias certas de 5 metros umas das outras, medram e crescem laranjeiras, neste momento carregadinhas de fruto dourado, em vésperas de ser vendido para exportação.

Enquanto descrevo este aprazível e belíssimo cantinho do Paraguai, estou a ouvir o mavioso chilrear dos passarinhos do frondoso arvoredado que rodeia o jardim. Ao longe ouço um apito prolongado dum combóio que se aproxima. É o internacional Assunção-Buenos Aires que chega e passa a uns 50 metros de distância do meu ponto de observa-

ção. A uns 100 metros parou, sem eu o perder de vista nem os passageiros a mim. O combóio demora, porque em frente da estação, no lado oposto da linha férrea, ficam as oficinas de reparação de máquinas e tudo que diz respeito à estrada.

A linda Helena, ainda em toilette ligeira, com uma elegante capa de género turco, uma toalha do mesmo género sobre os ombros, traz os seus fartos e lindos cabelos soltos, pendidos; os alvos e pequeninos pés nus, calçados em lindas chinelas, veludo carmezim, orlados de arminho. Vem colocar-se a meu lado, debruçar-se como eu a ver a chegada e saída dos passageiros do combóio que se conserva parado. Não se esqueceu de trazer consigo o mate, que chupa pela bombilha e que de momento a momento faz encher de água quente pela mucama ⁽¹⁾, um tipo de indo-china. O combóio, depois de um quarto de hora de demora, partiu. As vendedeiras de laranjas, charutos, doces e refrescos e garrafas de guaripola ⁽²⁾, recolhem-se às suas respectivas casas. Sapucaí volta à sua pacatez de sempre. Todos os dias, uma vez de manhã, outra de tarde, parte da povoação desloca-se para a estação a ver chegar o combóio. É nestas ocasiões que Sapucaí

⁽¹⁾ Criada de quarto.

⁽²⁾ Água-ardente.

desperta, vibra, e assim se pode calcular a intensidade da população que surge de entre as matas paraguaias. Depois deste momento passado, volta o letargo, o sossego absoluto. Helena, depois de trocar a capa de banho por um vestido negligé, claro, vaporoso, convida-me ao passeio de todos os dias, que é por entre o perfumado laranjal. Como de costume, acedo ao convite e até lhe ofereço o braço para que se apoie. Assim caminhando lentamente, como num eterno idílio, conversamos sobre o que já vimos e gozamos por esse mundo além. Noto na sua conversa que visiona e sonha num porvir rissonho comigo, mas desde já te posso dizer que jamais se realizará.

As criadas, apesar de as tratar bem, ainda me olham com uma certa desconfiança. Não sei o que entre si pensam, mas adivinho que me tomam por um aventureiro por quem a sua patroa está apaixonada. Estimam-me por verem a estima em que a patroa me tem e estou certo de que fariam os maiores sacrifícios para me agradarem. Eu, então, continuo a desconfiar de todas, inclusive das amigas íntimas de Helena.

Quando chegámos de Assunção, a casa encheu-se de famílias amigas e vizinhas. Diz Helena que foi mais por curiosidade de me ver, de saber quem eu era, do que por amizade. Ela também desconfia da sinceridade das suas patrícias e pede-me encarecidamente

que não me relacione com elas. Será com medo de que eu me apaixone por alguma? Diz-me que nas paraguaias existe, como em toda a parte, também a inveja. Não podem ver com bons olhos a felicidade de uma compatriota.

Com certeza, supõe ela, devem ter censurado o seu proceder, mas, se pudessem fazer com que eu a trocasse por uma delas, imediatamente tomariam o seu indefinido lugar. Helena ainda não teve o mais pequeno gesto de desgosto ou enfado. Sempre de uma amabilidade incomparável para comigo. O entusiasmo do primeiro encontro continua, sem uma queixa, uma só contrariedade. Manifeste eu o desejo de qualquer coisa, por mais difícil que seja, que ela faz o possível para me satisfazer.

Acabam de vir visitar-me quatro cavalheiros, dois ingleses, um argentino e um uruguaio, a convidar-me para fazer parte de uma comissão de estrangeiros, a fim de organizar as festas que devemos oferecer ao hospitaleiro povo paraguaio, no dia 15 de Maio, aniversário da sua independência do jugo espanhol. O governo realiza festas oficiais, que constam, sobretudo, de uma conferência por um vulto político, no salão da escola primária da localidade, e um baile oferecido às famílias gradadas da terra e aos estrangeiros. Estes oferecem as festas populares. Sabendo que eu era europeu e que ia demorar meses ou talvez



PARAGUAI — MULHERES DO POVO, VENDEDEIRAS DE MANDIOCA, LARANJAS, TABACO ;
E OUTRAS, COM SEUS TÍPICOS TRAJOS.

anos em Sapucaí, convidaram-me a assistir a uma reunião amanhã para troca de ideias e impressões.

A boa Helena ficou radiante pela prova de consideração pela sua pessoa e por mim.

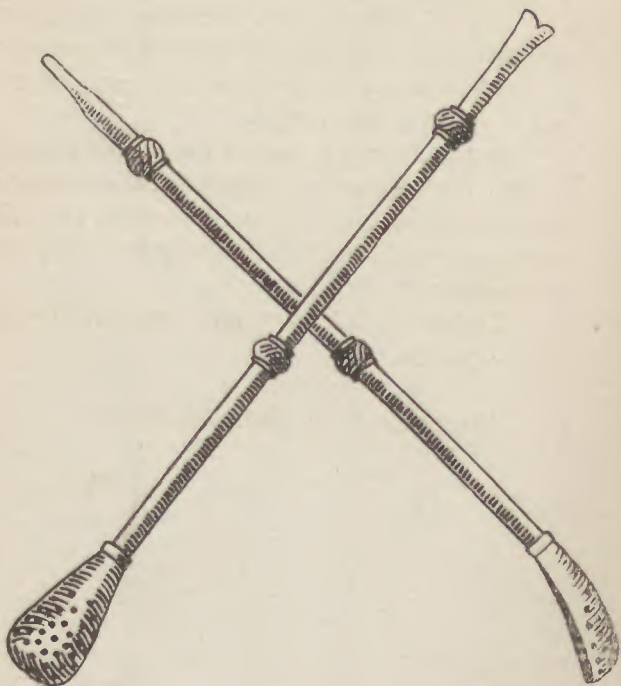
Na próxima te descreverei o que se passou. Esta já vai longa.

Segue hoje um postal para que analyses o tipo da mulher paraguaia. São vendedeiras de laranjas, mandioca, charutos, etc. Em algumas encontrarás bem vincado o traço do índio-guarani.

Escreve e crê na minha ansiedade pelas tuas notícias.

Abraça-te o teu dedicado amigo,

MÁRIO.



BOMBILHAS

Tubos de prata, ou de ouro, tendo numa ponta a forma de concha furada, que se usa na América do Sul, para aspirar o chá mate.

Sapucaí, Maio de 1916.

Meu prezado e querido Amigo:

A tua ansiada carta trouxe-me imensas saudades; fez reviver a nostalgia dos momentos vividos na companhia de meu irmão Alberto e na tua, nessa grande e culta cidade, Buenos Aires.

A D.^a Helena, sempre amável e carinhosa, faz inauditos esforços para suavizar a minha estadia aqui, a fim de que eu esqueça o passado e só pense no presente, que, diz ela, não pode ser mais risonho e feliz. Como já te disse nas outras missivas, isto por aqui é belo, encantador, como natureza e clima, mas não para mim, para o meu génio irrequieto e activo. Esplêndido, para seres gastos, cansados, ou doentes, sem esperanças. Só agora compreendo porque a boa Helena, mulher viva e viajada, me escolheu para seu hóspede. Compreendes que no sossego, na monotonia do paraíso, a Eva não pode viver só; necessitou de passar o tempo com um companheiro, que entre afagos e carinhos assistisse aos seus trabalhos domésticos. Assim decorre a minha

vida, contemplando a mulher, que me agasalha sem preocupações sociais, e lendo constantemente, sem trégua nem descanso. Tudo o que de instrutivo de científico existe na biblioteca de Helena vai ser pouco para mim. O livro onde ela mais lê é no da minha pessoa. Perguntas e mais perguntas sobre o meu país, os seus costumes, o seu bom clima e os costumes dos países que percorri. Ela conhece o Rio de Janeiro e Lisboa, de passagem para Inglaterra e Paris. Raro é o dia em que não recordamos as cidades que ambos conhecemos. Todos os dias folheamos o livro da nossa existência passada. Ela conta-me o que viu nas suas viagens com uma minuciosidade que encanta, e eu igualmente lhe descrevo as minhas poucas aventuras, que ela muito gosta de ouvir.

Prometi na minha última carta contar-te o que a comissão de estrangeiros, aqui residentes, fez no dia 15 deste mês, data da independência do Paraguai, para ser agradável a este povo hospitaleiro e bom. Pelos elogios que recebemos das autoridades locais, vimos que o governo e o povo ficaram satisfeitos.

Principiou o dia por uma mlssa campal concorridíssima. Nunca julguei que de todas as matas que circundam a povoação saísse tanto povo, a pé uns, em uma variedade de carros puxados por bois, cavalos e burros, outros; mas a maioria montada em cavalos e em bois já adestrados, com uma argola

cravada nas narinas, da qual saíam duas cordas, a servir de rédeas. Veio da Assunção uma banda de música, contratada para tocar no arraial e à noite, num baile popular que oferecemos. Mandámos construir para isso um grande local coberto de colmo, onde o pé descalço dançou à vontade. O governo, além de uma conferência na Escola, ofereceu também um baile às famílias gradas da terra e aos estrangeiros, aqui residentes, alguns ingleses, espanhóis, argentinos e uruguaios. Português, só eu. Nos botequins, expressa e ligeiramente construídos para a festa, era grandiosa a concorrência. Havia num dos maiores um conjunto de harpas, que tocava lunduns, rumbas e outras músicas de dança e executava canções características deste povo ingénuo e quãse inculto. Tristes, dolentes, ao som de cujas músicas muitos pares dançavam. Também organizámos uma corrida de sortija (1), que descrevo da forma seguinte:

Em uma estrada com bastante largura e comprimento, a uns duzentos metros de distância, se collocaram dois cavalheiros de cada vez, montados nos seus recados (2), sobre cavalos matungos (3), criados na espessa selva,

(1) *Anel.*

(2) *Espécie de albardas.*

(3) *Velhos, quase inutilizados.*

que ajudam os donos na faina da terra, mas que ali vieram fazer figura — largando numa carreira vertiginosa um sinal dado por um juiz ad hoc nomeado. Sob um arco enfeitado com papeis de cores, de mistura com plantas verdes, há dois fios pendurados, tendo cada um atado na ponta um anel de ouro (a sortija).

O cavaleiro, com um ferro fino encabado em um pau — para não se maguar e ser mais fácil e seguro — nessa vertiginosa carreira, trata de enfiar o ferro no anel e avança com ele até o fim da pista, ficando daí a pertencer-lhe como prémio.

Embora este jogo, à primeira vista, pareça fácil, não o é. Este divertimento atrai imensa gente. Vêm dezenas e dezenas de cavaleiros tentar, experimentar a sorte. Cada corrida levanta toneladas de pó, que se espalha pelos espectadores. A indumentária de cada corredor é a do homem da selva, pobre, simples, modesta. Uma calça de tecido similar ao cotim; camisa sem colete e sem casaco, chapéu de palha ou de couro, com presilha atada sob o queixo; e o maior número, a pé descalço, com o dedo anular metido numa argola, a fazer de estribo; prova arrojada em que demonstram uma coragem, uma valentia, sem igual.

Outro divertimento é o da moeda no fundo da sertã, que deve ser tirada com a boca, tendo o candidato ao prémio as mãos atadas atrás das costas. É um caso difícil,

mas de gargalhada, saindo as mais das vezes o candidato com a cara ensurrascada sem ter conseguido o seu fim. Também interessante e fonte de riso é o cântaro de barro cheio de água, pendurado numa corda, e que o candidato — julgando ter dentro um prémio — tem de o ir quebrar de olhos vendados, com um pau na mão, resultando a pessoa tomar um banho de surpresa.

Os últimos números foram: o baile oficial e o popular, até à madrugada do dia seguinte.

Foram três dinâmicos dias para toda a povoação de Sapucaí.

No baile, que foi imponente, a Helena esteve à altura das circunstâncias. Divinal, formosíssima, com a sua toilette de seda ramada, vistosa e alegre. A maioria das famílias falavam com ela um pouco retraídas. Não sabiam quem eu era e tinham receio. Se não a censuravam directamente, era por falta de coragem porque vontade não lhes faltava. A amável Helena compreendeu isso e procurou dentre todas a mais linguareira para lhe contar quem eu era.

Apresentou-me como um primo afastado do seu marido como se segue. A avó do meu marido, após a guerra do Paraguai, disse ela, casou com um brasileiro, que a levou para o Rio de Janeiro. Portanto, sendo primo do meu marido, este senhor é meu primo

também. Em Buenos Aires, sendo ele aconselhado pelo médico a vir para o Paraguai e sabendo que tinha aqui parentes, procurou-os. Em Assunção, no hotel onde se hospedou, perguntou pelo meu marido, que não sabia que tinha falecido e a casualidade fez com que eu me encontrasse hospedada no mesmo hotel e, se havia de ir para casa estranha convidei-o a vir para a minha e receber os bons ares de Sapucaí.

Convenceria Helena as amigas com a história que lhes contou? Não sei. Algumas depois desta palestra, tornaram-se mais assíduas nas visitas e assim a nossa vida continua. Está visto que este mundo é de quem sabe nele viver e a simpática Helena é uma paraguaia esperta, inteligente.

Noto no paraguaio muita humildade, carácter bondoso e muito confiado naquele que o trata de igual para igual, sem que por isso ele abuse da confiança que se lhe dá. Também aí daquele que o rebaixe ou maltrate; ele não esquece e espera a oportunidade para lhe mostrar o seu desgosto ou rancor. Tanto o homem como a mulher possuem os dois extremos mais fortes dos sentimentos humanos; amam com paixão louca ou odeiam com uma ferocidade inaudita.

A Helena possui o exagerado sentimento amoroso, desfaz-se em atenções e carinhos e estou com receio de que esse amor se torne vingativo por eu não estar disposto a ace-

*der ao que ela almeja. Vai ser triste o final
deste delicioso viver.*

*Esta já vai muito longa e põe ponto fi-
nal, enviando-te abraços sinceros,*

o teu amigo,

MÁRIO.



PAVA

É a chaleira que em qualquer localidade do Paraguai, Brasil e Argentina usam para ferver água, destinada à infusão do chá mate.

Sapucaí, Junho de 1916.

Meu sempre Amigo :

Não recebi carta tua no mês que findou. Seria falta de saúde? Isso é a minha maior preocupação.

Continuo a maçar-te com as notícias da minha vida, da minha existência, neste «dolce far niente» paraguaio.

A D.^a Helena já tem ciúmes de ti. Diz que não deve ser um amigo, mas sim uma amiga, que deixei aí em Buenos Aires, e que o teu nome é uma simulação para despistar. Jamais viu, diz ela, tão grande dedicação, tão intensa correspondência entre amigos.

Noto nela uma ânsia, uma curiosidade grande de saber o que te digo, o que te escrevo, e só não pergunta com medo de que eu me desgoste. Ela para mim continua como no primeiro momento, sempre afectuosa e meiga. Tenho a grata satisfação de te dizer que eu com o tempo fui conquistando certas agradáveis relações. Entre estas, duas pessoas se destacam, Cristina e Regina, com as suas respectivas famílias, as quais não

são viajadas, mal conhecem a capital do seu país, mas, no entanto, vestem pelo mais moderno figurino e são de uma encantadora e perfeita plástica. Raro é o dia em que não tomamos o chá mate, como qualquer fleugmático inglês, às cinco da tarde, nas suas respectivas casas, ou elas vêm aqui a casa da D.^a Helena.

No fim do mês passado recebi um convite de uma senhora, D.^a Isabel, inglesa, proprietária do único hotel de Sapucaí, para uma excursão ao alto da serra, a uma propriedade sua.

Descrever a alegria, a camaradagem que reinou, o encanto da paisagem existente em todo o percurso do caminho, é para mim tarefa difícil porque a minha pena é modesta de mais para o fazer. Oásis, paraíso, todos os qualificativos que possa empregar, são poucos, ficam muito aquém do quadro excelso que a selva do Paraguai apresenta ao que nela penetra. Não está virgem e compacta, como na maior parte da do Amazonas. Esta tem, entre altos e baixos, arroios, regatos, clareiras encantadoras, cercadas por árvores de todos os tamanhos e feitios, rodeadas por plantas miudas, de um verde matizado de outras cores de maravilha. O seu óptimo clima desperta aos que pela primeira vez a vêem o desejo de ali estabelecerem uma baraca de campanha, ter a toilette de Adão, e jamais voltar ao civilizado e pícaro mundo.



PARAGUAI — UM CANTINHO DA SUA EXUBERANTE FLORESTA.

Se bem que não esteja, como já disse, a mata virgem, sente-se, no entanto, aquele perfume de pureza que a terra expele e faz com que invada o nosso organismo e nos excite a sonhar coisas sobrenaturais, até inconcebíveis para o conforto, para a comodidade do nosso corpo e da nossa alma. Não pude furtar-me ao pensamento que me surgiu naquele passeio que era viver ali, numa daquelas clareiras, na companhia das três, hoje amigas, Helena, Cristina e Regina. Formar um pequeno harém, sem ligações ou preocupações com o mundo exterior. Viver dos frutos selvagens, criar umas cabras para dar leite, para o alimento matinal, e ali esperar a velhice e da velhice a morte.

A excursão foi a cavalo; senhoras e cavalheiros cada qual em seu bucéfalo que conseguimos emprestados na povoação. A mim tocou-me uma mula; tão habituada àquela viagem, conhecia tão bem o caminho que montei na albarda, preendi as rédeas à mesma e deixei-a caminhar à vontade. Só lhe dizia que andasse depressa, quando via que ela não se importava com o caminhar dos colegas e ficava para trás. As três, minha hospedeira e as amigas, sentadas nas respectivas albardas, iam mostrando-me com exclamações de regozijo, com natural espírito patriótico, o que de encantador tinha aquela sua boa terra, na aparência pobre e atrasada, no entanto de solo fértil.

Eram dez horas da manhã quando a cavalgada chegou ao fim da viagem, à fazenda de D.^a Isabel. As criadas, que levavam as viandas do hotel, trataram de pôr em ordem tudo e principiaram a fazer o fogo necessário para cozinhar ao ar livre aquilo que levavam com esse fim. Éramos umas vinte pessoas que corremos a propriedade a pé, colhemos laranjas, melancias e outros frutos para sobremesa e ao meio dia em ponto, sob um alpendre de colmo, respirando oxigénio puro, sentindo aquele característico odor da terra bendita que produz tudo que queremos para nos sustentar, almoçámos em um ambiente de boa alegria e boa disposição. Após o almoço, apareceram dois tocadores de harpa que transformaram a tarde em um baile de rumbas e sambas corridos. Havia o propósito de ir visitar outras propriedades de gado, que diziam ficar pertinho, a cinco quilómetros de distância umas das outras, mas a música e a dança tomou-nos o tempo desse dia e uma grande parte da noite, embora o frio pela madrugada já se sentisse bem. Só no dia seguinte à tarde regressamos a Sapucaí. Avalia tu a noite que teríamos passado, tendo por tecto o firmamento e como única luz um esplêndido luar.

No regresso, — pobre de mim! — succedeu-me um percalço inesperado, embora sem consequências trágicas. No declive da serra, escarrampachado como um Sancho Pança



PARAGUAI — JERICADA COM MULHERES DO POVO EM SEUS TRAJOS TÍPICOS

na minha mula, ao descer ao povoado, por arte diabólica, a albarda foi parar à barriga e eu saí pela cabeça do animal. Sofri a queda maior da minha vida. A mula parou.

Fui de costas em cheio contra o pedregulho do caminho, e a pancada foi de tal ordem que fiquei uns dez minutos sem poder articular uma palavra.

Calcula o susto de D.^a Helena e das respectivas amigas e o borborinho havido nesse instante. Quando pude explicar que não sentia nada, foi um alívio para todos, mas especialmente para D.^a Helena, que foi dum carinho excessivo, de uma meiguice única. Oito dias depois, estava eu forte e rijo, pronto para outro passeio.

Raro é o dia em que não se fale na excursão e no caso da queda. Por hoje chega de maçada para ti. Desculpa, mas tenho uma satisfação, e grande, em contar-te a minha vida, o meu viver em esta pitoresca povoação, Sapucaí. Mando-te um postal de mulheres paraguaias nos seus típicos vestidos em uma jericada.

Abraça-te com fraternal carinho,

teu amigo,

MÁRIO.



Sapucaí, Junho de 1916.

Meu sempre Amigo :

Continuo aguardando com ansiedade as tuas notícias. Não me sinto desgostoso por isso, mas sim preocupado que seja a causa a falta de saúde. Não escreves pelos teus muitos afazeres? Logo que puderes, para meu sossego, escreve duas linhas. Esta, como vês, é a segunda que te escrevo este mês.

O meu viver na companhia de D.^a Helena continua na mesma como no primeiro momento. Ela, sempre gentil com o hóspede. Quando lhe falo no pagamento de hospedagem, ofende-se. Vou mandar vir de Buenos Aires qualquer objecto útil para a presentear. Parece que ela fazia um cálculo e que esse cálculo lhe saí errado, porque por mais que espere o que deseja, ainda que esteja como hóspede por mais de dez meses, esse desejo não se realizará. Não saio aos meus irmãos que todos os anos dão à Pátria-adoptiva futuros heróis.

Estou depois do dia 15 de Maio, data das festas paraguaias e da excursão à fazenda de D.^a Isabel, mais relacionado com pessoas que se dizem amigas e, entre estas,

alguns engenheiros do Caminho de Ferro que vivem aqui com as suas respectivas famílias.

Vai-se sentindo a atmosfera mais fria, já não dormimos nas varandas, ao ar livre, mas é ainda suportável o clima, porque é muito seco, não se conhece aqui nevoeiro, não se expectora, não há exemplo disso. Estou dia a dia a aumentar de peso.

Dos amigos, principalmente os ingleses, quando lhes falta Whuisk atiram-se à guaripola, única bebida genuína paraguaia que eu não posso tragar. Já tenho experimentado para me tornar agradável aos nacionais, mas tem-me dado mau resultado. Conheço que não ficam satisfeitos e tomam como ofensa não aceitar a oferta dizendo que não quero confraternizar com eles. Recuso beber porque o meu organismo não aceita bem o alcool e com isso fica contentíssima a D.^a Helena.

Vou contar-te um caso passado num destes dias, ou melhor, numa destas noites, o que muito me impressionou. Fui no sábado, dar um passeio na companhia de um argentino, director de uma companhia de seguros estabelecida em Assunção e que por motivo de saúde de uma pessoa de família veio viver para aqui. A noite estava fresca, sem vento agreste, duma frescura suave. Como única luz, pois não há candieiros, tínhamos a de um límpido e esplêndido luar.

Como em quase todas as pequenas povoações do interior, as ruas são apenas traça-

das, nenhuma acabadas, o leito é barro e erva. Os estabelecimentos têm de tudo: farmácia, fazendas de seda, mercearia, ferragens e ainda o tasco que apenas fecha quando não haja um cliente.

A certa altura do passeio encontrámos um baile de gente de pé descalço, em um amplo barracão, onde se bebia, se tocava e se dançava. Corria em abundância a guaripola e a cerveja, importada de Assunção ou de Buenos Aires.

Por curiosidade minha, pois tinha empenho em conhecer a etnografia paraguaia, entrámos e vimos que entre o elemento feminino, havia algumas carinhas interessantes, em corpos bem feitos e muito novos. Vestidos de chita florida, berrante, e a maioria com o característico lençol branco pela cabeça, pescoço e ombros.

Cinco minutos após a nossa entrada, apareceu um homem espadaúdo e forte, de botas grossas, de cano alto, de revólver no cinto e rebenque, com cabo de prata. Sem cerimónia alguma este indivíduo deu um tremendo rebenção a um simpático rapagão, forte, que no balcão pedia um copo de guaripola. Depois disto feito, ordenou a dois homens descalços e armados que a certa distância o acompanhavam que o prendessem e o levassem para o calaboiço e o amarrassem ao tronco. Admirado eu com a facilidade com que um semelhante batia noutro, embora com

poderes para isso talvez, não me pude conter e disse ao meu companheiro em voz alta para que o autoritário indivíduo me ouvisse: — Aqui bate-se na gente com uma facilidade inaudita. O cidadão logo compreendeu a indirecta e, virando-se para mim, explicou: Este é um individuo que tem no seu cadastro muitas mortes; principiava a beber, não pagava, depois armava barulho, cujo resultado seria irem dois ou três—se não fossem mais—para o cemitério. Fiquei, não quero dizer com os cabelos ao alto, mas suficientemente satisfeito com a explicação. Agrade-ci, e fui-me retirando, deixando o baile, a que chamavam del Peine ⁽¹⁾. Quando eu saí estava o baile no seu apogeu e num grande entusiasmo, dançando todos ao som de quatro minúsculas harpas. Os músicos, além de tocarem, cantavam umas canções dolentes, entre rumbas e lunduns e nessas canções contavam a história de um militar que foi à guerra, deixando no lar a sua companheira e dois filhos, pedaços da sua alma, e quando voltou radiante por os ir abraçar e ver esses entes queridos, soube que a sua companheira, depois de matar os rebentos do seu maior amor, fugiu com outro para paragem incerta.

O sentimento que dão ao canto é tal que comove o mais duro coração dos que des-

(1) Do pente.

conhecem aquela triste toada. O meu companheiro, por temperamento ou por estar já habituado a estas coisas, não se impressionou. Eu, confesso, não me sai da memória o rebenção e essas canções, fúnebres, dolentes. Retirei-me sucumbido. Depois de ter contado o meu estado de alma a D.^a Helena, deitei-me e, com dificuldade, dormi. No dia seguinte, ao romper d'alba, ouvimos ao longe berros, gritos plangentes. O que será, perguntei. Alguém me explicou:— Mataram esta noite com um tiro o chefe político local. O choro é das carpideiras, aludadas pela viúva.

Como isso de carpideiras também para mim era um caso novo, fui observar de perto a macabra gritaria e ver o cadáver do assassinado e reconheci nele o homem, representante da autoridade, que no baile del Peine, tinha dado a chibatada no que ele dizia ser um bandido.

— O criminoso foi preso?— perguntei.

— Qual? responderam-me. Meteu-se na selva, vai agora a caminho do Brasil ou do Chaco argentino e ninguém mais o apanha.

Isto devia servir de lição — disse comigo mesmo — para muitos que abusam das prerrogativas que a lei lhes concede. Se o homem era um bandido e tinha contas na polícia, não era motivo para em público o humilhar e à queima roupa o espancar. Ordenava a prisão, segurava-o bem e depois a justiça,

de acordo com a lei, lhe aplicaria o castigo merecido. Resultado dessa violência ? O bandido fugiu da prisão e o seu primeiro cuidado foi vingar-se da afronta recebida, diante de toda aquela gente. Foi mais um que mandou para o outro mundo e talvez não mandasse se não fosse provocado.

Meu bom amigo, esta vai levando o caminho da última que te enviei, por isso me despeço até à próxima. Podes ter a certeza de que eu estou macunadamente ⁽¹⁾ bem de saude.

Até à próxima,

abraça-te com sinceridade,

MÁRIO

⁽¹⁾ Esplendidamente.

Sapucaí, Julho de 1916.

Amigo :

Saudações.

Esta é a sexta que te escrevo, a contar-te a minha vida e as minhas impressões deste cantinho do mundo.

Tem paciência e vai aturando o desabafo do meu coração amigo, que só deseja e anseia a tua saúde, o teu bem estar e as tuas notícias.

Acabamos de regressar de Assunção, onde fomos, D.^a Helena e eu, passar oito dias. Hospedámo-nos no hotel Espanha, onde tivemos o primeiro e feliz encontro, onde travámos o nosso mútuo conhecimento.

Vivemos ali dentro da mais estrita moralidade, cada qual em seu quarto separado, como pessoas que mutuamente se respeitam.

Não te vou dizer ou pintar as belezas da capital do Paraguai, porque já na primeira carta que deste país te dirigi, pintei em leves traços a minha sincera impressão a esse respeito e, desde essa data até hoje, em nada a cidade mudou. O que senti foi menos frio, mas mais humidade do que em Sapucaí.

Dando ali um passeio pelo cais do porto, encontrámos atracado um só vapor; o « Murtinho », de nacionalidade brasileira. Entrando à fala com um dos tripulantes, soube que o comandante era um meu conhecido e amigo, José Coimbra. Ao apresentar-me, o espanto do amigo foi grande, julgando estar a sonhar, pois o que menos esperava era encontrar-me no Paraguai. Foi um momento de regozijo para nós, conhecidos velhos.

Apresentei-lhe D.^a Helena e ambos fomos cumulados de atenções e gentilezas. Convidou-nos para no dia seguinte irmos almoçar com ele e com a restante officialidade, a quem fomos apresentados também.

O barco ainda demoraria ali uns dias a carregar e a descarregar, após isso seguiria para Curumbá — Mato Grosso.

Exigiu que eu indicasse a ementa para o almoço. Recusei. Mas depois de muita insistência e de muita recusa, optei por lembrar uma feijoada completa à brasileira; quer dizer, que além do insubstituível feijão preto — pois já para isso é feijoada — a carne seca, orelheira e chispes de porco e para misturar com feijão, a necessária e sempre agradável, farinha Suruhi, mais conhecida por farinha de pau. Prèviamente, e como é de uso no Brasil, uma abrideira ⁽¹⁾, que é um calicezinho de guaripola, irmã gêmea da

(1) Para abrir o apetite.

cachaça, do Parati brasileiro. No final da refeição, que foi variada, abundante e demorada, outro calicezinho da guaripola para ajudar a digestão.

Não podes calcular a minha satisfação de falar à vontade o idioma da nossa querida Pátria. Desenferrugiei a língua, pedindo desculpa, já se vê, a D.^a Helena, de assim proceder, o que ela, sempre gentil e boazinha, achou natural.

Quando no fim do dia, muito gratos nos despedimos, já ela arrastava — certamente para me ser agradável — algumas frases na formosa língua de Camões.

Ficou radiante e contentíssima com a sinceridade, com a franqueza alegre dos brasileiros e, de instante a instante, me fala no saboreado almoço, recordando com saudade daquele momento, um detalhe, uma ou outra palavra que ao seu ouvido se tornou simpática. Pede-me com uma certa insistência e com grande interesse que eu lhe ensine a falar o português. Não recuso e pouco a pouco vai ela gravando na memória as palavras mais correntes, as frases mais íntimas, mais doces, do nosso vocabulário.

O frio está no seu máximo rigor.

Os ponchos ⁽¹⁾ são tão úteis como qualquer sobretudo. Botas altas, esporas, cha-

⁽¹⁾ Espécie de manta de lã aberta ao centro, que se enfia pela cabeça.

péu de aba larga e um rebenque na mão, seguro por uma correinha ou corrente de metal ao pulso, constituem a indumentária comum. Quando se monta, o poncho cobre o cavaleiro e o cavalo, guarda-nos do frio e da chuva. Estamos com dois graus negativos e não se vê ou ouve por esta redondeza uma pessoa tossir ou expectorar. A atmosfera é seca e muito saudável. É a Suíssa americana. É pena que o governo paraguaio não faça a propaganda devida de que o seu belo clima é merecedor. Estou certo de que seria grande a afluência aqui de gente de toda a América do Sul a tratar ou fortalecer os seus pulmões.

O leite, pelo clima e pelos pastos, é esplêndido; a mandioca, um bom alimento. A carne, boa e barata. As laranjas, uma especialidade. Calcula tu que bem a população vive. O povo, em geral, ou seja o indígena, vive do seu principal alimento, a mandioca, que ele mesmo planta, colhe e come, misturada com o maiz ⁽¹⁾ cozido, regado com um bom copo de leite. Com este alimento são capazes de fazer frente ao mais aguerrido exército do mundo.

Dirão alguns escritores díscolos que este povo que vive no mato, como bichos, é atrasado, mas são injustas essas críticas, porque

(1) Milho.

dentro da sua modéstia, é um povo feliz, valente quando prevê o perigo; e disso deu provas na guerra de 1865 a 1870 contra o Brasil, Argentina e Uruguai e continuam a manter o heroísmo das duas raças cruzadas, a espanhola com guarani. A mulher paraguaia é religiosa até ao fanatismo, mas, como contraste, muito crente também em feitiços e bruxedos. Sábia em medicina herva-nária e exímia como fabricante de charutos; a maioria deles feitos com tabaco plantado e colhido por ela. O pé descalço é comum, não só nas mulheres do povo; as remediadas ou as de elevada posição não andam assim na rua, é certo, mas em casa, quem as visitar de surpresa, encontrá-las-á de pé nu e chinela que calçaram naquele momento para receberem a visita. Digam o que quiserem, é erro julgar atraso uma linda mulher de pé nu. Qual é o homem que, na plenitude da sua vida e vitalidade, olhando a mulher como uma boa fêmea, não gosta desta simplicidade, desta frescura, dum pé nu delicado, de tornozelo fino, e limpo, calçado numa chinelinha modesta e elegante e então com um vaporoso vestido de percal, de ramagens, rescendendo a violetas, rosas e jasmims e não fica estonteado, excitado, louco? No Paraguai há disto. A Helena é assim, principalmente quando se dedica aos trabalhos domésticos; é quando a vejo mais encantadora, mais sedutora.

Se o tempo o permitir, vamos para a semana próxima visitar a cidade Encarnação, onde termina a linha férrea do Paraguai e liga, pelo Ferry-boat, com a costa argentina, pelo rio Uruguai, assim como outras cidades que não conheço. Mando-te um postal da principal rua da capital Assunção embora o piso deixe muito a desejar.

Sem mais, por hoje; e já é muito. Um abraço do teu amigo,

MÁRIO



ENCARNAÇÃO — PARAGUAI: CIDADE FRONTEIRIÇA ONDE LIGA O FERRO CARRIL INTERNACIONAL
ASSUNÇÃO — BUENOS AIRES.

Sapucaí, Agosto de 1916.

Dedicado Amigo :

De uma passou a duas cartas por mês. Deves já supor que, se assim procedo, é porque o tempo sobra e porque sinto também uma distracção e satisfação grande quando te escrevo.

Sei que te interessas, como eu, por conhecer a actividade dos povos, e por isso esta carta é toda a respeito da origem deste país. Entendo que um indivíduo que entra numa família, numa povoação, ou num país onde pensa viver longo tempo, ou até morrer nele, deve, antes de tudo, conhecer os seus usos e costumes, saber os antecedentes da família da povoação ou Nação, o que vem a ser a sua História. Todos sabem que os países da América não têm a movimentada história das Nações da Europa, com muitos séculos de existência. São países novos, pode dizer-se descendentes daqueles, portanto, modernos. Mas, ainda que curta, a sua história é de utilidade dá-la a conhecer.

Aproveitei o ensejo de ter à minha disposição a biblioteca de Helena, que por sinal

é bem completa, e na qual, rebuscando bem, encontrei um documento inédito e bem extenso, que me diz da fundação da cidade de Assunção, Capital do Paraguai. Dele extraí um resumo que te mando, traduzido para a nossa preciosa língua de Camões.

Antes, creio meu dever fazer um pouco de história do que julgo se deve ter passado após a descoberta do Brasil, pelo nosso heróico navegador, Pedro Álvares Cabral.

Depois do navegante português, em 1500, ter aportado a Porto Seguro — Baía, Brasil — e de se ter alongado até à Banda Oriental, onde um marinheiro disse: — Capitão, monte-vi-eu! — e hoje é Montevideu — os espanhóis lançaram-se, sob o comando de D. Pedro de Mendonça, pelas mesmas águas dos portugueses às descobertas também. Passaram por estes e entraram no rio a que deram o nome de prata, mas que, sendo as águas barrentas, quase amarelas, devia chamar-se de oiro. Aportaram a um sítio que lhes pareceu a propósito para um desembarque e, ali, em nome do Rei de Castela, fundaram a Capital de um novo país. Fundeadas as naus, Pedro de Mendonça e os seus capitães, mandaram cortar árvores onde as havia e com elas fizeram uma fortaleza — de paus a pique — ampla, onde toda a tripulação coubesse, com armas e bagagem. Isto pelo ano de 1535. Todos gostaram do sítio escolhido pela amenidade do clima e só

diziam com admiração :— Que buenos ayres! Que buenos ayres! — ficando, por isso, a povoação a chamar-se Buenos Aires.

Os índios daquela região, chamados charruas, espantados, assistiam a todo aquele movimento com certa indiferença, mas reuniram-se e, mais tarde, deram que fazer aos intrusos, havendo lutas cruentas. Em 1537, sendo o número de índios muito superior à força espanhola, tiveram estes de abandonar o sítio temporariamente, até vir mais força de Espanha, comandada pelo capitão D. Juan Garay, verdadeiro fundador da hoje Capital da Argentina sendo assassinado pelos índios.

Os capitães e marinheiros de D. Pedro de Mendonça subiram com as naus pelo rio hoje chamado Paraná, comandados pelo capitão Domingos de Irala, até o sítio onde hoje está a cidade de Assunção, Capital do Paraguai. Muitos marinheiros pediram ao seu capitão licença para desembarcar nas margens do Paraná e ir por terra desbravando matas, atrás de minas de ouro. Ficou varrido o solo do porto de Buenos Aires, mas fundaram outra povoação, a de N. Senhora da Assunção, em 1536, da mesma forma que fizera D. Pedro de Mendonça, mandando cortar árvores, que havia em abundância, e fazer uma fortaleza e uma grande casa de madeira. Em 1541, já com uma igreja, elevaram a povoação à categoria de cidade.

No documento que encontrei e que segue traduzido no idioma português, se pode apreciar como se realizou.

*

Até meados de Setembro de 1541, os documentos oficiais e privados denominaram com o título de porto a povoação formada em torno de uma casa forte de madeira, erigida pelos descobridores em Agosto de mil quinhentos e trinta e sete, sob a devoção de Nossa Senhora da Assunção, pelo capitão João de Salazar, com o acordo do tenente Governador, Domingos de Irala. Mas, desde Setembro de 1541 em diante, a Assunção aparece designada como cidade. A transformação da pequena povoação de Nossa Senhora da Assunção em cidade foi efeito natural do crescimento urbano, originado pela despovoação de Buenos Aires, ou teve a sua origem em alguma formalidade jurídica até agora desconhecida por todos os historiadores.

Até àquela época tinham vivido os espanhóis da capitulação de D. Pedro de Mendoza em Buenos Aires, sob o signo da espada. Os lugares por eles escolhidos eram simples acampamentos fortificados, para resguardo de armas, víveres e das naves, contra a ameaça dos indígenas. Obcecados os espanhóis, como estavam, pela quimera do

ouro nada tinham feito para criar fundas raízes nas terras conquistadas. « São Gabriel », « Buenos Aires », « Corpus Cristi », « Boa Esperança » e outras tantas povoações desbravadas com a ansiedade e interesse no ouro não eram mais que ruínas calcinadas, ou parâmos olvidados. Sòmente Nossa Senhora da Assunção pôde resistir em pé. Em nenhuma parte os espanhóis tinham encontrado um concerto tão feliz de circunstâncias como ali. Um bom porto para os navios ; índios amigos que eram tão valentes guerreiros como formidáveis agricultores ; terra pródiga, de incrível exuberância ; um grande rio, manso e cordeal, que os levava até ao mar e os aproximava das serras da margem do rio da Prata.

Tal era o porto escolhido por Yrala para reunir os minguados restos da brilhante armada de Mendonça que o destino pôs sob o seu senhorio absoluto. Quando nesse lugar foi levantada a casa forte, quatro anos antes — 1537 — não havia o propósito de apartar-se das regras estabelecidas para as novas povoações das índias e de acordo com as ordenanças que a este respeito foram decretadas em 1526. A casa forte e a Igreja, que ao seu lado se edificou, davam o seu particular relevo ao conjunto de casario de barro e palha, que pouco a pouco se foi formando em seu derredor. A povoação obedecia a um capitão alcaide de fortaleza, não dependia

directamente do tenente governador. Submetida ao regimen militar, este nem direito tinha a intervir na sua direcção. Não era uma cidade, porque nem as ordenanças de Espanha de 1526 nem a capitulação de Mendonça autorizavam a fundá-la. Não era senão uma fortaleza, porém, Yrala se propôs convertê-la em cidade.

Em 16 de Setembro de 1541, se levou a efeito o transcendental acto da transformação política e jurídica do porto de Nossa Senhora da Assunção. Para fundar a cidade, só bastava fundar o cabildo (1).

O escrivão João de Valdez e Palenzuela, o mesmo que testemunhou a despovoação de Buenos Aires, se encarregou de registar documentalmentemente em uma acta — até hoje inédita — o acordo que em tal dia tomaram os Srs. Domingos Yrala, como tenente governador dessa província, e por sua majestade; assim como Garcia Venegas, tesoureiro; Alonso Cabrera, vedor; Carlos Dubrin, factor; estes três officiais para consulta e darem o seu acordo e, como é de costume, também para entenderem sobre as coisas tocantes ao serviço de Deus, Nosso Senhor, e ainda em nome de sua Majestade, para a boa administração e pacificação desta povoação e província. Ainda que nenhum tivesse usado da palavra, todos ao mesmo tempo funda-

(1) Câmara Municipal.

mentaram o acto e verificaram à evidência que a iniciativa de tudo pertencia a Yrala. O acordo dos oficiais reais não era senão por formalismos obrigados. O caso extraordinário é que um deles antes da reunião tinha proposto a despovoação e sua transferência para o norte. Seguiram-se ordenanças e leis, para boa administração e pacificação. O certo é que em nome de sua majestade, imperador Carlos V e sua mãe — pela data devia ter sido este rei — ficava fundada a cidade, desaparecendo o regime militar para dar lugar ao regime comunal. Ficou a cidade baptizada com o nome de Nossa Senhora da Assunção. O interessante do caso é que os conquistadores estavam organizados como república. Como diz o historiador, livraram-se do regime militar, desapareceu a legião de ambiciosos a transitar sem rei nem roque e sem descanso, pelos rios e selvas, em busca de um reino quimérico. Tinham a cidade atrás, como amparo e reparo, para as horas boas e horas más. Firmaram assim a capital de um grande país sobre as colinas que em suaves pregas caíam sobre o mais formoso canto da terra que puderam encontrar, em todo o curso, daquele imenso rio, ao abrigo da doce amizade dos índios guaranis gozando o amor das belas indígenas e dos saborosos frutos que o feraz solo produz. Nessa pródiga terra podiam emprender com maiores brios, com a melhor

vontade, com suprema decisão, a conquista das terras do rio da Prata.

O rio da Prata e outros rios que circundam o Paraguai foram percorridos — como acima digo — pelos espanhóis, 22 anos depois de Pedro Álvares Cabral ter descoberto o Brasil.

Julgo que para o teu temperamento investigador este resumo histórico da fundação do Paraguai te deve ser agradável.

Como na última carta prometi, breve te enviarei um resumo da guerra que manteve o ditador deste país Solano Lopez, de 1865 a 1870, contra o Brasil, Argentina e Uruguai.

Helena é uma amostra viva da beleza, da suavidade de génio da mulher guarani. É toda meiguice, toda sacrifício pela pessoa a quem ela deseja, quer e ama. Podia ser indolente, porque a calma do país influi grandemente e conduz o organismo dos seres a isso, mas, como é viajada, contagiou-se um pouco do dinamismo da mulher europeia. Isto não quer dizer que a mulher paraguaia não trabalhe. Trabalha e muito, até posso afirmar que a do povo, a par do homem, trabalha mais. O homem descansa nela e torna-se por vezes verdadeiramente indolente.

Abraça-te com carinho e espera com ansiedade tua carta o teu dedicado amigo,

MÁRIO.

Sapucaí, Setembro de 1916.

Meu dedicado Amigo :

Não podes imaginar, fazer uma pequena ideia da consolação que sinto quando me disponho a escrever-te. Com que satisfação e alegria me sento à escurinha, estendo o papel em cima da pasta de couro da Rússia, destampo o tinteiro e pego na caneta. Julgo-me nas minhas quinze primaveras, com a impaciência de quem, pela primeira vez, escreve à namorada, só com uma diferença de que para ti já sei o que vou dizer ou contar e, para a namorada, seria um problema difícil extrair do cérebro fraseado próprio para iludir e a convencer de que seria eu o homem indicado e único no mundo que a poderia fazer feliz . . . Contigo eu desabafo e espalho no papel o que verdadeiramente sinto e as coisas passadas e ouvidas nesta terra de promessa. É certo que onde chega o gozo também chega o tédio. Para curar este mal, procuro os livros e dedico-te estas cartas. Agarro-me às laudas de papel, curvo-me sobre elas e só levanto a cabeça para tomar fôlego. A Helena sabe que nestes momentos sou completamente surdo e mudo ; não res-

pondo às suas perguntas. Os livros são os meus mais fieis e dedicados companheiros. Transmitem-me as suas máguas, as suas alegrias e às vezes as suas tragédias. Contam-me a história dos países que cobrem o globo terráqueo, as guerras e revoluções. Foi deles que extraí a descrição que te enviei pelo último correio, de como o Paraguai foi descoberto e quem foram os seus primeiros povoadores. Na próxima, para satisfazer o teu desejo, enviar-te-ei o resumo da história da guerra que este país sustentou de 1865 a 1870, contra o Brasil, a Argentina e o Uruguai.

Uma novidade: estou disposto a partir para Portugal, com promessa — já se vê — de voltar.

Esta é talvez a antepenúltima que te escrevo. Não há nada inteiramente mau nem nada inteiramente bom neste mundo. Tudo cansa, até o descanso. Já vou prevenindo a Helena da minha resolução e isto traz uma catadupa de lágrimas que eu, fazendo mil promessas, procuro desfazer. Como despedida, resolvemos fazer uma excursão por terras deste país que eu ainda não conhecia, demorando dois dias em cada uma. Assim fomos a S. Bernardino, à Suíssa Americana, a Vila Rica, Encarnação, Humanitá, até à cidade Formosa, capital do Chaco argentino.

Regressámos bem dispostos e satisfeitos. Descrever as terras que visitei é tarefa monótona, porque são quase todas de pouca

importância e bem atrasadas. Ainda muito primitivas e como todas as terras dos países semi-cálidos, são belas pela sua exuberante vegetação e fertilidade em gado, trigo e milho. A cidade argentina Formosa é a terra do quebracho, madeira que se exporta em grande quantidade, para extrair o tanino que se emprega nos curtumes. Existe ali uma antiga empresa exploradora desse produto.

A Helena sugere mil projectos e um deles é vender todas as suas propriedades, os seus papeis da empresa Mate Laranjeira e outros, para seguir-me. Luto para a dissuadir de tal gesto prometendo que só vou ver a família e volto. Não crê nessa promessa e, cá para nós, entendo que o seu pensamento é acertado. Confesso que me custa muito deixá-la, porque jamais encontrarei alma mais dedicada, mais pura. O entusiasmo, o trato gentil do primeiro dia é o mesmo destes últimos, sem alteração alguma; mas eu que já provei do amargo fel da vida em comum com uma estrangeira, fujo de cair em outra. Também a primeira era meiga e jurara-me um amor tão grande que a minha morte dizia ser a sua morte; tinha ciúmes das pedras ou das tábuas que eu pisava; nos primeiros anos a nossa felicidade causava inveja a muitos. Chegou o dia dos desenganos. Ela — louca de ciúmes — começou, como muito bem sabes, a dar-me uma vida infernal. Não terei motivo para recluir?

Devo à Helena a minha saúde e a minha vida. Queria ser-lhe reconhecido e não vejo meio adequado e eficaz. Quer acompanhar-me até Montevideu, onde penso embarcar. Temo esse momento, porque tenho a certeza de que há-de ser mais trágico do que a despedida da tua Lucie. Chego a temer que se mate, se suicide por mim, pelo meu amor. São tão dedicadas as paraguaias, conheço tantos destes episódios neste Paraguai que me causa grande pavor o momento da nossa separação. Não sei o que inventar para a convencer de que a vida é assim, de altos e baixos, de gostos e desgostos, de lágrimas e sorrisos. Certamente, por compreender o inevitável, é que não me pede para desistir da viagem, mas, sim, para ir comigo, a fim de ambos estabelecermos o nosso ninho onde melhor eu entender; que o que ela tem em bens e em dinheiros depositados em Londres — coisa que eu desconhecia — e cujo juro recebe de seis em seis meses — chega para viver, não com luxo, mas bem. Outro qualquer, em meu lugar, talvez considerasse isso uma sorte grande; para mim, é tal a ânsia de ver a família, a casa paterna de onde estou ausente há longos doze anos, que contento-me com o que tenho e chega bem. Não há fortuna de mulher alguma que me seduza e, principalmente, não sendo patrícia. Será uma ilusão minha, porque também deve haver portuguesas que não serão anjos e talvez

não consiga em Portugal uma com igual dedicação e desprendimento, como a Helena, de qualquer interesse que não seja o meu amor. Vou experimentar e confio a Deus a minha sorte. Representa este postal a rua mais movimentada da Encarnação, povoação no término da linha do Caminho de Ferro Assunção-Buenos Aires, frente ao Rio Paraná.

Na próxima talvez já te diga ao certo o dia em que parto para Montevideu e, se pudesses dar ali um salto, seria para mim muito agradável, pois desejo ver-te, abraçar-te, e apresentar-te a minha dedicada hospedeira, se não a puder convencer de que não deve ir.

Até à próxima.

Teu dedicado,

MÁRIO.

Sapucai, Outubro de 1916.

Meu bom Amigo :

Escrevendo-te, sou tentado a falar-te do Paraguai, novamente.

Nos fins do século XVIII e grande parte do século XIX, pairou pelo mundo o espírito revolucionário. Principiou pela luta do povo norte-americano, pela sua independência, de 1775 a 1789. A seguir, a revolução francesa, com o seu rosário de guilhotinados. Depois as retumbantes vitórias do grande colosso de guerra, o corso, Napoleão I, na Europa e no Egito. A leitura dos épicos êxitos deste estratégico, o maior militar de todos os tempos, serviu de estímulo a muitos militares da América do Sul, como seja: San Martin, 1778-1850; Rosas, 1829-1852; Urquiza, 1853-1860; Belgrano, 1770; Bolivar, Lavalle, Osório, Caxias, 1820; Lavalejas, 1793-1830; Las Heras, e tantos outros que a história de suas respectivas pátrias regista com orgulho. Todos estes desembainharam a espada, não para subjugar outros povos, como na Europa o Corso desejava, mas pela independência

de seus respectivos países do jugo estrangeiro. Entenderam que as suas pátrias tinham chegado à sua maioridade para se governarem por si próprias dispensando protectorados e tutorias. Para isso lutaram e venceram em toda a linha os seus desejos e os povos escravizados se tornaram livres. Estes êxitos formaram também no cérebro de alguns outros, o espírito da aventura e, entre estes, figura o audacioso Francisco Solano Lopez, ditador dos paraguaios, como vou explicar nas linhas que seguem.

Enquanto este formoso e rico país, povoado por um povo pobre, era então governado pelo ditador, Carlos António Lopez, senhor de fazendas e vidas dos seus concidadãos, o filho, ainda muito jôvem, mas já com a patente de general, foi viajar, conhecer a Europa e especialmente ver a França. Demorou em Paris quando nessa época reinava Napoleão III, para quem levou carta de recomendação especial e por quem foi òptimamente recebido. Pisou o solo que pisou o guerreiro de todos os tempos, Napoleão Bonaparte, tio do então governador. Ali ouviu velhos da época do experimentado guerreiro, a narrativa de seus feitos, de suas lutas e vitórias.

Caíu tanto na simpatia de Napoleão III que este, tendo-o convidado a assistir a uma manobra militar, o encarregou, com espanto dos presentes e talvez por táctica política e

diplomática do comando das tropas; tratou-o com a maior deferência. Ofuscou-se Francisco Solano Lopez tanto com o luxo da já capital da moda, que o seu primeiro cuidado foi conseguir ali uma amante francesa que no seu país causasse a admiração e inveja das suas patrícias. Trouxe da Europa, na sua mente, a ideia de, segundo alguns escritores, tornar-se imperador das repúblicas Platinas, como sejam a Argentina, o Uruguai e até o Brasil. Para isso, sonhou e tentou casar-se com a princesa Isabel de Bragança, filha do imperador do Brasil, D. Pedro II. A tentativa falhou. Não foi bem sucedido na sua pretensão e, por isso, votou um ódio atroz ao Brasil e aos brasileiros.

Sonhou também conseguir, custasse o que custasse, uma saída para o mar, metendo-se-lhe na cabeça tomar pelas armas parte da província argentina de Corrientes, limítrofe do Paraguai e do Brasil, atravessar o rio que separa a cidade argentina, Paso-de-Los-Libres, para a cidade brasileira Uruguiana, e seguir a Santa Ana, Bagé, Pelotas até ao Rio Grande do Sul, na costa brasileira. De facto não era desacertada a sua ambição — o que não mediu foi a força das três nações, Brasil, Argentina e Uruguai, potências já de valor em comparação com o Paraguai, e teve o arrojo de declarar guerra ao primeiro destes países, ou melhor, provocou de tal forma o Brasil que este não pôde

ficar indiferente e, em 1865, foi iniciada a guerra. Tinha falecido o pai, Carlos Antônio Lopez. Tomou ele então as rédeas do governo e declarou-se ditador, sem plebiscito da nação, e, como senhor absoluto, fazia o que queria, em consultar o seu pacato povo, pois sabia que este, submisso por índole, cegamente lhe obedeceria. Foi um louco valente, rodeado de um inculto mas valente povo, porém, toda essa valentia, como vais ver, se extinguiu na ponta da lança de um soldado raso.

Principiaram os paraguaios por atacar a província brasileira de Mato Grosso, tomando a fortaleza de Coimbra, no Rio Paraguai, que titânicamente foi defendida pelo coronel Porto Carreiro, com a ajuda de brasileiros vindos de Corumbá, Dourados e Albuquerque.

O primeiro combate renhido entre tropas brasileiras e paraguaias, deu-se em Bela Vista, cabendo, dizem os historiadores, a vitória aos brasileiros. Mas a posição destes não era muito segura, devido à distância que tinham a percorrer os reforços mandados pelo governo do Rio de Janeiro. Os paraguaios estavam em melhor situação, porque ficavam perto do seu quartel general, em Assunção. Após essa batalha, apesar de os brasileiros terem sido os vitoriosos, viram-se estes obrigados, por razões de estratégia, a retirar para Laguna, sem abandonar a sua artilharia. Acossados pela fome, febres ma-

lignas e pela cavalaria paraguaia, esta retirada, através de terras encharcadas pelas chuvas, converteu-se numa calamitosa e horripilante tragédia, da qual vários escritores, pelo heroísmo de paraguaios e brasileiros, fizeram romance.

Solano Lopez, encorajado por esta triste retirada dos brasileiros, tentou invadir o Rio Grande do Sul fazendo passar as suas tropas pela Argentina. Estava na presidência desta progressiva república o insigne escritor e general Bartolomé Mitre que não permitiu que Solano Lopez passasse com os seus soldados pelo território argentino, mas este, fazendo caso omisso da proibição, mandou às suas tropas que ocupassem a província de Corrientes. Este abusivo gesto de Solano Lopez fez com que a Argentina, Uruguai e o Brasil fizessem um tratado de aliança contra o Paraguai.

Combinaram que, enquanto o exército argentino, com 2.000 homens, atacasse por terra o exército paraguaio, a esquadra brasileira, fundeada na boca do Reachuelo, bombardeasse o mesmo exército com os seus potentes canhões. Foi assim que, em 11 de Junho de 1865, se travou a primeira batalha naval, designada por do Reachuelo, sob o comando do português naturalizado, almirante Francisco Manuel Barroso, que, conhecendo a superioridade do inimigo, transmitiu a seguinte ordem:— « O Brasil espera que

cada um cumpra o seu dever! Tudo pela Pátria!» Ficou esta batalha marcada na história como titânica e heróica onde—como o glorioso D. Duarte de Almeida, que na batalha do Toro, lutou, mesmo decepado, pela bandeira portuguesa, o marinheiro Marcílio Dias, lutando em defesa da bandeira do Brasil, perdeu o braço direito, tirou a espada com a mão esquerda e combateu até cair morto. O Brasil saiu vitorioso dessa batalha e Solano Lopez contrariado com a derrota, invadiu o Rio Grande do Sul, tomando Borga, Itaqui e Uruguiana.

No Rio de Janeiro apavoram-se com tais notícias e isso deu margem a que o próprio imperador D. Pedro II partisse para o teatro da guerra e, em Uruguiana, assistisse à capitação das tropas paraguaias. Comandava a força paraguaia o coronel Estigarriba que foi aprisionado com perto de 8.000 soldados.

A guerra continuou e reacendeu-se a fogueira em Passo da Pátria, muito perto do forte de Itapini, onde se travou um cruento combate, obrigando Solano Lopez a retirar-se para Estero-Belaço.

No mesmo ano, 1865—em 24 de Maio—os aliados obtiveram uma retumbante vitória, designada pela batalha de Tuiuti. Entre os comandos aliados houve desânimos e desarmonia dando em resultado a retirada da luta do general Osório, que passou o comando ao general Polidoro da Fonseca.

Com a ajuda da força naval do Almirante Tamandaré, o general Polidoro conseguiu tomar o forte Curusu.

Combate terrível e longo foi o de Curupatti, havendo inúmeras perdas.

Os paraguaios mostraram a sua coragem, a sua valentia. Houve dos dois lados inúmeros mortos e a vitória final foi das milícias brasileiras.

Solano Lopez começou a ver as coisas mal paradas e enviou ao presidente da Argentina, General Mitre, um emissário a pedir uma conferência com os generais aliados, que eram: Polidoro, do Brasil; Flores, do Uruguai; e Mitre, da Argentina. Polidoro recusa assistir a essa conferência, de forma que esta se realizou com os dois generais restantes, os quais propuseram ao ditador e tirano Lopez renunciar ao poder e retirar-se do Paraguai. Essa exigência não foi aceite e a luta continuou com mais ferocidade e esforço da parte do Brasil. Pode dizer-se que ficou a cargo do Brasil, após essa conferência, o sustento da campanha. Viu-se o governo brasileiro obrigado a tomar medidas radicais e uma foi a entrega do comando geral de todas as forças em luta ao valente marechal brasileiro Luís Alves de Lima, marquês e depois duque de Caxias. Quando este marechal tomou o comando, as forças aliadas não estavam em condições favoráveis. Foi Caxias obrigado pelas circunstân-

cias a estacionar seis meses em Tuiuti, seguindo dali para Humaitá. Fortificou-se em Tuicué, próximo donde Solano Lopez tinha a maioria das suas forças. Em 1868 chegou ali a esquadra brasileira e, em combinação com as forças de terra—do general Caxias—investe sobre o Humaitá. A esquadra brasileira força a passagem, e fundeia pouco acima de Tagi, dando-se, neste ponto, meses depois em fins de Julho, a debandada geral dos paraguaios.

Resolveram os aliados marchar sobre Assunção, capital do Paraguai e marcharam, travando-se combate em Augustura, Piquiciri, Itororó e noutros pontos, até que entraram na capital em 1 de Janeiro de 1869. Lopez retirou-se para as montanhas, a refazer o seu já muito gasto e cansado exército, enquanto Caxias caía fortemente doente e é substituído pelo genro de D. Pedro II, o príncipe Gastão de Orleans. O ditador viu-se então cercado por todos os lados e, em Cervo-Corá, na margem esquerda do rio Aquidabam entrega-se, mas, não aceitando as condições de prisioneiro, tenta fugir, sendo então—diz a história—morto por um soldado, de apodo «Chico Diabo», em 1 de Março de 1870.

Foram as forças comandadas por Gastão de Orleans, marido da princesa Isabel—com a qual o ditador pretendeu casar—que findaram com essa luta que o tirano sem

dó nem piedade provocou, ceifando inútilmente tantas vidas ao seu povo. Este povo submisso e bom, dedicado e leal, obedecia cegamente ao seu chefe; sempre corajoso e valente, acompanhado de suas mulheres que lhes assavam a mandioca, sebastavam o mate e preparavam os cigarros para fumarem; eram uns verdadeiros guerreiros. Mal vestidos e descalços, bateram-se pelo seu chefe com denodado heroísmo. Toda a mocidade tombou; muitas mulheres tombaram ao lado dos seus homens, ficando somente os velhos veteranos e as viúvas ou companheiras.

O país vai-se refazendo lentamente dessa falta de braços jovens, mas também pouco a pouco desaparecendo a docilidade do guarani, para dar lugar à raça aventureira, pelo cruzamento de mulher paraguaia com estrangeiro.

Creio ter satisfeito o teu desejo de conheceres a história do Paraguai, lida e sabida por mim sobre território regado pelo sangue dos brasileiros, argentinos e uruguaios, mas, sobretudo, dos brasileiros e dos próprios paraguaios. Há apenas 42 anos que isto se passou e, por isso, ainda se encontram alguns velhos que recordam essa época em que eram muito crianças os quais escutei com a maior atenção.

O que escrevi, parte ouvi e parte colhi de vários autores na instrutiva biblioteca de Helena.

Envio-te a vista de São Bernardino — da Suíça americana, dizem os paraguaios. Realmente é encantador o seu clima.

Na próxima missiva talvez já te possa dizer quando partirei para Portugal.

Adeus. Abraça-te o dedicado amigo,

MÁRIO.



SÃO BERNARDINO — PARAGUAI: LOCAL DE REPOUSO DOS PARAGUAIOS E ARGENTINOS.
CLIMA MARAVILHOSO.

Sapucaí, 1 de Novembro de 1916.

Meu bom Amigo :

Já neste momento deve estar em teu poder a minha última carta que inseria um resumo da história da guerra que este país sustentou com o Brasil, a Argentina e o Uruguai.

Participo-te que consegui acalmar a angústia de Helena sobre a minha partida para a Europa. Conformou-se afinal em esperar a minha volta nesta poética Sapucaí e, na minha ausência, viver recolhida e concentrada do sonho em que tem vivido há meses com o seu hóspede . . . A Providência proporcionou-me o meio de conseguir poupar a Helena a mágua da minha despedida. Pelo menos na aparência, ela mostra-se conforme, embora às vezes a suprenda com umas furtivas lágrimas no canto dos olhos. Qual o motivo desta mudança brusca? É o seguinte: Encontrei um ente muito novo mas já prático em consolar almas aflitas que, unindo-se a mim, conseguiu em um mês, com a sua convincente palavra, o que eu jamais

conseguiria em seis. Trata-se de um padre italiano aqui residente, que há muito conhece. Não te falei dele nas cartas anteriores, porque nada te podia contar dele. Tenho-o no número das minhas relações aqui conquistadas, mas passageiras e pouco íntimas. Há um mês mais ou menos convidou-me para ir tomár o mate à tarde à sua residência, dizendo que muito desejava conversar comigo sobre o meu país, Portugal, que ele diz não querer morrer sem ver e visitar. É pessoa da minha idade, cultíssimo e de uma suavidade ao falar que logo conquista a nossa simpatia. Na primeira visita contámos um ao outro as nossas vidas desde os primeiros passos da nossa existência, até este momento em que vou deixar Sapucaí. Não difere muito a sua história das dos mancebos nascidos nas nossas aldeias e que determinam seguir a carreira eclesiástica. No entanto, notando eu na sua história, junto à mística profissão, indícios de ambição desmedida de riqueza, é justo que ta descreva tal qual ele a conta. Principia a sua história vulgaríssima. Nasceu em uma aldeia napolitana, de pais agricultores, mas pessoas de valor político e social, com alguns haveres conseguidos à custa de muito suor e trabalho. Pouco, mas muito pouco, herdado. De família, além de pai e mãe, mais uma irmã, a qual está casada com um comerciante, pessoa de influência política também.

Não tinha vocação para sacerdote, mas sua mãe e sua irmã, católicas, apostólicas, após a reza do rosário nocturno, sempre lhe pintavam as misérias deste mundo e que, para agradar a Deus Nosso Senhor, era mister entregar-se ao apostolado e propagar a fé por esse mundo incrédulo. Então um dia resolveu passar da escola complementar para o seminário. Ali muitas e muitas vezes o assaltou o arrependimento, mas soube reagir e foi para Roma completar os seus estudos. Cantou a sua primeira missa, à qual assistiram além de toda a família muitos condiscipulos e amigos. « Foi o dia da maior comoção da minha vida », afirmou ele. Voltei para a aldeia, já padre, e por isso o povo humilde e bom que me conhecia desde menino começou a respeitar-me e a ouvir com a maior atenção as minhas prédicas e conselhos e daí comecei a ter entusiasmo e amor ao sacrifício do sacerdócio.

— *Como veio parar ao Paraguai? perguntei.*

— *O sacerdote que me baptizou e me deu a primeira comunhão veio para a Argentina onde tinha parentes estabelecidos. Este sempre escrevia cartas a meu pai contando maravilhas dos países da América e, mês sim, mês não, mandava para depositar à sua ordem, no Banco de Nápoles, importâncias fabulosas que, segundo ele, ganhava facilmente. Não se esquecia da pobreza da*

aldeia pela qual era considerado um grande benemérito. Estas notícias tiravam-me o sono e incutiam em mim o desejo de, sendo sacerdote, ser também um benemérito. Deu-se a casualidade de ter o governo argentino oferecido passagens gratuitas a todo aquele que quisesse ir para aquele país trabalhar na agricultura. Um condiscípulo e meu amigo íntimo, filho de um fabricante de massas na cidade de Nápoles, resolveu inscrever-se como agricultor com o fim de aproveitar a passagem e ali estudar o meio industrial e comercial para montar uma fábrica do mesmo artigo, em sociedade com o pai. Foi despedir-se de mim e nessa ocasião pedi-lhe que me dissesse qualquer coisa do meio católico argentino se o clero vivia bem e desafogado e se havia muitos como o padre Justino — que me baptizou — e que não se cansava de mandar dinheiro. O amigo partiu e, antes de um ano passado, escreveu-me dizendo maravilhas do país e a facilidade que havia de os padres fazerem fortuna. Isto fez despertar em mim uma grande ânsia de vir também para cá. Pedi licença ao Santo Padre, comprei passagem e, quando menos o amigo o esperava, estava a seu lado. Apresentei-me ao Sr. Bispo de Buenos Aires que me recebeu regularmente bem e me recomendou ao pároco de São Nicolau, um velhinho rabugento, que me recebeu de má catadura, mas que acabou por ser de uma bondade

inesquecível. Este era bastante esmoler, mas por mais que desse, não gastava a sua fortuna, ganha, não com missas e enterros, mas muito mais como intermediário na compra e venda de terrenos. Aproveitando as suas muito ricas relações, comprava e vendia campos de valor de milhões de pesos, recebendo das duas partes, vendedor e comprador, grossa comissão. Eu, seguindo o seu exemplo, ganhei algum dinheiro e ainda hoje a seu lado continuaria se não fosse uma campanha nos jornais contra nós por esses negócios feitos por sacerdotes como se isso fosse um pecado. Deu-se então o caso de ter por confessada uma família paraguaia ali residente, que possuía bastantes terras em Humaitá, e convidaram-me a vir para aqui, onde diziam eles ser o paraíso terráqueo. Vim e consegui a Paróquia de S. José, em Sapucaí, e aqui estou relativamente feliz. Esta casa que vê e a terra que a circunda, com uma área de cem mil metros quadrados, é propriedade minha.

Produz, excepto tabaco, tudo : milho, batata, mandioca, duas mil laranjeiras, campos de pasto para gado, perfazendo tudo uma regular renda.

Depois de ouvir tudo isto, contei-lhe a minha vida com a Helena e o meu propósito de não casar com ela. Manifestei-lhe a dificuldade que sentia para me desligar da sua companhia, pois necessitava de regressar a

Portugal. Ele, gentil, ofereceu-se para, por meio da sua fácil palavra e da sua governanta — uma bela italiana — ajudar-me a convencer a Helena de que devia deixar-me partir e que, se o destino assim determinasse, eu voltaria e a felicidade continuaria. Foi este oferecimento um alívio para mim e de tal forma que Helena mostra-se calma e está por tudo que nós quisermos.

Em virtude desta relativa paz nas nossas almas, sigo, no dia 15 do corrente, de Assunção, no vapor brasileiro « Oyapoc » que faz a carreira de Mato Grosso até Montevideu, onde penso embarcar no dia 10 do mês próximo, no « Orita », da Companhia Mala Real do Pacífico, com destino a Lisboa.

Vou partir com infindas saudades do Paraguai e da Argentina. Estou certo de que tu sabes avaliar como eu o que têm de bom estes países da América do Sul, tanto o Brasil, a Argentina, como o Paraguai. Admiráveis pela liberdade que todo o cidadão goza, quer como nacional, quer como estrangeiro. Quase existe entre eles o livre trânsito. Não há as exigências do passaporte e outros requisitos tão enfadonhos e incômodos para quem viaja. Não existe aquela burocracia sempre exigente, e muito menos a pouca delicadeza de alguns funcionários das repartições europeias. Digo-te que é uma delícia viajar na Argentina e no Paraguai, pois que,

ao passarmos de uma para outra nação, parece que não saímos da primeira. As províncias limítrofes, sobretudo a de Corrientes, Argentina, é tão similar nos usos e costumes à do Paraguai que só notamos a diferença de país ao vermos as bandeiras que flutuam nos mastros das repartições fiscais da fronteira, onde se é atendido com o máximo requinte de amabilidade, predispondo òptimamente o espírito do viajero, turista, comerciante, nacional ou estrangeiro. Não têm os governos destas progressivas e cosmopolitas nações, vizinhas e amigas, a desconfiança ou o medo de que se introduza no seio da sua população um anarquista, socialista, comunista, monárquico ou republicano. É indiferente aos governos, a ideologia do indivíduo que vai em negócio, trabalhar, de passagem ou para se fixar, pois que todos estão obrigados a respeitar a ordem e a acatar as leis do país onde se radicam. Se transgredir, o estrangeiro é expulso por indesejável e o nacional, pobre ou rico, obreiro ou patrão, empregado ou chefe, o menos que lhe pode suceder é prisão por longo tempo e até com trabalhos forçados.

Não se coarcta a liberdade a quem quer trabalhar. Pelo contrário, antes o estimulam e ajudam.

Adeus, Paraguai e Argentina. Adeus, América do Sul. Até um dia! Volto para a minha Pátria, ansioso por abraçar os meus,

*no meu torrão natal. Adeus amigos ; adeus
Helena ! Voltarei ? O destino o determinará.*

*Se não puderes vir a Montevidéu, recebe
o adeus do teu amigo, que te espera na
Pátria,*

MÁRIO

PRIMEIRA CARTA DE LUCIE

Bordo do «Flândria», em... de... de 19...

Meu amiguinho adorado :

São 10 horas da noite. Sinto na alma a dor profunda da despedida. Naquele triste e inesquecível instante, fiquei presa à borda do deck a olhar com aletargada tristeza para a silhueta da cidade de Buenos Aires e, enquanto velozmente ela se ia esvaindo da minha retina, eu continuava a ver-te, em pensamento, acenando-me com o teu lenço branco. Não sei quanto tempo estive nessa posição. Sei apenas que despertei e abstracta, sem ver pessoas e coisas que ao meu derredor se movimentavam, recolhi-me ao camarote a dar curso às lágrimas, por não as poder conter. Através dos vidros das janelas via as barrentas águas do grande Rio da Prata, correrem em vertiginosa carreira para teu lado, embora a marcha do vapor fosse lenta, pelo receio de encalhar. Esta lentidão e suavidade que se sente quando se navega em água doce, fazia-me sofrer e sentir mais esta dor da saudade e compreender que esta lentidão condizia bem com a mágua acerba

do meu coração. Cheguei a ter minutos de tal desalento, por afastar-me cada vez mais de ti, dos nossos platónicos idílios, dos gestos gentis que tiveste por mim, do teu respeitador carinho, que me assaltou o receio de que o meu coração parasse e com ele a vida de vez se extinguisse.

Não me senti com coragem para arrumar nos móveis brancos do camarote, os vestidos que devo usar durante a viagem. Apenas retirei da malinha porta-jóias o teu retrato e a sagrada imagem da minha Padroeira e protectora, Nossa Senhora de Frevières, colocando-os ao lado do espelho, onde todos os dias me enfeitarei para me iludir e à sociedade com quem vou conviver durante 20 dias, neste flutuante e pequeno mundo para mim ignorado, que é o «Flândria». Que viagem me proporcionará o destino? A calcular pelas horas que neste momento vivo, será ela de constante sofrimento e saudade. Mas reagirei, é necessário que assim seja, pois conheço o teu bom senso, o teu ajuizado pensar e até te ouço dizer o que tantas vezes me disseste: Diverte-te, Lucie, goza a vida como ela deve ser gozada. Poderei eu ter forças para seguir o teu conselho? Como te quero! Como te adoro! Só agora o sei bem. Se não fosse a esperança de um dia te pertencer para sempre, faria um pecado, atirar-me-ia ao estuário do Prata, para que o meu corpo inerte desse à costa e

fosse bater de encontro ao solo que neste momento pisas. Quantas perguntas o meu pensamento tem feito desde que os meus olhos deixaram de te ver! O meu coração sangra e pergunta:—Ele querer-me-á tanto como eu lhe quero? Não terá ele outra lá que o faça esquecer-se de mim? Porque não lhe fiz eu a vontade? Talvez com os meus carinhos o prendesse para sempre.

Quando maguado e triste tinha o meu cérebro neste interrogatório, tocaram o sinal para a refeição da noite. Despertei então do sonho que me acabrunhava e lembrei-me de tirar da mala o vestido de seda azul marinho que de noite parece negro, da cor do meu coração. Beije a santa imagem da minha fé e devoção, fiz a toilette sem uma jóia e fui para a minha primeira refeição a bordo. Não para satisfazer o apetite, porque ele não existia, mas sim para saber que mesa no salão me tinham destinado. Não gostei da que me indicaram, onde havia um casal e um cavalheiro. Pedi uma mesinha pequena, isolada só para mim, encostada às paredes laterais do salão, que tu conheces de quando viajaste neste vapor. Uma coincidência em que tu nem eu tínhamos reparado. O meu camarote é o 33, o mesmo que disseste ter ocupado naquela viagem comercial que fizeste de Lisboa ao Rio de Janeiro. Esta casualidade vai despertar em mim, durante a viagem, um mundo de saudades!

Como previa, não comi coisa alguma. O garçon me perguntava se estava enjoada, se queria que mandasse fazer algum prato especial, ao que eu quase não podia responder pela tristeza avassaladora que sentia, recordando a boa camaradagem dos companheiros do C. P., tu e o doutor Achával, na inesquecível viagem de Lisboa a Buenos Aires. Não pude resistir à paixão que me assaltou após essa lembrança. Levantei-me da mesa e vim para o camarote arrumar a roupa nos gavetões, escrever-te e dar princípio ao diário da minha viagem, como te prometi. Chegam aos meus ouvidos os acordes da música, da orquestra que toca no salão que, como sabes, fica bem perto do camarote. Também no corredor próximo, ouço argentinas gargalhadas de meninas moças. Tudo música, alegria dos outros e até as flores que me entregaste, me causam uma nostalgia infinda. Amanhã, em Montevideu, integrar-me-ei na realidade da vida e tomarei o papel verdadeiro de um viajante, mas sem te esquecer um momento. Penso ir à Avenida 18 de Julho procurar o nosso inolvidável companheiro de viagem, Dr. Achával, no seu consultório, e com certeza falaremos muito de ti.

Adeus, meu verdadeiro e único amor, vou deitar-me com o pensamento em ti. Até amanhã, boa noite da tua, só tua,

LUCIE

ÍNDICE

	PÁGS.
PREFÁCIO	7
PREÂMBULO	11
I — A bordo	13
II — A vida de M. ^{me} Lucie	19
III — Milagre?...	31
IV — Jacaré caçado a laço	39
V — Um grito na selva	45
VI — Oito horas no Rio de Janeiro	49
VII — Chegada a Buenos Aires	55
VIII — Despedida do Dr. Achával	57
IX — Impressões da Capital «Porteña»	61
X — Gratidão e amor incompreensível	71
XI — Sou ditoso! Encontrei Lucie!	79
XII — Relações com portugueses	85
XIII — O despertar da cidade.	95
XIV — Duas lágrimas de Lucie dizem muito	107
XV — O minhoto Mário Viana	109
XVI — «Na Europa tudo poderá ser; na América, nada»	119
XVII — A lealdade gaúcha — Uma churrasqueada	121
XVIII — A Fonda del Crocodillo	133
XIX — A barca portuguesa «Elvira».	141
XX — O casamento e a mortalha...	147
XXI — Penúltimo dia dum idílio platónico	167
XXII — Os primórdios do socialismo argentino	171
XXIII — Tentativa de provocação ao Brasil.	175

	Páas.
XXIV — Um episódio «callejero»	179
XXV — O primeiro amor de Alberto Viana	189
XXVI — Não há bem que sempre dure...	197
XXVII — O Presidente Dr. Roque Saenz Peña e o sufrágio universal	201
XXVIII — Tráfico de escravas brancas	205
XXIX — Três crimes sensacionais	211
 A VIRGEM DE LUJAN E SUA LENDA.	 227
COMO VIU MÁRIO O PARAGUAI	241
PRIMEIRA CARTA DE LUCIE	315

ÍNDICE DAS GRAVURAS

	PÁgs.
A bordo	25
Sacudindo a longa cauda...	41
Pão de Açúcar	51
Emigrantes	54-55
Mar del Plata	58-59
Buenos Aires.	60-61
Avenida Leandro N. Alem	67
Avenida de Maio	70-71
Jockey Club	88-89
Avenida de Maio	101
Um duelo gaúcho	123
Antiga Estação do Ferro-Carril Central Argentino	127
Club de Regatas.	128-129
Reachuelo	137
Nova Estação.	153
Praça do Congresso	163
Hotel dos Imigrantes em 1902	184-185
Bosque de Palermo.	213
Mercado Central em 1902.	218-219
Hipódromo Argentino em 1916	222-223
Igreja de Lujan em 1916	226-227
A Catedral	233
Assunção	242-243
Calle Chile	244-245
Mate y Bombilha	248

	PÁGS.
Paraguaías	254-255
Bombilhas	256
Pava	264
Paraguai	266-267
Jericada	268-269
Encarnação	282-283
São Bernardino	306-307

COMO A CRÍTICA RECEBEU A OBRA «EM BUSCA DO ELDORADO»

O Brasil, com a vastidão imensa dos seus territórios, com a atmosfera de mistério que rodeia as suas selvas quase infinitas, tem sido para os portugueses—especialmente para os habitantes das nossas províncias—uma atracção irresistível.

Julgava-se—e há ainda quem julgue—que a vida nas terras de Vera Cruz é uma delícia sem par, que o dinheiro parece brotar da terra, que os matagais encerram tesouros enormes. Muitos iam e voltavam riquíssimos: logo, era fácil fazer fortuna. E muitos mais abalavam, uns para agricultural fazendas que eles sonhavam enormes, outros para commerciar mercadorias fabulosas, outros, ainda, sem plano assente, dispostos a suportar o que dispusesse a sorte.

Para alguns era sorridente o destino e voltavam com dinheiro. Para outros, os mais numerosos, as coisas corriam mal e por lá ficavam, sem amparos, sem carinhos, até que alguma alma bondosa os mandasse para a Pátria ou até que se lhes findasse a vida.

Mas estas aventuras em uma terra, hospitaleira, sim, contudo estranha, poucas vezes têm encontrado quem as descreva em

um livro. Pomos de lado, é claro, as obras romanceadas, com uma parte muito grande de fantasia e uma restricta parte de realidade. Os romances vividos, os livros em que, sem artificios inúteis, fala quem foi a personagem da aventura—esses são raros.

É o illustre escritor minhoto Manuel Augusto Vieira que nos apresenta agora um livro a que deu o sugestivo titulo de

EM BUSCA DO ELDORADO,

Obra interessantíssima, nela se observa o Brasil em muitos dos seus mais curiosos aspectos. No Maranhão, no Pará, em Tapajós, pela zona da selva em que os mosquitos são um perigo e em que miríades de outros insectos constituem um tormento formidável, o autor val fazendo o seu comércio—e, ao mesmo tempo, tomando notas do que vê, dos muitos casos que diàriamente ocorrem.

A naturalidade das descrições, a oportunidade do dialogo e, sobretudo, a ausência de preoccupações de estilo fazem deste livro uma narrativa de excepcional valor. Os costumes dos in-

dígenas, as belezas deslumbrantes da floresta amazônica, uma ou outra curta história de amor, dão vida intensa à obra que Manuel Vieira nos apresenta. E as fotografias, muitas delas tiradas pelo próprio autor e todas expressivas, ajudam a precisar as ideias que o ilustre escritor deixa nas páginas do seu livro.

Depois, tudo aquilo é particularmente sugestivo, porque es-

creve quem soube ver e viver no Brasil. E por se tratar de uma obra como não é muito frequente ver-se nos nossos livrellos, estamos certos de que EM BUSCA DO ELDORADO val ter um êxito a que tem indiscutíveis direitos. Edição de Barcelos, muito apresentável.

«REPÚBLICA»
de 15 de Janeiro de 1937

Com o título «Em busca do Eldorado» e em elegante edição da Companhia Editora do Minho, a que um feliz desenho de Gonçalves Torres dá vivo realce, o nosso amigo e inteligente industrial sr. Manuel Vieira, acaba de publicar um interessante livro de recordações do passado que os nossos olhos correram com verdadeiro deleite.

O seu elogio está nas palavras do prefácio do talentoso advogado sr. dr. Domingos de Figueiredo que a seguir transcrevemos:

«Apreciei mais particularmente a viva descrição das muitas e variadas terras por que passou e nos apresenta nas suas tão expressivas telas em que a distribuição das cores é perfeita e feliz e como, por certo, o não conseguiria melhor pintor experimentado da paisagem brasileira».

Agradecemos o exemplar que amavelmente nos foi oferecido.

«O COMÉRCIO DO PORTO»
29 de Dezembro de 1936

É uma curta narrativa da vida nos sertões de Maranhão e Tapajós, tratada por quem com certeza os viu e palmilhou. Há no livro algumas interessantes páginas de cor, mas se fossem efabuladas com um ou outro dos episódios, por vezes dramáticos, que aponta, constituiria um autêntico romance de costumes brasileiros.

A par dos trechos impressionantes, o autor dá-nos capítulos cómicos como se realmente os tivesse vivido.

Recomendamos a leitura de «Em busca do Eldorado», por que nalgumas das suas páginas há realmente excelentes lições.

Edição da Companhia Editora do Minho — Barcelos.

«ARQUIVO NACIONAL»
24 de Fevereiro de 1937

biblioteca
municipal
barcelos



6688

Recorrido, Ses da Argentina e
Paraguan